

12  
anos

revista

# Barbante

VOL. XII - Nº 66 - 30 DE AGOSTO DE 2024  
ISSN 2238-1414



*Manoel V. Soares*  
ago. 2024

Escravo da Arte  
Página 46



# *Palavras aos leitores e às leitoras*

A Revista Barbante está feliz com a publicação deste número 66! Este mês, celebra a vida dos pais que contribuem com o nosso trabalho há anos! A cada edição, ela cresce um pouco mais com a colaboração desses seres iluminados, os quais lidam de diferentes maneiras com seus filhos. Pais que geram, pais que criam, pais que semeiam vidas neste mundo!

Na presente edição, a Barbante é a filha tímida e carinhosa de um pai muito amoroso: o saber. Este, por sua vez, está semeado aqui em diversos gêneros de textos: contos, crônicas, ensaios, fábulas e poemas. Na vastidão do mundo, a Barbante traz à luz as produções riquíssimas de autoras e autores proficientes, compromissados/as com a arte e a ciência brasileiras!

Nós, editores, reconhecemos o progresso da Barbante com esta edição repleta de vozes multiformes. Vocês semeiam, sempre, as sementes mais prósperas em um campo produtivo. Persistem, conosco, no combate às múltiplas violências contra a liberdade de expressão do saber. Portanto, paulatinamente, nós remodelamos realidades e identidades, valorizando os imaginários sociocultural, educacional, histórico e político brasileiros.

A Barbante continua rica e potente com os trabalhos de vocês, que nos leem e nos escrevem, incansavelmente! A nossa gratidão a todos/as e, em especial, nossos parabéns aos papais que nos submetem textos desde o início do nosso caminho do saber. Que este, então, não tenha fim, mas se estenda pela eternidade!

Desejamos uma ótima leitura!

*Os editores.*



# Contos

## Livramento

Do livro eu não me livro, nem me livraria, pois o livro me faz livre. Assim, livro-me do mal de não querer ser livre.

Liberto, livro aberto, o sabor e o saber é certo. Errado, é manter um livro fechado.

Adriano Salvi

## A repartição igualitária da miséria

Era um dia de folga e não havia nenhum compromisso para a banda Crop Circles, formada por Mila Cox e Zími.

Estavam de folga também de suas atividades como copywriters, que os sustentavam.

Não viviam da música, mas viviam para ela.

Mila Cox bateu à porta de Silvano, e lá estavam ele e Zími fumando maconha, tomando rum e ouvindo Circle Jerks.

Silvano estava olhando pela janela quando ela entrou. Virou-se da vista que tinha para a rua e comentou:

“É preciso que haja uma nova civilização. Esse imenso contingente que vaga aí fora é como um rebanho de ovelhas zumbis, que destroem umas às outras por nada, além da necessidade de canalizar a frustração que sentem por serem tão infelizes com suas vidas mortas. Suas vidas são vagas existências frias, quase ocultas em meio ao gado. Muitos tem e carregam um único livro, que nunca leram, mas que consideram sagrado. Se o povo lesse mesmo a bíblia, não haveria pastores milionários sugando dinheiro dos pobres.”

Ele usava uma regata amarela dos Bad Brains e segurava um copo grande de rum com limão e hortelã.

O que ele disse era algo que Cox sabia, e que servia de tema para as músicas que compunha em parceria com Zími, para a banda Crop Circles.

Ela falou: “É tanto dinheiro gasto com pagamento de pensão pra filha adulta de militar, e dali não sai uma banda que preste.”

O universo masculino ainda a chocava em alguns aspectos.

A casa de Silvano Angulo (nascido em Canelones, Uruguay, mas que vivia em São Paulo desde os dois anos de idade, trazido pelos pais, e que por isso falava português quase sem sotaque) era o que ela chamava de “barraco mal assombrado de um gringo louco”.

Silvano atribuía essa condição ao fato de ser solteiro, dizendo que é uma das poucas desvantagens de nunca ter se casado. Tinha quarenta e nove anos, sem filhos nem responsabilidades paternas.

Ele também estava de folga de sua atividade de fazer carretos com sua Kombi, e também de sua ocupação como músico, em uma banda de um homem só, em que tocava uma guitarra sentado, tocando a bateria com os pés.

Até aquele momento de sua vida, Cox, de vinte e um anos, não conhecia muitos tipos de homens.

Haviam alguns que tinham uma casa organizada e limpa, mas que eram chatos, reacionários

e com gosto musical ruim.

Um outro tipo de homem era como Zími e Silvano, que de tanto desapego pela organização de suas moradias, precisavam fazer a compensação com a doação de seu tempo e energia em prol da arte.

Ela sabia que nem todos os homens se restringiam a essas duas condições, mas a aparição de alguém que fosse um meio termo poderia ser chata, e alguém que fosse ordeiro e talentoso artisticamente seria provavelmente um tipo inacessível a ela.

Ian MacKaye era quem ela considerava um exemplo que deveria ser seguido por mais homens.

Seu círculo de amizades verdadeiras era restrito. Por conta de suas atividades musicais, tinha muitos contatos mundo afora, porém, aqueles dois sujeitos eram as pessoas com quem ela mais convivia cotidianamente.

Quando ela passou a dividir um apartamento com Zími, ele foi obrigado a se adaptar a certas condições sob as quais não costumava viver antes, quando morava sozinho em quartos de pensões, que para Cox seriam deprimentes, mas que para ele eram normais para um cara de meia idade e solteiro, completamente alheio a uma vida em família.

Ela dizia estar ainda desaprendendo informações falsas sob as quais fora programada, inclusive na escola, e sempre ouvia de Zími que não havia perdido nada por não ter vivido no século vinte, período em que, segundo ele, houve a ascensão fulminante da figura do idiota.

Zími repudiava as convenções familiares da classe média. Isso começou na infância, em sua própria casa, e era outro tema que usava em suas músicas.

Eles eram vizinhos de porta no mesmo prédio em que Silvano já vivia há vários anos.

Os dois apartamentos eram, na prática, a extensão um do outro.

Mila Cox dizia que as divisórias eram apenas para que ela tivesse controle para manter certo isolamento de bizarrices do universo masculino, caso isso fosse necessário em algum momento.

Ela foi para a janela. Estava no sexto andar, olhando de cima a Rua da Glória, no centro de São Paulo. Chovia e a cidade passaria pelos mesmos problemas, de novo. Era confortante não estarem presos no trânsito daquele horário.

Viu um catador de latas tirar uma lata do lixo e beber seu conteúdo, antes de jogá-la dentro de uma sacola.

Então virou-se para dentro do apartamento e ficou com vontade de repetir algumas coisas que Silvano já havia falado no começo da conversa, mas deixou quieto.

Zími estava sentado numa poltrona com um curativo sujo pendurado no polegar, pois horas antes havia cortado o dedo quando cortava limão para misturar na bebida.

Ele apenas resmungava para si mesmo que o rebanho humano persegue loucamente o superficial, e que como indivíduos, apenas existiam, mas não viviam, além de serem facilmente manipulados por charlatões.

Mencionava também as péssimas condições das grandes cidades brasileiras, abandonadas e com suas infraestruturas loteadas pelo empresariado parasitário que enriquece cada vez mais, enquanto o povo vive no lixo.

Ele vestia uma camiseta branca com a cara do Damo Suzuki e tinha na mão um caderno em que esboçava a letra para uma música nova, tentando não se repetir demais na temática.

Por costumar dizer o que pensa, já não tinha nem parentes mais.

Eles não tinham religião, então não tinham motivos para não falarem a verdade através de suas músicas.

Sabiam que havia sempre um limite além do qual, a tolerância deixaria de ser uma virtude.

Diante de situações sociais bizarras que se repetiam, tentavam se consolar com a abundância contínua de temas a serem abordados.

É claro que além de tudo haviam guerras também. E havia, nos portais de notícias da internet um imenso espaço desperdiçado com subcelebridades momentâneas das quais eles nunca haviam ouvido falar, e que eram levados à fama pelos motivos mais torpes.

A fama que essa gente tinha era a serem idiotas expostos ao grande público, que em parte se identificava, por também se tratar de um grupo de idiotas.

Nem mesmo o dinheiro poderia compensar tamanha desgraça, onde a integridade e a dignidade são apenas palavras esquecidas no dicionário.

Fernando Barreto

## A polícia do sonho

Para Magrão, guitarrista da banda de punk rock Secreção, não era a graça, a beleza, o carisma e nem o Fender Jazz Bass azul que mais o impressionava em Mila Cox, a baixista e vocalista dos Crop Circles.

De acordo com ele, em conversa com Zími, baterista, vocalista e parceiro musical de Cox, o que realmente lhe roubou o coração foi a forma como as pontas do cachecol batiam em seus joelhos, enquanto caminhava ao chegar no local do evento.

Magrão dizia que esse detalhe exibido sem querer, mas de forma tão charmosa e espontânea, lhe tirou do sério.

Era uma festa junina com bandas do underground, evento que segundo Mila Cox, demorou a ser compreendido pelos síndicos, tamanha a falta de familiaridade dessas pessoas com esse tipo de evento.

Era um deles pela realização do evento, contra a resistência de outros quatro.

Havia muitas crianças do condomínio de classe média que nunca tinham visto uma guitarra de perto. Instrumentos musicais pareciam causar muito mais medo em alguns pais do que armas.

Uma garota que morava ali propôs a escalação dos Crop Circles, pois os havia visto tocar em Limeira, em 2022.

Magrão e seus colegas haviam encerrado a apresentação do Secreção quinze minutos antes, e agora a banda de glam rock Silvícolas se preparava para fazer o último show daquele domingo.

Já era noite de domingo quando iniciaram o show.

Era o quarto e último show daquele dia, daquela festa em São Caetano.

Esse rolê foi programado para acabar por volta das dez da noite.

Três shows já tinham acontecido antes dos Silvícolas: o uruguaio Silvano, banda de um homem só, foi o primeiro, seguido dos Crop Circles e do Secreção.

Zími já havia conversado com Magrão à tarde, antes de tocarem. A princípio parecia um cara bastante coerente no que falava. Nada indicava que ele fosse louco. Então Zími logo ficou curioso para saber se depois ele havia tomado algo para ficar louco.

Minutos depois de Magrão contar essas coisas a Zími, Mila Cox os avistou debochando cruelmente dos Silvícolas, que estavam no palco naquele momento.

Riam alto e até apontavam para eles, em meio a gargalhadas de deboche.

Nada disso abalou aqueles posers espalhafatosos, uma banda que misturava Glam e Hair Metal de maneira bastante original, até o ponto em que isso é possível, e não pareciam simples cópia das bandas do gênero, e que foram varridas pelo grunge trinta anos antes.

Fizeram o show até o fim e aparentemente agradou, pelo menos de acordo com a reação do

público, com cerca de cento e cinquenta pessoas. Apenas duas pessoas zombavam deles.

A maioria das pessoas presentes assistia com curiosidade aquela banda que, apesar de a princípio parecer uma simplória mistura de Ratt e Europe, tinha personalidade.

Depois do show, Mila Cox estava furiosa e foi em direção à dupla de fanfarrões.

Cabelos lisos até o ombro, com tintura laranja, saia xadrez, um pesado par de botas e camiseta do Bikini Kill.

Ela falou: “Que porra é essa? Onde está o respeito pelos caras?”

Quando Magrão a viu a dois metros de distância, e brava, sua cara empalideceu rapidamente e ele emudeceu.

Zími falou: “Não estamos desrespeitando ninguém. Fizemos nosso show, agora estamos assistindo essa banda. Eles têm algo de humoristas. Há algo satírico tanto no som como no visual desses caras.

O vocalista parece o Marinho Chagas. Com uma camiseta do Cheap Trick. Nós, inclusive vamos parabenizar esses heróis pela coragem e competência. Divertiram dois caras que não riem de qualquer coisa. Depois de três shows em que a temática dos artistas era muito mais política, detonando políticos escrotos e pastores picaretas, salientando que insegurança alimentar é um apelido fofo pra fome, que atinge metade desse país medonho, finalmente entendemos porque essa banda foi escalada pra encerrar o rolê. Afinal é uma festa junina e é preciso que haja alegria.”

Mila Cox: “Vocês apontavam pros caras e davam risada! Com a idade que você tem, já deveria ter aprendido a manifestar com mais clareza o que pensa!”

Ela olhava para Zími e aparentemente ignorava a presença de Magrão. Só o conhecia pela internet e não tinha intimidade, mas para o caso de a carapuça servir, então estava dito.

Zími falou: “Quando um cara sobe ao palco e vê que causou reação à plateia, qualquer que seja essa reação, é algo mais satisfatório que a indiferença. Quando as pessoas saem para buscar cerveja no meio do show, aí sim o artista tem que reavaliar seu trabalho. Eu não sou um daddy rock que ouve clássicos do rock e fica falando que no passado a música era melhor. Autenticidade é tudo, e caso você consiga fazer algo novo, esteja preparada pra ser imitada e copiada. Há o lado revoltante, e há também um reconhecimento pelo trabalho.”

Acabou naquele momento o show dos Silvícolas, então Mila Cox, Zími e Magrão silenciaram por um tempo curto para olhar a festa que faziam entre eles pela sensação de missão cumprida.

Eles levaram garotas e amigos, que pareciam ter saído de 1988, pouco antes dos posers dos anos oitenta serem varridos da cena. Zími se perguntava onde aquelas pessoas andavam em dias comuns da vida cotidiana.

Também havia hipsters no meio do público, possivelmente por conta da publicidade feita por Mila Cox. Em shows dos Crop Circles sempre havia hipsters.

Pessoas se dispersaram e grupos se desfizeram com o encerramento do último show e Zími logo sugeriu a Cox que procurassem Silvano para irem embora.

Silvano e os Crop Circles tocaram no dia anterior, em outra festa junina, na Casa Verde.

Zími sempre se dizia estafado quando tocavam em dois dias seguidos, e mal podia esperar para deitar no banco traseiro da kombi de Silvano, e acordar na garagem do prédio em que moram, no centro de São Paulo.

Magrão não tinha esperança de que sua proximidade com Mila Cox passasse de coincidências na agenda de shows ou eventuais conversas na internet. Mas ele sabia que ela estaria policiando sua conduta até mesmo em seus sonhos.

E isso aconteceria por desejo dele. Aderir a uma cartilha que se não fosse seguida, o faria temer pelo repúdio de gente coerente.

Fernando Barreto

## Pisando na merda

Fernando Barreto

Zími Silvano tinham várias piadas sobre o fato de Mila Cox às vezes pensar em inglês.

Quando criança, ela conviveu bastante tempo com sua tia Sara Cox, que havia morado muitos anos na Inglaterra, depois de viver a juventude numa casa proletária no bairro da Penha.

Sara tinha ido para lá aos dezoito anos, para estudar. Seus pais economizaram dinheiro por muito tempo para que isso fosse possível, assim que ela atingisse a maioridade.

Então casou-se com um inglês funcionário de pub para viabilizar uma permanência mais longa no país.

Sara foi fundamental na educação musical da sobrinha. Foi quem lhe apresentou os discos que vieram a moldar o gosto musical da garota. Estava à frente do tempo das outras pessoas de sua família.

Previu que o futuro seria de luta e resistência contra a barbárie fascista.

Conversavam em inglês, e Mila Cox, ainda criança, aprimorava o entendimento do idioma traduzindo as letras das músicas que ouvia.

Sara dizia para a sobrinha que muitas pessoas se irritam com aquelas que adotam padrões de vida mais individualizados. Sentem-se insultadas, humilhadas e reduzidas a seres ordinários.

Já naquela época, Mila Cox já pensava que a falta de uma resposta definitiva parar o sentido da vida era algo a ser encarado como liberdade. Não havia a pressão e nem a tristeza de um futuro pré-decidiado.

Certa vez, ouviu da tia que a vida é uma longa preparação para algo que nunca acontece. Diversas vezes ouviu também que a utopia é algo que está sempre no horizonte, e que se afasta à medida que avançamos, e que serve justamente para não ficarmos parados no mesmo lugar.

A tia lhe contava coisas do século vinte, fazendo comparações com fatos ocorridos no presente. Sempre lembrava que também há riqueza potencial naquilo que não precisamos ter.

Havia uma foto das duas na sala do apartamento que Mila Cox dividia com Zími. Mila Cox tinha quatro anos, e Sara tinha vinte e oito.

A tia usava uma camiseta do Television, que dizia ser melhor que Talking Heads. A sobrinha nunca havia chegado a nenhuma conclusão sobre isso, e gostava igualmente das duas bandas.

Então, em 2024, com vinte e um anos, ao saber da morte de Wayne Kramer pela internet, Mila Cox disse: “Oh fucking god!”, na sala do apartamento que dividia com Zími. Ele e Silvano estavam presentes.

Os dois sabiam que se tratava de algo sério, e portanto fizeram as piadas antes que ela contasse o ocorrido.

Enfim, ela contou e foi feito silêncio por trinta segundos.

“Caiu mais um pilar de resistência. Tinha sonoridade e atitude.” - disse Zími.

“Pelo menos ele teve uma longevidade razoável para a vida que levou, e provavelmente terá mais sossego agora do que teve em vida. E fica o legado. Falava para as ruas, era mais próximo da nossa realidade, mesmo em outro país e em outra época, diferente de gente que fazia parte de bandas que tinham aviões, falavam de escadas para o céu e tinham contas bancárias milionárias. Medalhões que eternizaram sua obra e estão com idade muito avançada, ou mortos. “- disse Silvano, que é uruguaio mas não tem sotaque, porque vive no Brasil desde muito criança.

“Ainda esse ano cairão outros pilares, entre eles, medalhões que no nosso imaginário pareciam eternos . Pessoas que quando eu era moleque já estavam consolidadas na carreira, com grana e que há algumas décadas causavam em mim um sentimento que beirava a inveja. Hoje, alguns ainda são milionários, mas estão no fim da vida. Deve ser triste para eles, porque para esse caso o dinheiro não é solução” -disse Zími.

“A melhor idade é estar vivo. Os próximos pilares a cair podem ser até mesmo vocês, isso seria devastador pra mim. E apesar de eu ainda ser jovem posso ser eu a próxima a morrer, sabe-se lá como. Nesse ponto estamos todos nivelados. Viver contra a existência de música marqueteira popularesca é uma boa causa.” - disse Mila Cox.

Dias depois, quando ela escrevia uma música sobre tabus que oprimem a sexualidade feminina, souberam da morte de Damo Suzuki.

A tristeza foi ainda maior, especialmente para Zími, que o tinha como exemplo, quase como um guru artístico. Ele havia presenciado um show de Suzuki em São Paulo, já em carreira solo.

Agora que moravam na região central, viviam perto do local onde aquele show aconteceu.

Na ocasião, Zími havia ficado surpreso com o número de garotas presentes na platéia, o que só fez aumentar sua admiração por esse artista magnífico.

No dia da morte dele, os três reouviram discos do Can, antiga banda de Damo Suzuki.

Durante a audição, Zími fazia anotações num caderno, para depois editá-las e transforma-las em alguma música nova para o projeto musical Crop Circles, que mantinha com Mila Cox.

Ela, que à noite ficou embasbacada ao saber que um censor da ditadura brasileira chegou a emitir um mandado de prisão para o filósofo Sófocles, pela autoria da peça Édipo-Rei, escrita cerca de quatrocentos e vinte e sete anos antes de Cristo, e que seria encenada naquele período, no Brasil, caso a censura liberasse.

Pensou então na maluquice que seria viver num tempo em que teria que enviar suas músicas para censores completamente senis, reacionários e ignorantes, sabendo que nenhuma delas seria aprovada para lançamento.

Sem contar as outras dificuldades. O alto custo de qualquer gravação feita na época, além da absurda falta de informação, por conta da censura à imprensa e a outros artistas da época, e isso somado ao fato de que muitos discos internacionais relevantes não eram lançados no Brasil, e quando eram, custavam caro.

Foi logo trazida à realidade de seu tempo por Zími, que insistia em dizer que sua vida jovem no último quarto do século vinte foi uma experiência nada saudosa, ao mesmo tempo em que tinha sérias críticas e restrições ao primeiro quarto do século vinte e um, em que a informação abundante e fácil formou uma geração fútil, que não lê, ouve músicas ruins e tem uma vida social debilitada pela tecnologia.

Para Mila Cox, Zími e Silvano, a tecnologia trazia benefícios e algumas desvantagens.

Assim como a tia de Mila Cox, tanto Zími como Silvano. falavam para ela coisas do século vinte e faziam comparações entre o presente e o passado.

Ela ouvia muito deles também sobre o fato dela ter nascido no século vinte e um. Ela aprendia com eles o uso de recursos primitivos em casos de emergência. Coisas do século passado, que eram corriqueiras.

Já sabia o que era gambiarra antes que conhecesse a palavra.

Tinha a vantagem de considerar desde sempre que todo o Rock da segunda metade do século vinte foi criado em condições gerais que não mais se aplicavam.

A convivência com gente mais velha também lhe ensinou que sempre há um limite além do qual a tolerância deixa de ser uma virtude.

Então foi à padaria e a televisão estava ligada num programa popularesco da programação aberta.

Viu uma pseudo celebridade do momento, que ela não sabia porque tinha fama, e muito menos qualquer motivo decente para que aquele retardado tivesse espaço na televisão aberta, falando para milhões de pessoas.

Falava de si na terceira pessoa, e era ainda mais jovem que ela.

Mila Cox lembrou mais uma vez de sua tia Sara, que desmistificava para a sobrinha, desde cedo, a fama e os meios de comunicação convencionais, que apresentam conteúdo capaz de convencer milhões no rebanho humano, deixando a grande massa retardada e facilmente manipulada.

Matando uns aos outros por motivos de fé cega em coisas sobre as quais nada sabem., especialmente o charlatanismo religioso ao qual estão sujeitas, futebol, política e música.

Ela tomou uma cerveja e ficou olhando a televisão e os circunstantes à sua volta.

Saiu e foi comprar cerveja no mercado antes de voltar para casa, pois era mais barato.

## **As aventuras do Velho Cavalo e suas artimanhas: sertão vai virá mar e o mar vira sertão**

Graça Venâncio

Paulo Henrique Cordeiro

Hermógenes e Diógenes disputam o amor de Ana Therealza. Em verdade a tímida Tequinha gostava mesmo é de Walkirius, um empedernido pederasta que escondia seus desejos à sete chaves. Walquirius odeia o seu nome. Ele preferiria ter sido Tonho, ou quem sabe Bastião. Se acha diminuído por causa do nome de batismo. Uma catástrofe familiar. O Velho Cavalo deve estar às gargalhadas no túmulo.

Olavinho se contorce com o sofrimento alheio. Olavinho um lixo que se acha uma raridade.

Há quem fale que Diáscora foi a primeira sertaneja a conhecer Moscou. Teve um caso com Medverdev, antigo Tenente Coronel das forças armadas da antiga URSS. Meldvedev era um homem austero, mania de comando. Em verdade quem guiava as rédeas era a oportunista Diáscora, que usava e abusava de seus dotes para conseguir o que desejava com homens bêbados e embriagados.

Naquela fazenda cercada de serras a noite ouviam gritos e silêncios muitos silêncios. Diziam que era dos amores escondidos de uns tantos, parentes muito próximos uns dos outros. Um dia um que transou com a serviçal atravessou a rua e teve um enfarto. Depois disso a pobre ficou marginalizada de todos a não ser recebendo pouquinhos depósitos feitos pela filha que foi morar num país nórdico. Ela deu para correr em desabalada correria, ganhando medalhas em muitas disputas esportivas.

Naquele tempo a carente discípula de Madre Gominho veio passar férias na casa da tia por parte de mãe. Esconderam de todos que a filha era especial, hoje autista. Pois bem, foi a praia quase que a menina como qualquer criança ia se engasgando com um pau do picolé. Ela disse que deixasse pois a menina tinha que aprender a se defender.

Alimentou uma paixão desde jovem por um parente parecido com o Miley – atual presidente da Argentina. Do mesmo jeito que veio partiu para o DF. Quando Waltermiley ficou viúvo apostávamos que ela toparia um retorno, embora nunca tenha feito as plásticas nem procedimentos rápidos – ajustes para ficar igual a beleza de Suzana Vieira. Quem tem paciência de aturar ela é uma prima bonita e boa e psicóloga sem canudo.

Não tive mais notícias da mesma. O irmão era ótimo. A gente não entende porque nasce na mesma família pessoas distintas. Não queria ter contato com amigas através do Facebook da mesma turma do colégio, aliás nem sei se faz parte. Acho que não conhece Ceilândia no DF. Que dirá Pirenópolis.

As Popinas eram casas na Roma antiga nos anos de e 800 a 1500. Estalagens dedicadas a receber hóspedes nos mais variados momentos. Assim era a de Francesca apelidada de Bibia por uma sobrinha e de Santa por vários de tão renomada família, que tinha uma filha apelidada de Nenem para um irmão e para outro de Dadaí. Pois bem, o único dia que houve um entrevero foi quando quase que Nenem provocava um acidente – como adoradora de ovos de galinha, gestante de uma menina que adoraria churrasco até a noite – pelos restaurantes da vida, constatou diante de ovos estrelados que seu primo – o hóspede do momento, dentre outros ia pegar um dos ovos e ela mais que de repente foi com seu garfo certo e pegou o último dos moicanos. Afinal estava comendo por duas por ela - e a menina na barriga.

Lupercínio mente!!!! Contraria familiares. Dário e Filomena lamentam ao extremo. Réplicas odiosas de pseudos comunistas arcaicos!!!! O Sertão abomina isso!!! O Sertão tem vida própria!!!! O Sertão vive!!!! Há vida no Sertão mesmo a partir da partida do Velho Cavalo!!!!

Vocês sabem muito bem que LULA NÃO É Agro

LULA é Ogro.

Adeiado se sentia rejeitado. Sofreu com o abandono.

Cotinha usada e abusada pelos homens de beira de estrada.

Waldivia e o gordo Sóstenes repudiam veementemente todas as falas sobre sua bisavó: a rodada Cotinha. Falam em judicializar as narrativas de terceiros. Isto com base no duvidável nome daquela sinistra família. Pobres defuntos mortais!!!!

Waldivia hoje vive às margens de Paris. Autoproclama-se artista perfomática, todos sertanejos sabem que comercializava o próprio corpo.

Não se sabe como um integrante da Aeronáutica e do Esquadrão da Fumaça, quando aposentando já trabalhando numa empresa privada, o avião caiu no meio da floresta amazônica. De vez em quando cai um avião com políticos nordestinos. Paralisa a imprensa e assim passamos os dias. Voltando aos esquemas mais atuais. Tornou-se uma ideia o surgimento de CEOs que ficam ricos de uma hora para outra. Desconfie dos esquemas com pedras preciosas e com pirâmides. As mulheres quase meninas recrutadas em todos os lugares até nos conventos. Na Amazônia é comum a exploração de índias meninas, com o envolvimento de políticos que pousam de santinhos do pau oco até no Senado Federal.

Muito comum articulação com Casas de Caridade que constituem uma forma de financiamento de esquemas dos mais escusos e com padres sem-vergonha, tirando o dinheiro dos seguidores, de noite e de dia. Quanto aos pastores seguem o mesmo esquema.

Não acreditem de jeito nenhum em psiquiatras cuja mulher pousa na Ufrn diante de um fusca com a mala aberta cheia de mantimentos para dá aos pobres, coletados por outros professores do mesmo centro. Aliás, tem algumas que adoram um fusca e se o meu fusca falasse. Muito exibida falando que o filho estava acampado num apartamento em São Paulo. Uma professora do centro perguntou o que ele fazia e a exibida respondeu: \_ “ É bailarino, por que”? A professora nada tinha com os preconceitos dela.

Ligações para você ou convites de idosas endinheiradas nas redes nem se der o trabalho de responder. É Golpe, com e ou i. Nem, muito menos Pix para golpista de esquemas pequenos, até R\$ 300,00, raia pequena. Se fosse em outras épocas uma conceituada funcionária da Receita Federal poderia ficar com seu troco de 35 a moeda da época e as primas admitirem ser mal educadas e chegarem aos gritos em banco somente porque descolaram um médico sem *pedigree* e o pai não passava de um dono de pensão.

Gorda vendendo remédio para a cura dos seus poucos quilos nem acredite se num passado recente vivia numa tal de Casa da Dinda no DF. Muito sabida, mas metida em rituais satânicos pelo que falavam a boca pequena e a grande também.

Continuando a saga do alto sertão. Carlomano Flávio e Alcebíades prometem interações. Pobre Olavinho, absorto em sua vaidade e orgulho. Bem pronunciou o centenário Ananias: \_ “O que é um peido para quem tá todo cagado”. Diáscora não mais habita entre nós. Um pedaço da esquizofrênica vida de Olavinho se vai como um vento ruim

Nada de ler crônicas de advogados querendo tomar o que você tem – terrenos ou casas. Área de corretagem compreende uma das perigosas, pior do que da venda de carros novos ou usados. Não caia na “lábria” aqui vale a “lábria”.

Sobre filhos do boto soube de muitas histórias e estórias. Meninas que começavam a vida cedo e engravidavam em dias de lua cheia. Dizia que era o boto que vinha. Vi um filme sobre a temática e encontrei algumas na minha jornada, de suposta garota de programa devoradora de homens. Tudo fake. A única coisa que nunca gostei dentre outras, foi o palavreado chulo. Ninguém merece. Muitos interesses e hobbies em comum com a dona de terras a perder de vista e a tendência a calúnia. Não livrando a cara nem da suposta filha.

Theodora fugiu com Horácio para bem longe. Socoreu-se das perseguições de Jacó., seu tirano avô que costumava lhe bater com galhos de araucária e carrapicho secos.

Maria das Graças de Menezes Venâncio

Graça Venâncio

Graduada em Serviço Social e Administração de Empresas pela UFRN. Mestre em Administração Pública pela Escola Brasileira de Administração Pública (EBAPE) FGV do Rio de Janeiro, com domínio conexo em políticas urbanas. Especialista Turismo pela SUDENE de Recife e em Metodologia da Pesquisa pela PROEX/UFRN. Foi bancária do BDRN e técnica da SIC/RN. Livros e artigos sobre políticas de turismo e viagens, cidadania, direitos da criança e do adolescente e processo de trabalho em hotelaria. Pintora de aquarelas e artesã de colares e peças de tricô.

Paulo Henrique de Azevedo Cordeiro

Paulo Cordeiro

Graduado em administração de empresas e direito. Atua na área de direito público e civil em Pernambuco. Pareceres diversos.

## Meninos não brincam de boneca

Eu nunca entendi o porquê de não poder. É só um brinquedo, o que tem de tão perigoso nisso? Hoje eu consigo compreender que era tudo uma grande hipocrisia. Vivíamos em uma família tradicional, que não sabia o que isso significava.

Minha mãe, dona do lar, responsável por cuidar da casa, dos filhos, e ainda tinha que estar disponível para o marido, pois não tinha tempo ruim quando ele queria. O meu irmão acabou de completar a maioridade, então foi servir no exército. Eu só tinha nove anos, na época, minha obrigação era estudar para ser um homem de família como o meu pai. Ele trabalhava em uma firma, era peão de uma grande metalúrgica que tinha em nossa cidade. Ele era um homem de poucas palavras, nem mesmo quando estávamos na missa ele falava muito, no máximo um amém.

Todos os domingos íamos à igreja, com o bom e velho terço de madeira na mão. O Papai com o mesmo terno azul de sempre e mamãe com o vestido de bolinhas vermelha, e eu como sempre muito bem comportado. Eu sempre gostei de brincar com minhas primas, elas tinham muitos brinquedos diferentes, elas sempre queriam brincar com a coleção da Barbie e eu brincava, afinal é só um brinquedo.

Minha mãe, ao ver toda aquela situação, sempre repetia: - MEU filho, meninos não brincam de boneca. Mais uma vez eu fiquei sem entender o porquê de tanta reclamação, era só uma porcaria de boneca. Meu pai era um conservador dizia que quando eu completasse os quatorze iria conhecer os prazeres da flor de uma mulher. Eu pensava “a gente nem tem jardim”. Ele não admitia que minha mãe me tratasse com dengo, não é assim que se cria um filho homem. Enfim...

Um belo dia de domingo, eu fiquei doente, então meu pai achou melhor que eu não fosse a missa, para não passar gripe pro padre, já que sentávamos na primeira fileira. Ele mandou minha mãe ir sozinha para representar a família, e ele sacrificaria o seu domingo abençoado para cuidar do filho caçula. Eu estava deitado, descansando o corpo, como minha mãe mandou, quando eu ouvi a campainha tocar, meu pai foi atender, não ouvi vozes, mas ouvi pegadas, logo pensei que era o médico, então fingi que estava dormindo. Eu vi pela brecha do lençol, meu pai me olhando e logo saiu, depois dele outra sombra passou em frente a porta do quarto. Alguns minutos depois eu levantei e fui ver por que papai estava fazendo todo aquele barulho no quarto.

Ao abrir a porta eu vi que eles estavam lá. Papai estava usando o vestido de bolinhas da mamãe e o homem estava vestido de padre, meu pai ajoelhado em frente ao homem com o terço na mão, mexia a cabeça fazendo uma oração e o rapaz, com os olhos fechados, continuava a repetir – Que o senhor te abençoe. Então foi quando eu percebi que tudo não passava de uma brincadeira. Meu pai quando me viu, ficou assustado e não sabia o que falar, o homem virou-se de costas e arrumou a sua calça. E a mim só restou uma única frase a repetir, então olhei nos olhos do meu pai e disse: Meninos não brincam de boneca.

João Henrique Santos Batista

Espólio

Deixou-me os livros, levou-me as palavras.

Deixou-me os discos, levou-me a música.

Deixou-me os quadros, levou-me as cores.

Deixou-me a casa, levou-me o lar.

Kátia Vidal

## Renascimento

Lia Lovelace

Enquanto todos estavam ocupados demais aproveitando os avanços tecnológicos que deram à nossa espécie um terrível complexo de superioridade, eu lidava com problemas maiores. Sabia que, há algumas décadas, teria uma mínima chance de obter apoio, mas, como a última especialista em Ciências Biológicas naquele maldito lugar, era a única que compreendia a totalidade do problema. A história daquela floresta havia se tornado apenas um dos assuntos que estudávamos, sem muita profundidade, nas novas escolas flutuantes. Estávamos diretamente sobre o que deveria ser o coração verde do mundo, mas a maior parte da biodiversidade que existia por lá estava restrita ao projeto de reconstrução. Ao meu projeto.

Sofia foi a primeira a se aproximar, provavelmente por enxergar as lágrimas que tentei ocultar a todo custo. A jornalista era uma das minhas poucas aliadas e talvez a única a compreender a dor que eu sentia ao ver o desaparecimento gradual de todas aquelas formas de vida. Como Sean B. Carroll escreveu há alguns séculos, “a beleza da evolução está em sua criatividade, em sua capacidade de gerar continuamente formas de vida novas e diversas”. Desde a catástrofe que nos obrigou a, literalmente, viver nas alturas, vários cientistas observaram as mudanças que as espécies apresentaram ao longo do tempo.

Encostando-me na parede acrílica de um dos recintos, permiti-me observar o comportamento de um grupo de capivaras que pastava próximo a um dos lagos artificiais. Eram criaturas incríveis, assim como tantas outras. Entretanto, foram as primeiras a apresentar mutações evidentes, ainda que vivessem em um ambiente controlado que simulava a antiga Floresta Amazônica. Através do piso transparente, eu era capaz de vê-la, ou pelo menos o amontoado de cinzas que ela se tornara.

— Marina! — a voz de Sofia interrompeu meus pensamentos, e fiquei surpresa ao notar o pequeno sorriso que se formava em seu rosto. — Tenho uma surpresa pra você. Não vale tentar adivinhar, só vem comigo.

Ela me conduziu com um aperto firme no antebraço. Não era a pessoa mais empática do universo, mas parecia determinada a me alegrar. O caminho se estreitava enquanto atravessávamos um emaranhado de corredores repletos de aparatos de energia que alimentavam a redoma. Sempre tive medo de tocar aquelas coisas, já que a menor falha em nossa barreira permitiria a entrada das cinzas que alcançavam o nível mais alto da atmosfera terrestre. Um passo em falso, e estaríamos perdidos.

Franzi o cenho quando Sofia parou em uma das maiores escotilhas do centro de pesquisas. Estava farta de olhar através delas, já que tudo o que existia lá embaixo estava perdido para sempre.

— Olha com atenção, bem ali. Eu também não acreditei, e ainda não acredito. Me diga que não estou louca.

Ela apontava para o que eu pensava ser o norte. Olhei por minutos a fio, sem dizer uma única palavra.

Ela não estava louca. Em meio a todo o mar de destruição, algo verde emergia. Algo *vivo*.

O jovem Nando, naquele início de ano, decidiu fazer mais uma de suas viagens e, como sempre, todos diziam que era loucura, que ele não deveria ir. O que não sabiam é que Nando tinha uma companhia, sua mãe Esmeralda, já falecida, que o acompanhava para aonde quer que ele fosse, às vezes ele falava sobre o assunto, mas as pessoas não davam crédito, até zombavam dele, entretanto ele não se incomodava com a opinião alheia, pois a mãe estava ali, do seu lado, com uma aparência meio sombria, mas tudo bem, era o jeito dela. Aberto para a vida, seguiu.

Nando é um jovem que acredita que os planos traçados pela vida, pelas energias do universo, são bem mais importantes do que os traçados por ele mesmo, com muita confiança, gosta de olhar para o céu e apreciar sua grandeza, alimentar-se das energias da natureza e aquecer sua alma com o calor do Sol. Ele gosta de sentir-se livre das amarras das superstições, não gosta de se prender a tradições familiares e sociais, tem amigos, mas não se prende a nada e nem a ninguém, sente-se completo com a forma entusiasmada de levar sua vida.

A noite, quando começou a arrumar sua bagagem, sentiu um arrepio na coluna ao ouvir sua mãe murmurando que já estava pronta, mesmo sem saber por onde ela entrou, já que havia trancado a porta por dentro, ao identificá-la sentiu uma explosão de alegria, abraçou-a com força e carinho. Guardou um pedaço de pão e uma garrafa com água, pois ele sabia que não precisava carregar pesos excessivos, aonde chegasse encontraria o necessário. Dona Esmeralda carregava, sempre, em suas mãos, uma flor branca, com a qual ela se alimentava, comia uma pétala quando sentia fome ou sede, o filho respeitava os hábitos da mãe.

O rapaz, maravilhado, seguiu andando pela estrada de terra, após se despedir de todos, não olhou mais para trás, o que interessava eram as coisas que poderia encontrar pela frente, novidades, recomeços e começos, a senhora dizia para ele andar mais devagar e ter cuidados com os galhos de árvores caídos pela estrada, segurou firme a mão dela e passou a caminhar tranquilamente, de nada tinha medo, mas a presença materna era fundamental para o equilíbrio da sua mente, o Sol ficou intenso e ele mais animado, dançando como a recepcionar cada brisa que tocava seu corpo, o Sol era um de seus companheiros preferidos, de cabeça meio erguida, inspirava buscando o ar fresco das árvores próximas.

Além disso, havia um cachorrinho que o estava acompanhando desde que ele saiu de casa, mas Nando não se lembrava como o animal foi parar em sua vida, sua mãe dizia que ele precisava tomar cuidado, pois aquele não era um cachorro comum, era, na verdade, a representação viva de seus demônios interiores, e ele não poderia se distrair, precisava ficar vigilante, com tanta ingenuidade poderia ser enganado e estar vendo de forma equivocada aquele ser que andava atrás dele, ora lambendo suas pernas, ora mordendo suas roupas de forma violenta, o jovem deu um sorriso para a mãe, sem dar importância ao que ela disse.

Um grito ecoou por entre os galhos secos daquele lugar embaçado por uma neblina, era dona Esmeralda com o objetivo de chamar a atenção, avistou um grande abismo logo a frente, mais um passo e Nando seria arrebatado pelos braços eternos da morte. Assustado, ele parou, deu uns passos para trás, sentou-se, encostando a cabeça em um tronco, adormeceu, foi quando os pesadelos chegaram, ouvia vozes acusando-o de irresponsável, gritos estridentes, penetravam seus ouvidos em um clamor para que ele tivesse uma visão

mais ampla sobre as relações de causa e efeito em suas atitudes, gemidos dolorosos, sua imagem de quando era uma criança pequena debruçada sobre o túmulo da mãe em copioso pranto. Com um aperto no coração, ele despertou.

Botou a cabeça de baixo da água que descia de uma singela cachoeira, a frieza da água trazia-o para a realidade, olhou para todos os lados e não viu dona Esmeralda, aterrorizado, pela primeira vez se sentiu sozinho, sem ela e sem seu cachorrinho, como jamais havia acontecido, não sabia o que fazer, que sentido tomar na caminhada ou se deveria desistir, sentiu medo, sentiu raiva da vida, quis gritar alucinadamente, foi aí que refletido na água da cachoeira, ele teve uma visão, um devaneio, e finalmente, reconheceu seus demônios íntimos, como sua mãe o advertiu. O sol que ele tanto amava, o ajudou a desbravar sua mente em desalinho com sua luz exuberante e benfazeja.

Dessa forma, levantou-se, olhou para o céu e observou o movimento das nuvens, fechou os olhos para respirar, recobrou as energias, a vontade de conhecer tudo que estava acontecendo e encheu seus olhos de lágrimas. Apanhou sua pequena sacola e pendurou em um galho fino que encontrou no chão, apoiou no ombro, com a intenção de carregar só o que cabia em seus sonhos, havia evoluído para uma alegria e motivação mais consciente, mantendo em seu íntimo a certeza que o mais importante é apreciar a trajetória e não o destino final. Enquanto fazia suas reflexões de forma descontraída, ficou um pouco tonto e percebeu que caía do abismo, respirou fundo, e por uma fração de tempo teve dúvidas de onde cairia, na água... No chão...

Pulando em uma imensa cama elástica, onde caiu, a gargalhar de emoção, notou que a flor branca estava firme em sua mão, retirou uma pétala e botou na boca, em busca do alimento das energias maternas, sentiu-se nutrido, compreendeu que o espírito de sua mãe estaria sempre com ele, agora de uma forma mais fluida. Ouviu um barulho, o despertador tocava insistente, bem no horário planejado para sua partida, pegou uma flor branca no jardim e acompanhado pelo seu cachorro, mesmo sem saber se estava dormindo ou acordado... seguiu!

## **A vida e as quase morte de Batalha—**

Batalha tinha apenas 2 anos quando sua mãe saiu e não o levou, ele começou chorar desesperadamente, a ponto de perder o ar, onde a mãe entrou em desespero e voltou do meio da escada. Esse menino tentava respirar e não conseguia, sua mãe suplicava a Deus por sua vida, até que ele respirou, para alívio da mãe. Quando tinha 3 anos ele brincava em casa com uma moeda e colocou na boca e se engasgou, ninguém conseguia tirar a moeda, depois de muitas tentativas, Batalha, já sem forças de tanto lutar pra respirar, ficou roxo e foi quando um primo conseguiu ver ele para socorrer e alcançar a moeda na garganta.

Já adulto, passou por uma situação que guardamos na memória até hoje, vindo do futebol, quando jogava bola com os amigos, ele foi confundido com outra pessoa, um homem saiu do escuro numa moto já atirando, ele saiu correndo junto com seus amigos, e a pessoa que surgiu do escuro continuou atirando, um de seus amigos foi atingido e faleceu, o outro amigo foi atingido e perfurou o pulmão, já Batalha? Nenhum arranhão. Podemos dizer que Batalha é um gato de sete vidas? Talvez...

Michele Nascimento de Meireles Melo, 32 anos, casada há 11 anos, filha mais velha de 5 irmãos, filha de empregada doméstica, preta, estudante de técnica de enfermagem, estudante de espanhol no Instituto Estadual de Desenvolvimento da Educação Profissional- IDEP.

## **LA VIDA Y LAS CASE MUERTES DE BATALLA**

Batalla tenía apenas 2 años cuando su madre salió y no lo llevó consigo. Comenzó a llorar desesperadamente, hasta el punto de quedarse sin aliento. La madre, desesperada, volvió a mitad de las escaleras. Este niño intentaba respirar no podía. Su madre suplicaba a Dios por su vida, hasta que respiró, para alívio de la madre.

Cuando tenía 3 años, jugaba en casa con una moneda y se la metió en la boca, atragantándose. Nadie lograba sacar la moneda y, después de muchos intentos, Batalla, ya sin fuerzas por tanto luchar para respirar, un primo logró alcanzar la moneda en su garganta.

Ya adulto, pasó por una situación que recordamos hasta hoy. Volviendo del fútbol, cuando jugaba con sus amigos, lo confundieron con otra persona. Un hombre salió de la oscuridad en una moto disparando. Batalla corrió junto con sus amigos, y la persona que surgió de la oscuridad continuó disparando. Uno de sus amigos fue alcanzado falleció, y otro amigo fue herido en el pulmón.? ¿Y Batalla? ¿Ni un rasguño? podemos decir que Batalla es un gato con siete vidas? Talvez....

Michele Nascimento de Meireles Melo, 32 años, casada hace 11 años, hija mayor de 5 hermanos, hija de una empleada doméstica negra, estudiante de técnico de enfermería, estudiante de español en el Instituto Estadual de Desarrollo de la Educación Profesional.

## ECLIPSE

Era uma vez, dois irmãos...

Um deles, radiante e caloroso, animava à todos com sua beleza e brilho, sendo o mais velho, era extremamente popular e sabia de tudo um pouco, onde quer que fosse, sua alegria contagiava aqueles que estavam presentes.

Sua irmã mais nova, era menor e tímida, porém, onde que quer que ela ia, era sempre a mais bela. Seu brilho único, não era ofuscante como o de seu irmão, era acolhedor e sereno, quase como um abraço de mãe.

Os dois irmãos estavam sempre juntos, Sol atraía a atenção e Lua mantinha os olhares do povo concentrados neles. O tempo foi passando e ambos notaram que podiam usar seus talentos para uma coisa da qual todos gostavam, algo que movia os

Sol, talentoso como sempre, aprendeu inúmeros instrumentos sem dificuldades. Já Lua pensava em si mesmo como rebelde e diferente, porém estava tudo bem, aquela era ela e ela definitivamente gostava de ser ela mesma. Então passou a dedicar seu tempo, com outro ponto forte, sua voz.

Por sempre falar baixo e ser mais calada do que seu irmão, nunca tinha dado o devido valor à ela, porém ela aprendeu a usá-la, e muito bem.

Os irmãos conseguiram, tinham finalmente atingido seu objetivo. O universo todo estava feliz, Sol e Lua estavam dedicados a manter as coisas assim. No entanto, chegou um dia em que tudo mudou...

Sol começou tocando uma melodia leve e divertida, que deixava todos no clima para as seguintes músicas que viriam depois. Todos acompanhavam o ritmo, rindo e conversando com a atmosfera que tinha se formado. Pouco tempo depois, Lua começava a cantar, interrompendo as risadas.

Porém, havia uma pessoa que não tinha parado, seu nome era Gaia. A desconhecida dançava, pulando, girando e balançando seus braços com liberdade. Os irmãos estavam boquiabertos com os movimentos da menina.

Eles queriam aquilo pra eles.

Por tanto quererem a garota, os dois brigaram. Lua dizia que a garota só conseguia dançar, pois sua voz permitia que os movimentos da dança fluíssem.

Já Sol falava que a dança dela era brilhante como suas melodias, ela deveria iluminar à todos ao seu lado.

A garota, percebendo que era a razão da intriga dos dois, decidiu passar um tempo apresentando com Sol e outro com Lua. Dividindo esses períodos como Dia e Noite.

No entanto, ainda hoje, acredita-se que de vez em nunca os 3 voltam a se encontrar e dançar juntos. Gerando o que chamamos, popularmente...

De Eclipse.

**TEODORO DE SOUSA**

## Do plural ao singular: uma escolha que deixa marcas!

Terbor Fênix – Candeal (BA)

Numa manhã de domingo, duas amigas se preparavam para ir ao cinema, que ficava do outro lado da cidade. Solange e Luana, amigas de infância, estavam bastante ansiosas para esse dia, algo que almejavam a muito tempo, desde quando ainda brincavam de boneca. As duas nunca foram ao cinema, por isso sempre idealizavam esse momento, que para elas seria especial. Assim, marcaram para sair de casa com muita antecedência, já que precisavam pegar um ônibus para chegar ao local desejado e não queriam perder nenhuma parte do filme preferido delas, o requisitado “Barbie”. Então, as duas amigas logo saíram de casa em busca de realizar um sonho de criança, com o objetivo de transformar a imaginação em realidade. Ao chegar no ponto de ônibus, Sol (apelido dado por Luana a Solange) e Lua (apelido dado por Solange a Luana), relembravam bons momentos da amizade delas. Depois de passar alguns minutos conversando, as amigas percebem que o ônibus está demorando mais do que o esperado para chegar, por isso ficam bastante nervosas, uma vez que faltava pouco tempo para o filme começar. Ao lado delas, estava um idoso, então, imediatamente resolveram perguntá-lo:

—Boa tarde senhor, o primeiro ônibus já saiu?

—Meninas, esse ônibus já saiu faz tempo.

—Esses jovens de hoje em dia, estão cada vez mais lerdos, não se faz mais jovens como antigamente, complementou o idoso rindo em tom baixo.

Frustradas, as duas amigas decidem voltar para casa. Porém, algo inesperado acontece, elas encontram no chão um envelope bastante chamativo. Curiosa, Sol, sem pensar duas vezes, decide abri – lo, pois poderia ser dinheiro. Ao abrir, Solange toma um grande susto ao ver um mapa do tesouro, que tem como localização uma das maiores fazendas da cidade. Empolgadas, Sol e Lua decidem vivenciar essa aventura, que também era um sonho de criança das duas. Ao chegar na fazenda, Sol e Lua ficam confusas para qual caminho seguir, visto que algumas partes do mapa estão apagadas. A tensão aumenta entre as duas, pois uma prefere seguir no caminho dos patos e a outra no caminho dos cavalos. Logo, as duas acabam discutindo, algo que é raro de se ver. Com forte persuasão, Sol defende seu ponto de vista:

—Você não vai a lugar algum sem mim senhorita Luana, nem as provas da escola você sabia responder, sempre fui a mais inteligente, por isso o melhor caminho é o meu.

—Mas não era eu que pedia ajuda para consertar os brinquedos quebrados com medo da mamãe ou do papai aparecer, eu sempre fui a mais criativa, por isso o melhor caminho é o meu, sem dúvidas alguma — disse Luana, com uma grande entonação de voz.

Nesse meio tempo, uma ventania surge e acaba jogando o mapa para bem longe. Com um ar de ambição no ar, as duas amigas, que agora praticamente se consideram inimigas, seguem desesperadamente em busca do mapa do tesouro, ambas em caminhos separados. Seguindo sua intuição, Lua acredita que o mapa estará perto do lago. Morrendo de sede, ao chegar no lago, Luana decide beber um pouco de água. Ao agachar, Lua tem uma sensação estranha, parecia ouvir um som de um chocalho. De repente, ela recebe uma mordida de uma cascavel. Ao receber a mordida, Lua cai no lago e grita sem parar. Sem saber nadar e com dificuldade para respirar, Luana teme a morte de perto, a sua única salvação naquele momento seria pedir a ajuda da sua melhor amiga de infância. Então, Lua tenta gritar:

—Socorroooo, alguém me...

Já no outro caminho, Sol vê animais correndo e ouve muitos barulhos estranhos e percebe que algo aconteceu com Luana, porém nesse momento ela avista o mapa no galinheiro. Desnorteada, Solange fica em dúvida tendo as duas opções:

Ou averiguar o que aconteceu com sua melhor amiga ou pegar o mapa, achar o tesouro e ficar rica. Ao ver duas galinhas procurando comida, Sol fica emotiva. Logo, decide que:

—A melhor opção no momento é procurar o tesouro, como é criativa, Lua deve estar bem.

Após caminhar bastante, Solange acha o celeiro, que é onde está o tesouro. Ao entrar neste, ela tem uma tremenda surpresa, não acha nada, tudo vazio. Entretanto, ela vê algo diferente, o piso de madeira estava solto. Então, ela decide tirar alguns e entra numa espécie de “passagem secreta”. Ao entrar, Sol corre para pegar o baú, no entanto, fica perplexa ao ver que só consegue abrir o baú com quatro mãos, neste estava escrito a seguinte frase “o maior tesouro da vida é a amizade”, como naquele momento, ela só tinha duas mãos, ela precisava ir atrás de Lua para conseguir abri-lo. Imediatamente, Sol procura Luana como se estivesse procurando o próprio tesouro. Algo inesperado acontece, Solange avista urubus em volta de um lago, então, percebe que precisa passar por lá. Ao chegar no lago, Sol teme que algo de ruim possa ter acontecido, visto que tinha sangue na água. Rapidamente, decide entrar no lago. Tomando um verdadeiro choque, Sol acha a blusa rosa que Lua estava vestindo para assistir “Barbie” cheia de manchas de sangue. Diante disso, cai a ficha que a sua melhor amiga simplesmente morreu. Num clima pesado, Sol chora ao mesmo tempo que uma tempestade chega na fazenda. Com raios caindo, Sol sente remorsos pelo ocorrido e diz sozinha:

—Perder minha melhor amiga por conta de ganância foi o meu pior erro.

—Realmente o maior tesouro da vida é a amizade, hoje iríamos viver um sonho de infância, que infelizmente acabou em tragédia.

—Eu sempre vou me culpar por isso, o que eu faço agora?

—Pelo visto, “o Sol” vai ficar sem a sua “Lua”...

FIM!!!

*Biografia:* De Candeal-BA para as revistas literárias de todo o Brasil, Robert Paixão de Cerqueira Soares tem diversas publicações realizadas no ramo da literatura, como: “O Tropeço da Sabedoria – Revista LiteraLivre”; “O Arraiá Gastronômico – Revista Literária Inversos”; “Antirracismo e Ancestralidade: a busca do esperançar – Revista Literária Inversos”, etc. Suas contribuições literárias são bastante ecléticas envolvendo suspense, fantasia e até ironia. Atualmente, é estudante de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

O pai

Thais Castilho

Ela havia partido fazia já algum tempo. Passou em um concurso e se mudou para o norte para trabalhar.

Ele apesar de ter apoiado sua decisão, sentia sua ausência.

Ela trazia das ruas as novidades...

A esperava todos os dias na varanda, no mesmo horário que ela, sua filha, voltava para casa, mesmo sabendo que ela não viria. Fechava os olhos e deixava as lágrimas caírem em silêncio. Ah! Que falta ela fazia...



# Crônicas

Á sombra das jabuticabeiras

**JOSE LEANDRO DE SOUZA LIMA**

O despertador já indicava que batia às cinco da manhã. Ao levantar, quase que no automático, espreguiçar-se, pois o caminho seria longo. Quantos conhecidos iremos cumprimentar durante aqueles trinta minutos de caminhada até o sítio da vovó ZIZIU?

A mãe já visitava os quartos pela segunda vez, e nenhum moleque se atreveria a esperar a terceira chamada, pois sabia com quem lidava. Respeito e ordem eram levados a sério.

Uma pequena fila se formava para usar o banheiro, enquanto isso, a mesa do café já estava posta: pãozinho francês quente, com manteiga, e um delicioso cuscuz, comidas bem rotineiras.

A carroça com as trouxas de roupas a serem lavadas na cacimba do Sítio Titara já estava pronta, sinais de que a estiagem já havia chegado à nossa região. Ao recordar, também veio à mente: as vezes que acordamos cedo para colocar os baldes e latas em fileira, para pegar água na cisterna próxima à creche municipal.

Com menos de dez minutos de passadas lentas e curtas, já éramos sufocados pela poeira levantada por alguns mal-educados que, em seus veículos, ignoravam as regras de convivência. Nas curvas, quase levavam para longe o balde com mantimentos, apoiado e equilibrado na cabeça, sustentado por uma rúdia.

Quem não conhece esse palavreado, em breve, um dicionário será posto em suas mãos.

O pessoal que vinha em direção contrária usavam diversos transportes: carrinhos de mão, carroças de boi, motos, e os automóveis, que era para poucos. Ou seja, carona, só se fosse a cara fechada de alguém que não dormira direito ou tivesse encasquetado com algum assunto aleatório.

Enfim, chegamos ao destino final.

Uma multidão de cachorros de diversas raças vieram nos recepcionar: cheirando e lambendo as franzinas canelas.

Com certeza, pingos de suor escorriam pelo corpo, e o medo dos mesmos era nítido. Subimos os quatro batentes da cozinha e pedimos a bênção a avó, que se encontrava com um vestido de estampas floridas, um casaco de lã, e em sua face, um óculos de grau.

Porém, seu sorriso era largo.

Foi oferecido um banquete para o café.

As meninas da família se encantavam com as peças de crochê e tricô que a tia fizera na semana anterior.

Em seus pensamentos, só imaginavam seus futuros enxovais, e por um instante até notara-se um rubor nas faces; um ser que tinha muita imaginação até veria borboletas ao redor da cabeça, adolescentes apaixonadas e com fogo na alma.

A colheita da jabuticaba foi iniciada, alguns frutos mais maduros que outros. E na sombra das jabuticabeiras, sacolas eram distribuídas entre os presentes, e os mais baixinhos, com a ajuda de outrem, subiam nos ombros para alcançar os galhos mais altos.

Vovó ZIZIU se preparava para começar a fazer o almoço e depois faria o tão famoso licor de jabuticaba, para ser comercializado ou até mesmo degustado em ocasiões especiais.

Pena que eu não tinha idade para provar, porém, em minha memória, aquele aroma advindo da preparação do licor nunca saiu de mim.

Dez anos se passaram. Sempre quis ser certinho, querer não é poder, mas, o tão esperado primeiro de abril chegou, a maioridade chegou, e eu lembrava daquela cena.

No entanto, nossa vizinha já havia partido para o plano espiritual.

Fui presenteado com uma caneca de licor de jabuticaba, e vários gatilhos e memórias foram restaurados.

## **Fu Man Chú**

Cuando era chica fuí a ver a Fu Man Chú, me llevo mi tía, viajamos en tren desde Quilmes a Buenos Aires.

Después tomamos el subte en Constitución hasta el centro.

Por primera vez iba a ver un mago en acción.

El teatro estaba oscuro y yo tenía los ojos bien abiertos.

Entre círculos de reflectores apareció un mago, un ilusionista, el mismísimo Fu Man Chú. Vestía ropas de seda brillantes y coloridas.

De un sombrero salió un conejo y palomas blancas.

El mago hizo más trucos, algunos con cartas: mostraba los naipes entre los dedos, los mezclaba, siempre adivinaba la carta elegida por alguien.

También hubo pañuelos, muchos pañuelos de colores.

Pero el número de magia que más me impactó fue el de la mujer a la que el hombre arrojaba cuchillos.

Ella estaba parada, quieta, inmóvil contra una superficie recta mientras el hombre iba arrojándole cuchillos a su alrededor, sin clavarle ninguno.

¿Cómo esa mujer quedaba intacta después de semejante cosa? seguramente me preguntaba.

Aún no sabía que con las palabras se puede hacer más daño que con cuchillos.

Una mujer entraba en una caja y la cortaban por la mitad. Poco después

La mujer salía intacta de la caja.

¿Eso era magia? ¿Cuántas cercenaciones, mutilaciones podía sufrir una mujer y salir intacta?

¿Las mutilaciones eran solamente físicas?

Sigo preguntándomelo.

© Araceli Otamendi

### **Ciudad Autónoma de Buenos Aires**

Araceli Otamendi (Quilmes, Provincia de Buenos Aires) vive en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires desde los 9 años. Graduada en la carrera de Análisis de Sistemas (Universidad Tecnológica Nacional – Fac. Regional Buenos Aires). Cursó estudios de literatura principalmente en el taller de Mirta Arlt. Es escritora y periodista, dirige desde hace veintidós años las revistas digitales de cultura Archivos del Sur y Barco de papel.

Publicó las novelas policiales Pájaros debajo de la piel y cerveza – Premio Fundación El Libro a escritores noveles 1994 y Extraños en la noche de Iemanjá. En 2000 su antología de escritores hispanoamericanos Imágenes de New York fue presentada en el Centro Rey Juan Carlos I de NYU, New York.

Es traductora, tradujo a varias escritoras y escritores brasileños. Publica habitualmente en revistas y suplementos literarios de Argentina y de otros países.

## 1º DIA SEM CELULAR

Amanhece... tudo igual, pássaros cantando, borboletas em frenesi, ruídos fortes de motores: trânsito e oficinas... O Sol prenunciando o calor do dia. Já é verão, o jeito é acostumar-se. Tomamos o café da manhã com sabor de alegria, Maria, Cynthia e eu, como sempre. Papo em dia, vou ligar meu “tele móvel”, como se diz em Portugal. Não consegui. Tento, tento, pejejo, nada. Não liga, mesmo, o botãozinho de “ligar” afundou. Sensação inominável, inédita. Olha que só pensei num dia! O jeito é levar para Oficina Técnica. Celular ASUS, ZENFONE, seis anos contínuos de uso, 128GB, um espetáculo! Imaginei que fosse eterno! Em nenhuma oficina aqui da cidade há peças para tal marca. Deixo em uma que vai olhar só na segunda-feira. Conclusão dramática, eu aqui, minhas memórias lá, mudas e surdas. Poesia silencia em mim. Descubro a dependência cruel.

Passam os minutos, o Júnior chega com uma carne já temperada e prepara o churrasco prometido. Nosso almoço quase pronto ficou a ver navios. Que tempo maravilhoso! Maria corre no Garfieds e volta com garrafas de Skol. Gente, que almoço! Há muito não tínhamos um igual! Ninguém ligou para o lobrobô com angu, soltando fumaça na boca do fogão. Era um misto de risos, mastigadas, huns! Prosa das boas. Como tudo que é bom passa rápido, assim foi. “Hora de trabalhar, mãe! A Quitanda do Ipê me espera”. Bom lembrar, que essa gostosura de carne é vendida lá, e outros ótimos produtos, fica no Vale do Ipê, recomendo demais! Abraços, beijos, bênçãos, recomendações (à noite meu Filho faria Dobradinha à Moda, na Quitanda).

Volta à mente o celular.

Decido que não fico amargurada. Entro no quarto e dou de cara com o livro de Gilson, em cima do criado, à espera de ser aberto. Mergulho fundo na leitura. Fascinação no ar! “As cores do nosso mundo”, Gilson José de Oliveira, um Gênio das Galáxias, como o nomino, ele sabe. Tenho três na literatura, o Luís Augusto Cassas, poeta maranhense, o outro... não conto. TRÊS GÊNIOS DAS GALÁXIAS na minha história de consumista de ótimos livros.

Crônicas belíssimas de todas as Copas do Mundo. Recheadas de história, futebol, características políticas das respectivas épocas que se deram, aspectos filosóficos, literatura de primeiríssima qualidade... Quis chamá-lo de enciclopédia, mas, vai muito além. Simplesmente, fantástico. Interrompi minha leitura somente uma vez para ir ao banheiro. Super indico, meus amigos e minhas amigas que amam uma boa leitura. Podem me pedir no Messenger ou no whatsapp o contato do Gilson que lhes passo. Literalmente “passei a tarde” com o exímio escritor, Gilson José.

De noitinha, minha filha me pergunta se resolvi sobre o celular.

Nem lembrava mais da imensidão de mensagens acumuladas para responder, tal o envolvimento cômico a leitura.

Liguei meu velho companheiro, útil em horas de necessidade, e mãos para o Céu! Estava meu App instalado. Mesmo sem som, e pouca agilidade, perdi o hábito de uso, consegui fazer algumas coisas on line. Não posso estar aqui por muito tempo, problema na coluna, mas quebra o galho.

Jantamos o lobrobô com angu que a Maria tinha feito cedo. Uma delícia! Meu falecido marido sacudia a costelinha de porco para saborear a carne suculenta; eu faço o contrário, tiro a carne e como essa verdura chique.

Vou me deitar, agora com Costa Melo, escritor ponte-novense: “Um lugar no absurdo”. Quem sabe não sai outra crônica do 2º dia sem o celular!

Afirmo com todas as letras: É possível passar um dia inteiro sem o tele móvel, bastante produtivo! Se é!!!

Beth Iacomini

“DONA”

Beth Iacomini

Tratamento intrigante que não me diz a que veio. A primeira vez que fui à casa de Laene Mucci cheguei eufórica para abraçá-la. - Olá, Dona Laene, que bom vê-la! Ela logo me repreendeu: - Que isso, Beth, meu nome é “Laene”, não tenho “dona” no meu RG. Surpresa, quis justificar. - É respeito, querida! - E onde você viu isso? Em qual dicionário “dona” é sinônimo de respeito?

Bom, a partir daí veio o “cuidado” para conversar com a nossa POETA MAIOR . Cuidado estendido a outras mulheres, também.

O Aurélio me diz que “dona” é o “título que precede o nome próprio de senhoras”. Curiosa, fui procurar o significado de “senhora”- tratamento cerimonioso, de respeito dado às mulheres casadas, não muito jovens. Minha cabeça deu um nó. Professora de criança fui “tia”, na faculdade, simplesmente Beth, e nunca fui desrespeitada, sempre casada, com papel e Missa. Parece um assunto banal, mas não é. Você já foi chamada de “dona”? Se, sim, está me compreendendo. Assusta, viu? Melhor, incomoda. Poucas pessoas me chamam de “Dona Beth”, e são da mesma família. Penso assim: minhas coisas materiais não são “minhas”, um tipo de empréstimo pré-pago. Meu corpo pertence à natureza, pó ou cinzas, não vou levar para a eternidade. Nada! Minha alma pertence a Deus. Pra mim, um mistério, não sei como, nem pra onde vai. (Dona” de quê, meu Deus! Platão nem Freud explicam). Continuo intrigada. Aí vem a Maria e me fala que vai visitar a tia Dona, Aff! Minha cabeleireira era “Doninha”, que linguagem é essa? Quando se começa a chamar uma moça de “dona”? Em quais circunstâncias? Talvez o “dona” apareça junto com os fios brancos de cabelo. Embora, hajam mulheres de 35 anos com alguns, e de 60 que não os têm. Êta vida complicada! Os homens têm mais sorte, nunca são «donos»...(Apesar de acharem que são). «Senhora», deixo para reverenciar a NOSSA SENHORA, que amo muito. A ELA, peço a bênção. Enfim, o que quero mesmo é não ser chamada com essa tolice de tratamento. Sou Elizabeth, ou Beth, até Maria Elizabeth, se gostarem de pronunciar um nome grande. (Estarei sofrendo de «síndrome anti-convenção social»)?

## Eu disse que não estava gostando do texto e ela disse reescreve

Carlos Henrique

Eu disse que não estava gostando do texto e ela disse reescreve, eu disse que estava cansado e ela disse descansa, depois você finaliza. Mas o prazo se encerra hoje, eu disse. Ela levantou, não falou nada e foi até a cozinha. Ouvi barulho de copos e talheres, você pode brincar com a falta de tempo então, ela gritou, escreve sobre a dificuldade de escrever. Agora quem silenciou fui eu. Pensei, cutuquei uma unha, outra, me ajeitei no sofá e respondi, é, pode ser. Nenhum de nós disse nada. O silêncio percorreu os cômodos, dançou no ar feito uma bailarina iniciante, desajeitada e insegura, foi e voltou entre a sala e a cozinha em um ir e vir sorrateiro. Senti cheiro de café, lembrei que hoje era aniversário do meu pai, 70 anos se estivesse vivo, pensei que ia chorar mas não chorei. Ela surgiu na porta com duas canecas de café, me deu uma, se ajeitou no sofá e disse, vai, escreve aí: “ele disse que não estava gostando do texto e ela disse reescreve vírgula eu disse que estava cansado e ela disse descansa vírgula depois você finaliza ponto...” não, não está ficando bom, parece uma cópia barata do Bolaño, ninguém do júri vai achar válido fazer pastiche do Bolaño num concurso de contos para promover uma lagoa. Então tenta mudar para 3ª pessoa e ver como fica, vai lá, ela diz: “o jovem escritor disse que não estava gostando do texto ponto sua linda e apaixonada esposa, carinhosamente, disse reescreve”, ela disse sorrindo e quase se engasgando com o café, eu disse que estava mesmo cansado e ela disse descansa, vai, depois você finaliza. Dei um último gole no café, levantei, fui ao banheiro, mijei lembrando do meu pai no caixão, sorri e senti um leve aperto no peito, desses que dizem ser saudade/lembrança, dessas que doem uma dor leve e constante, que nos envolve feito uma camada de suor e poeira, grudando lentamente nos poros e nos deixando incomodados quando a sentimos e sem sabermos ao certo como ficamos daquele jeito suados e empoeirados. Fui até o quarto, olhei o Bolaño na estante, sorri, peguei o travesseiro, deitei, fechei os olhos, abri, fechei de novo, senti que talvez não conseguisse dormir e fiquei tentando imaginar um esboço de ideia que pudesse minimamente gerar uma história mas não consegui, nada que imaginei me agradava, eram ideias bobas, vagas, um ônibus que fizesse o trajeto de toda a lagoa, rodando pelos principais bairros, o narrador seria o motorista, alguém que vivenciava diariamente aqueles lugares, porém faltava algo, um mote, um dilema, um conflito qualquer que pudesse desencadear uma narrativa. Que fato seria esse? Narrar por narrar, eu pensei, ou narrar apenas objetivando mostrar os cenários com as belezas naturais dos municípios ao redor da lagoa que era tema do concurso buscando assim uma maneira (banal e piegas) de agradar aos jurados? Não, não era isso o que queria, não era o que buscava na escrita. Mas o que buscava? Enquanto não encontrava resposta e tentava uma vez mais imaginar um foco para esse texto senti que algo se abria aos meus pés, era um abismo, uma queda, aquele mesmo sonho de sempre, eu andando, a rua se abrindo, eu caio, ponto, fim do sonho. Acordei com o som da campainha, não levantei e esperei para ver quem poderia ser. Silêncio. Pensei então que poderia escrever uma história de mistério, algum acontecimento trágico envolvendo a lagoa, pensei, um assassinato, um desaparecimento, a lagoa seria onde a narrativa se desenrolaria, pensei, poderia construir um texto com capítulos curtos, um para cada município que cerca a lagoa, pensei, assim estaria dentro da temática do concurso e ainda faria algo que costuma agradar a muitos leitores, pensei e pensei logo em seguida que hoje era o limite, não havia tempo para bolar uma narrativa policial. Levantei, guardei o travesseiro, arrumei a colcha, fui ao banheiro, mijei, escovei os dentes, fui para a sala, oi, eu disse, e aí, descansou, ela disse, sim, eu disse, que bom, ela disse e pegou minha mão, vem cá, ela disse, sentei ao lado dela, ficamos em silêncio, mãos dadas, ouvindo a respiração um do outro, quer tentar terminar o texto, ela disse, não, eu disse, toda vez

é a mesma coisa, eu disse, pesquiso os concursos, me animo, eu disse, fico imaginando diversas possibilidades textuais, o tempo passa, eu disse, não escrevo e no fim fico correndo tentando achar uma história, eu disse, como se as histórias estivessem por aí, eu disse, apenas me esperando, disformes, um amontoado de palavras que eu, eu disse, vou juntar, orquestrar, organizar, emendar como se emenda uma colcha de retalhos, eu disse, usando uma metáfora batida dessas sobre um texto, eu disse, é assim que ajo, eu disse, como se escrever fosse fácil mas não é, ela disse, eu sei, eu disse, sei tanto que não consegui escrever um texto sobre uma lagoa para um pequeno concurso de contos, eu disse, e botei um ponto final na história.

Cultivo o hábito de, aleatoriamente, abrir a página de um dicionário, daqueles “dinossáuricos”, feitos de papel, e, de olhos cerrados, por ela deslizar o dedo indicador até parar em algum local. A palavra posicionada sob meu dedo representa um desafio, a motivação para eu escrever.

Desde o dia anterior a palavra “humildade” cobrava a criação de um texto em resposta ao desafio. Aquela luzinha imaginária que simboliza “ideia” ainda se acendera, encontrava-me bloqueado, sem uma trilha sequer para me enveredar. Recorri a antiga receita repleta de sabedoria, prescrita por muitos que a repetem incansáveis como os grilos em suas intermináveis cantigas noturnas: quem lê tem mais facilidade para escrever.

O problema é que minha fila de livros por ler é enorme, tanto quanto a de brasileiros decepcionados com o desempenho da seleção nacional masculina de futebol.

Abanquei-me defronte à estante, paisagem doméstica que gosto muito. Invisto horas de minha vida a contemplar aquela riqueza. Há livros ainda em suas embalagens conhecidas como “shrink wrap”, mas que eu prefiro chamar de filme termoplástico. Optei por deixá-los assim para os proteger da poeira. Retirei alguns de seus lugares, acariciei orelhas, bolinei sinopses... Dúvida atroz, qual escolher? Hesitava. Recorri a um método cientificamente comprovado: “uni, duni, tê, salamê mingüê...”. Situação resolvida.

Sentei-me em meu lugar de criação literária e iniciei a leitura da incrível obra recém-escolhida: “Cartas a uma negra”, de Françoise Ega (Todavia, 2021), curiosamente, um livro há pouco adquirido. Ele, ainda que não tenha autoria brasileira, comportou-se com um legítimo ser humano nascido por aqui, deu “um jeitinho, furou a fila; contravenção. Perdoei-a por ser francesa e eu ter assistido à abertura das Olimpíadas 2024, em seu país natal, belíssimo espetáculo.

De volta ao desafio, sei que humildade se harmoniza com modéstia, com simplicidade; com esta, até rima. Por outro lado, afasta-se da soberba, da arrogância, do orgulho desmedido.

Não faz muito tempo, veiculou-se em diversas mídias, o vídeo de determinado morador em um condomínio de Valinhos/SP a agredir, verbalmente, um motociclista entregador de refeições. No revoltante episódio, entre outras aberrações, se vê crime de racismo. Nas páginas iniciais de ‘Cartas a uma negra’, Françoise Ega nos brinda com a frase: “Quando se é mimado pela vida, como não se tornar alguém orgulhoso?”.

No lado oposto da ‘moeda’ humildade há o desfavorecimento humano. Ega, mais uma vez em sintonia com meu desafio, escreveu “... as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãos”. Na conotação de desfavorecimento econômico e/ou social, os exemplos ocupariam páginas a não acabar mais. Uma lástima!

Todos temos condições de atenuar infortúnios alheios. Mesmo em pequena quantidade. Um sábio professor com quem convivi em um semestre de graduação superior, aconselhou, certa vez, que deveríamos nos esforçar para melhorar, nem que fosse o metro quadrado ao nosso redor. Incluo-me entre os praticantes desse ensinamento conjugando-o a outro, este, milenar: “a mão esquerda não saiba o que faz a direita”. Ao proceder, assim, mantenho tais iniciativas no anonimato. Humildade? Cada leitor ou leitora interprete a seu gosto. Eis a quitação de minha dívida com o vocábulo do mais recente desafio. Outros virão.

## O Trabalho do Papai

Hoje é Dia dos Pais, e eu acordei cedo, mais cedo que o sol. Eu queria ser a primeira a dar um abraço no meu pai, mas quando cheguei ao quarto, a cama estava vazia. Ele devia estar no escritório, em frente ao seu computador. Papai sempre está em frente ao computador. Às vezes, fico olhando para ele e imagino que é um super-herói de desenho animado ou até mesmo um mágico, sempre falando palavras que eu ainda não entendo.

Eu entrei no escritório com cuidado, porque papai sempre diz que ali é como um campo de magia, onde ele faz coisas importantes que ajudam muitas pessoas. Mas, sinceramente, eu não sei como aqueles quadrados coloridos na tela podem ajudar alguém. Quando pergunto, ele sorri e diz: “Estou consertando a internet do mundo, filha.” Eu acho que ele é meio super-herói mesmo.

Hoje, papai estava concentrado, com os olhos fixos na tela e as mãos dançando no teclado. Fiquei na porta, esperando ele me notar. Eu queria entender, mas tudo aquilo parecia tão complicado... Era como se ele estivesse falando outra língua com as máquinas. De repente, ele olhou para mim e sorriu, o mesmo sorriso que sempre me dá quando sabe que estou ali tentando entender o que ele faz.

— Oi, princesinha! — ele disse, levantando os olhos da tela. — Acordou cedo hoje, hein?

Corri até ele e o abracei forte. O papai tem um abraço que parece um escudo, como se nada de ruim pudesse acontecer comigo quando estou ali, no meio dos braços dele.

— Feliz Dia dos Pais, papai! — eu disse. — O que você está fazendo?

Ele me pegou no colo e me colocou no seu colo, de frente para a tela. Os quadrados coloridos ainda estavam lá, mas agora, com ele ao meu lado, pareciam menos misteriosos.

— Estou consertando algumas coisas — ele explicou. — Essas máquinas precisam funcionar direitinho para que todo mundo possa se comunicar, trabalhar e até se divertir.

Eu balancei a cabeça, fingindo que tinha entendido, mas papai deve ter percebido que eu ainda estava confusa.

— Sabe quando você me pede ajuda para montar seu quebra-cabeça? — ele perguntou. — E eu te ajudo a colocar as peças no lugar certo?

— Sim — respondi, lembrando de como ele sempre sabe onde cada pecinha vai.

— É mais ou menos isso que faço aqui — continuou ele. — Eu ajudo as máquinas a colocarem as peças no lugar certo para que tudo funcione bem. E quando tudo está funcionando, as pessoas conseguem falar com seus amigos, assistir a desenhos, ou até fazer ligações para seus pais.

Fiquei imaginando o papai montando um quebra-cabeça gigante dentro daquelas máquinas, com as pecinhas todas coloridas. De repente, aquilo tudo fez sentido na minha cabeça.

— Então, você é tipo um montador de quebra-cabeças do mundo? — perguntei.

Ele riu, um riso que fez os olhos dele brilharem.

— É, algo assim. E sabe, é um trabalho importante, mas nada é mais importante do que você.

Fiquei feliz em ouvir isso. Eu sempre soube que o papai era especial, mas agora ele parecia ainda mais legal. E naquele momento, decidi que queria ser como ele quando crescesse. Talvez eu não entenda tudo o que ele faz agora, mas sei que é algo que deixa o mundo melhor. E se um dia eu puder ajudar o mundo, como ele faz, então acho que estarei no caminho certo.

Depois do café da manhã, o papai desligou o computador por um tempo. Ele disse que o mundo podia esperar um pouco, porque hoje era o nosso dia, só meu e dele. Fomos montar um quebra-cabeça juntos, o que, para mim, foi a coisa mais importante que fizemos naquele dia. Porque, afinal, o papai sempre sabe onde cada peça vai.

E aí, antes de dormir, decidi que também vou trabalhar consertando a internet do mundo quando crescer. Mas vou ter que aprender a falar com as máquinas... ou, quem sabe, só perguntar pro papai onde colocar cada peça.

John Silva

Emoticonos sin alma o la maldita realidad ha estado aquí. (Febrero 2018)

Esta mañana en la guagua el ambiente estaba enrarecido. Una transpiración hostil recorría el rostro de los pasajeros, que con irritación tecleaban sus móviles...Allá al fondo, en un rincón apartado, en el último asiento, una chica adolescente se hallaba aturdida, las miradas la registraban con fiereza. Ella sabía que la estaban reprochando, ellos no se molestaban en esconder su menosprecio. Hombres y mujeres comunicaban mensajes y whatsapps con sus familiares y amistades...Uno escribía ¡Con lo joven que es, qué barbaridad!

Algunos contestaban: No me lo puedo creer. La misma arma vejatoria, utilizaron para hacer fotos a la apaleada chiquilla, y mandarlas a los poco creyentes, para dar fe a las palabras condenatorias.

¿Lo ves? Sí sí, qué desfachatez. ¡Vaya con la niña...! Seguro que sus padres no saben nada, pobres, qué cruz tener una hija así. Yo la desheredaba cómo mínimo y la echaba de la casa. Aprovecharse así de unos pobres viejos, qué triste debe ser la vida para ellos...

La afectada muchacha comenzaba a sentir vértigos, calores y de tanto en tanto una lágrima le resbalaba por la tierna mejilla.

Oía los cuchicheos y murmullos como cuchillas afiladas, lanzadas a sus sienes, raspando la piel y el espíritu magullado. Empezó a temer por su integridad, sintióse nada, poca cosa, enfrentada a los restantes viajeros de la guagua. Conocía, tan cría y ya conocía el furor ardiente de las masas incontroladas. Percibía sus miradas, ojos brillantes de rencor ¿Porqué tanto odio...? No la querían allí, de ninguna de las maneras. Tuvo miedo y taquicardia, los nervios la paralizaron y no lograba respirar, sollozaba, hipaba...imploraba.

Se acercaba su parada, oprimió el botón de aviso para salir corriendo y olvidar esta horrible pesadilla...Más no pudo dar un paso, puesto que bloquearon las salidas.

Próxima parada, vociferó el megáfono “oscura y fría estación” y los gélidos hálitos de la muchedumbre la hicieron temblar ¿Porqué no me dejan salir?

¡Dios! necesitaba un acto de heroicidad antes de que el ataque de pánico la volviera loca... Ahora o nunca, se dijo para sí. Y de un fuerte impulso, se levantó y gritó atemorizada ¡Basta, basta ya por favor! Ha sido un error que no volveré a cometer, lo juro, dejen que me vaya y no lo haré nunca más, de verdad...lo dejo sobre el asiento y me voy, así, ya está.

Algo dejó la niña sobre la madera del asiento...

En serio que lo siento, disculpen, estoy muy arrepentida.

Se armó un enorme revuelo de vocablos, agitación y desconcierto. Lo que antes fueron personas, intercomunicaron con sus móviles, pidiendo consejo.

Está bien, contestaban los familiares y amistades, déjenla ir, y que aprenda la lección. Pero que no vuelva por esta línea de buses nunca jamás.

Niña vete y no vuelvas a coger esta guagua, le habló el conductor, venga baja ahora y frenó el autobús, las puertas se abrieron y la chiquilla saltó y se dio a la fuga como alma que persigue el diablo...Una mujer todavía joven, se acercó con cierto reparo al asiento y miró con desdén aquel pequeño objeto que la niña había depositado allí. Era “El túnel” de Ernesto Sábato. Nada menos que un libro impreso en papel con sus páginas beige...sus capítulos y su

final.

Y una frase al principio, a modo de Epígrafe: "...en todo caso, había un solo túnel oscuro y solitario: el mío".

Menos mal que todo ha terminado bien, se felicitaron mandando mensajes en los móviles a los familiares y amistades que celebraron el lance con emoticonos de júbilo...

© **Kim Bertran Canut**

## **Barcelona**

Kim Bertran Canut, nace en 1960 en Pont De Suert (Lleida)

Actualmente reside en Barcelona.

Dirigió (1996 a 2003) junto a tres compañeros "la asociación cultural CATÁRSIS" Con sede en Barcelona..

Se aficionó a la literatura y a la fotografía siendo adolescente.

En 1993 publicó la novela "Imaginación Atrapada" y en 2002 "El Reflejo de los sueños en lunas rotas (perdido en la eterna oportunidad)

Durante años ha colaborado con Webs y revistas literarias: Catársis, Caminos, Factum, EspacioUlises, Archivos del Sur, Barbante, Versos y Archipiélagos, Almiar, Nagari...

## Girassóis

Sinto falta da liberdade que fazia o vento despentear meus cabelos, e espalhava as folhas de outono pela estrada, enfeitando os passos na cadência terna do compasso.

E mesmo quando a chuva fina invadia o charco, o lamaçal não impedia a floração dos girassóis. E como eles iluminavam o caminho!

Saudades da rua larga onde nasci, calçada de crianças.

Sinto falta do sol vivo, brilhante, dourando a pele na caminhada gigante que a vida desenhava.

Também tenho saudades de escolher um roteiro, e do meu jeito brejeiro de viajar.

Tenho saudades de sentar na varanda, jogar conversa fora e decidir o que fazer quando acordar.

Me faz falta a rotina que meu lado menina nunca quis se apartar.

Já não sei quem sou, pois não me encontro neste rabisco de agora, borrado de tinta nanquim..

E acredite, não há saudade maior do que aquela que eu sinto de mim.

Ornelia Goecking Otoni



# Ensaïos

La primavera de 1649

Márcia Batista Ramos

*La primavera invita a una fiesta y a veces, a fiestas macabras, tan espantosas, como de la peste en Sevilla.*

Todos vivimos en paz, armonía y esplendor, hasta que la gran maldición cayó sobre nosotros, entonces, cuando el desorden y el caos cayeron sobre el mundo, como una llovizna que moja suave y constante penetrando los campos, las ciudades y las gentes, todo cambió radicalmente, de muchas formas todos nos vimos afectados por aquella purga desbocada de mediados del seiscientos que no tuvo compasión con ningún cristiano.

En los soleados y agradables días de primavera, en las primeras semanas del mes de mayo de 1649, sucedió aquella gran catástrofe: la peste.

En los siglos anteriores, otras pestes, asolaron nuestra ciudad, así que, con la experiencia que la historia nos proporciona, de inmediato, el Ayuntamiento creó una Junta de la Salud, que ordenó medidas preventivas con fórmulas de protección que ya conocían, por eso, no se podía circular libremente. Con la firme decisión de prevenir el contagio, la ciudad fue cerrada.

Nosotros, llevábamos la lista de las pestes, no por sus nombres o síntomas, sino, por los años: peste de 1302; de 1350; de 1599 ... la de 1649.

Como siempre buscamos un culpable para nuestros males, en algunos círculos culpaban a los judíos por la peste, otros, decían que los gitanos de Cádiz trajeron el mal en un cargamento de ropa infectada, con la intención de venderla en Sevilla, nadie pudo probarlo, pero los gitanos murieron. Yo nunca supe si era cierta esa versión, pero, escuché en algún lugar, y me parece más razonable: que el bacilo ya estaba presente en la ciudad a principios de 1649 y sólo fue necesario que se dieran las condiciones de temperatura y humedad que favorecieron su contagio en la primavera.

Fue todo tan rápido, que muchos decían, que las medidas tomadas por las autoridades municipales fueron tardías... No puedo aseverar nada, en particular, no me di cuenta del problema, hasta que el tabernero, enfermó y su casa, como la de los demás apestados, fue cerrada.

Las usuales carretas coloridas, cargadas de flores y vegetales que llegaban de las quintas para abastecer los mercados, habían desaparecido. Solo encontrábamos carretas cargadas de muertos apilados, hediondos en una imagen espeluznante, que causaba ansias de vómito.

A la puesta del sol, cualquiera querría estar recluido en su cama, para olvidar las imágenes del día.

Los contagiados aumentaban por hora y las autoridades, hicieron cuánto era posible para tratar de frenar la mortandad. Lo que no lograron hacer fue atenuar el pánico, ya que los síntomas de la atroz peste, se manifestaban de un momento a otro, en cualquiera, a la vista y para terror de todos.

No entiendo, dónde estaba la divinidad, cuando ocurrió estas cosas... Los difuntos, no tenían misa, ni intención por su alma, tampoco funeral. Eran cientos de cadáveres apestados, enterrados en amplias fosas comunes, donde la mayoría de los cadáveres eran hacinados y enterrados,

prácticamente a flor de suelo. Rápidamente, los cementerios se quedaron insuficientes, los diputados sanitarios mandaron hacer otros cementerios en el extrarradio.

Muchos hombres masticaban tabaco para disfrazar el olor y el sabor acre de la muerte. Cundió el miedo desatado por la posibilidad de morir entre atroces sufrimientos, con el cuerpo cubierto de llagas supurantes e inflamaciones, algunas de ellas del tamaño de una manzana, sumado a mucho dolor.

Para empeorar los males, la peste llegó después de que Sevilla hubiera sufrido una crisis de subsistencia por falta de cosechas debido a las intensas lluvias e inundaciones. En la misma época en que el comercio con las Indias declinaba. Pienso que los dioses, conspiraban contra la ciudad, por eso, en mi calculo personal, estimo que más de la mitad de la población murió. Las autoridades hablan del deceso de 45% de la población. Pero ¡hombre! La ciudad parecía un pueblo fantasma y los que sobrevivimos, siempre hemos lamentado haber sobrevivido, por haber visto tanta desgracia acumulada.

Mucha gente huyó, pienso que de nada sirvió, apenas fueron a morir lejos. Porque cuando la muerte llega persigue a moros y cristianos, donde quiera que vayan. Tanto es así, que en las parroquias extramuros el efecto de la peste también fue mortífero. La peste se llevó, mayormente, decenas de millares de mujeres y niños.

El aislamiento fue grande para intentar frenar el mal, muchos, adoptaron una dieta alimenticia especial; restringieron las relaciones sexuales y empezaron a portar amuletos, además de ir a la iglesia a confesar sus pecados.

No se podía ir a muchos lugares sin portar el particular certificado de salud. Tampoco era muy fácil adquirirlo y como siempre sucede, mucha gente se quedó a merced de las circunstancias...

Sevilla era una ciudad con muchos atractivos y movimiento, desde el establecimiento de la Casa de Contratación de Indias en 1503 y de las bodas del emperador Carlos V en 1526, Sevilla se convirtió en un foco de atracción internacional. Por lo mismo, cuando llegó la peste, me consta, porque estuve allí, que la ciudad estaba habitada por una multitud de gente de todas las naciones, donde los tratos de los negocios se hacían en la plaza. Las calles eran una especie de hormiguero humano.

Con el azote de la peste, las puertas de la ciudad fueron guardadas y custodiadas, fortificadas con maderas, también colocaron vigilancia en las afueras. Por otro lado, pensaron que, haciendo limpieza general de las calles, podrían frenar el mal, sin embargo, los que salieron a limpiar se infectaron y murieron. Entonces, hubo una prohibición de comerciar con mercancías y celebrar reuniones, además de aglomeraciones, hubo el cierre inmediato de locales públicos. Aun así, el contagio estaba en aumento a cada instante.

Rápidamente, muchos barrios se vaciaron, porque los vecinos murieron en todas las casas, dejando sus casas desiertas y sus perros abandonados en las calles vacías.

Sin saber cómo combatir la enfermedad y por desconocimiento, los responsables de la salud pública, mandaron matar a todos los gatos y perros de Sevilla antes que termine la primavera.

También, se prohibió el uso de la ropa de los difuntos y se procedía a su quema, ya que las pulgas se quedaban en la ropa y cuando alguien empleaba la misma era picado por la pulga y transmitida la enfermedad. La ciudad dispuso quemaderos y durante todo el día se veía el humo de la quema de la ropa de los difuntos... Cenizas de terciopelo y seda de la china: adiós

lujos terrenales, adiós, adiós...

Solo quedaba el miedo, el llanto, las miserias, todo era horror y la certeza de vivir un episodio apocalíptico, conforme los días pasaban.

Los contagiados fueron agrupados en hospitales, que inmediatamente, se vieron abarrotados, pero decenas morían en la puerta de los nosocomios, los sanitarios sevillanos realizaron una labor encomiable, pese a la falta de medios y la situación límite que se vivió.

Gran parte de la ciudadanía sevillana dio muestras de su capacidad para mantenerse a la altura de las circunstancias, intensificando su labor de atención a las personas más vulnerables. Otros, hacían piadosas procesiones de rogativas que se organizaban de noche, espontáneamente, con el resultante disgusto de los funcionarios municipales. Otros, a los que los rezos no les alcanzaban, sencillamente, morían.

Después de ser una de las ciudades más importante del mundo, Sevilla, se transformó en un escenario de luto y dolor, donde sucumbían familias enteras en un momento y faltaba sepultureros para enterrar a tantos muertos.

Las vendedoras de plantas aromáticas, para purificar el aire, casi no daban cuenta de tanta venta que tenían, no obstante, muchas murieron de forma sobrecogedora, como todo lo que era humano y estaba expuesto al mal. Ya que no bastó la pulverización de las casas, ni cumplir con las medidas higiénicas ordenadas, nada fue suficiente.

El mundo pasaba con sus deseos, pero ¿qué hacia la voluntad de Dios?

La medicina, incapaz de frenar el avance del contagio, ofrecía bálsamos corporales y consuelo espiritual a la población. Empero, ante tan dantesca catástrofe el 20 de julio se cerró el hospital de Triana, con los enfermos adentro...

La idea corriente, era de que había llegado el fin de los tiempos, comentaban que el mundo se estaba acabando, también hablaban del juicio final... En fin, era una primavera sombría, donde la muerte estaba en todas las esquinas.

El brote se dio oficialmente por extinguido hacia el último tercio de 1649 con la llegada del calor seco, cuando la ciudad ya estaba despoblada y siempre con el temor de un rebrote. Entonces, desinfectaron la ciudad tales como picar las paredes de las casas o limpiar con vinagre, quemaron la ropa de los muertos y trataron de eliminar la pulga.

Los efectos de la peste fueron desgarradores a todo nivel. Después, en la próxima centuria, Sevilla logró salir adelante y recuperarse de la hecatombe económica que supuso esta peste y la gente volvió a reproducirse y a repoblar la ciudad.

*Cada primavera, tiene el don de ser única y llegar con su belleza singular, pero, en 1649, la primavera aturdió a todos, causando una turbación perpetua...*

# Escravo da arte

Márcio de Lima Dantas

*Porque nós somos de ontem, e nada sabemos; porquanto nossos dias sobre a terra são como a sombra. Por ventura não te ensinarão eles, e não te falarão, e do seu coração não tirarão razões.*

Jó: 9-10

Assim também podemos nomear: Gilvan Almeida Vidal (30.04.1966). Notabilizou-se por, mesmo mantendo uma severa discricção em sua rotina, adentrar por formas estéticas em uma compleição cujo arco cinge diversos meios de tradições da arte. Escultor de uma dicção bastante própria e diferenciada, pintor, produtor de móveis (provando o quanto tem de domínio sobre o manuseio da madeira). Além disso, trabalha com taipa, esse expediente habilidoso encontrado em edificações do sertão adentro ou vinculado à construção de pessoas modestas, no qual a argila, em uma boda com varas e cipós, edifica moradias ou outras formas de quem insiste em sobreviver, como, por exemplo, pessoas sem maiores recursos.

Sua parca obra, limitando-se a algumas esculturas em madeira, não invalida o *ethos* de alguém que é habitado por um talento e cuja serventia à arte o conduz a deter um dos maiores títulos de importância nas artes visuais em Mossoró. Acreditamos não ser fácil o manuseio de esculpir por meio de uma técnica que se compraz em apenas retirar o essencial da tora de madeira (quase sempre imburana), deixando visível os ângulos retos, como se tivesse havido uma incompletude na elaboração de determinada figura.

O que nominamos de incompletude é o que vai imprimir o caráter estético às suas esculturas, o que soergue a figura em uma aura hierática, não relacionada ao mando ou poder, mas a uma presença na realidade advinda de uma negação do que se encontra no

entorno do artista enquanto pessoa cujo estar na realidade não lhe satisfaz, nem no todo ou em nenhuma parte.

Com efeito, desde sempre, *Escravo da Arte*, deteve consciência do seu talento para a escultura. Quando menino, já esculpia alguma espécie de forma a partir da bruta madeira. Não se contentava em brincar com artefatos já confeccionados pela indústria, mas procurava ao seu redor algum pedaço de madeira que pudesse representar ideias, emoções ou sentimentos que, gestados na sua personalidade, buscavam ser artefato para uma eventual contemplação de que o manufaturado houvesse uma espécie de partes do seu ser teimando com o que encontrava na realidade. E assim reinventava, acrescentava ou criava um objeto, edificando outras formas validadas por uma espécie de prazer, assimtambém com ou que quisesse ser seu cúmplice.

Com o tempo, a maturidade de homem organizou certas vertentes de uma energia, dando contorno ao que jazia em seu íntimo. Desse modo, se reconheceu ao apalpar uma “coisa” que era bem diferente dos objetos que o cercavam. E eis que surge a arte e seu escravo com uma enorme consciência.

Podemos fazer aqui uma pequena digressão acerca das sarças e vetores confundidos e entrecruzando-se para urdir o que fomos acostumados a entender como arte. Ora, no indivíduo que já emana quando nasce ou o acaso lança sua disposição/potência a determinada personalidade, – o que os antigos gregos nominavam de *Dýnamis* –, é suficiente atender aos apelos que conduzem à produção (*Poiésis*) de um conjunto ou objeto que em tudo destoa das coisas concretas ou mesmo que se encontram presentes na linguagem.

Eis aqui os círculos concêntricos que nos mostram o espaço a ser hachurado, como um conjunto no qual o que salta como resultante dos demais círculos, via de regra, nominamos como Arte.

Voltemos a *Escravo da Arte*. A impressão que um espectador vislumbra, face às suas esculturas, é que tais peças de madeira passam a impressão de que estão inacabadas, pois o artista retira apenas o essencial para fazer emergir a figura a que se pretende plasmar. Não há como deixar de evocar as esculturas de Michelângelo, no Louvre, **escravo rebelde** e **escravo dormindo/morrendo**. Há uma unanimidade acerca dessas duas esculturas serem obras-primas da História da Arte, mesmo que o autor não tenha tido a preocupação de deixá-las prontas. Ora, isso é bastante comum no conjunto da obra do escultor italiano. Isso dito, vejamos alguns traços presentes na obra de *Escravo da Arte*. Quase sempre esculpe na madeira de imburana, deixando ângulos retos sem que não perca a expressividade. Interessante observar que esses traços predominantes não conseguem passar a impressão de que foi feito

sem cuidado e sem esmero, ou seja, imperfeito; ou malfeito, por assim dizer.

O majestoso Zumbi que se encontra no terraço da sua residência ergue-se longo e delgado, permitindo entrever os detalhes das mãos, dos pés e dos braços, em uma atitude hierática, assim como se tivesse confortável e ancho em estar no mundo, como se deixasse para seus interlocutores a impressão de que pouco ou nada diria ou faria para modificar o que alhures ou algures qualquer ser pensasse dele, talvez como uma escultura gótica: essa verticalidade é um traço recorrente na escultura em madeira quando reverbera os contornos das esculturas afiladas.

Quando junta material suficiente ou algo monotemático, como, por exemplo, as temáticas vinculadas à nossa História: Igreja de São Vicente (resistência ao bando de Lampião), escravidão em Mossoró ou algum tema do Nordeste, como o Zumbi, o artista, além de organizar tudo com grande cuidado, ainda por cima, toca uma gaita e dedilha um pandeiro. Quem haverá de não apreciar e permitir que as forças indeléveis da arte chafurdem nas camadas mais profundas da mente?



Foto 1



Foto 2



Foto 3



Foto 4



Foto 5



Foto 6



Foto 7

# CAMINHANDO PELAS ADJACÊNCIAS DA OBRA DO PINTOR VARELA

Márcio de Lima Dantas

*Para onde me irei do teu Espírito ou para onde fugirei  
da Tua face? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol  
a minha cama, eis que tu ali estás também.*

139: 7-8

1. Luiz Varela Laurentino da Cunha (1941-2005) é um dos principais personagens das artes visuais na cidade de Mossoró, integra, junto com outros colegas, uma circunscrição temporal. Assim é que podemos arrolar os nomes de Boulier, Ney Moraes, Rogério Dias, Vicente Vitoriano e Toinho Silveira. Mesmo integrando um luxuoso naipe de produtores de arte que por tempo muito ou tempo pouco passou pelo ateliê do grande nome na pintura da cidade: Marieta Lima, por sua longevidade, em torno de 100 anos, passaram pela estreita rua ao lado da ACEU, muitos do que hoje se destacam como a prata das artes visuais no estado do Rio Grande do Norte. Também é bom lembrar que não configuram uma geração uniforme tanto na forma quanto nas temáticas. Só para citar um exemplo, é bastante distinta a obra de Vicente Vitoriano, com suas imagens dialogando com o que de mais contemporâneo havia. Comparando com Toinho Silveira, que optou por um traço naïf e desenhos de uma grande simplicidade estilística, configurando uma espécie de arte ingênua dotada de uma elaborada feitura.

Assim sendo, o constelado céu da arte, com suas plêiades de variegadas estrelas, pulsando cada uma a seu gênero e modo, nos faz atestar por meio dessa comparação a diversidade de uma cidade ainda um tanto provinciana, o quão havia toda uma sorte de maneiras de se

expressar ou de ousar uma resposta ao que havia no mundo da arte, quer seja buscando os meios de pintar evocando a herança deixada na tradição (Academicismo ou Classicismo), ou estabelecendo leituras com o que havia de mais contemporâneo, das vanguardas em evidência ou aquilo que imprimira seu número na sequência cronológica- periodológica da marcha inelutável da arte em sua inquietude de bulir no íntimo de alguns indivíduos, mas que jaz, nos amplos espaços internos, necessidades de expressões bem diferentes dos paradigmas que conformam a realidade.

2. Acontece que a singularidade artística não fala tão-somente por si, para si, mas organiza discursos contidos nas ruas e esquinas do Espírito do Tempo, haja vista a complexidade deste com sua “obrigação” de falar por meio de um vocabulário concernente a cada etnia, a cada povo, a cada distrito, trazendo dos confins além da fala as expressividades de vanguardas da arte ou as formas e desenhos da cultura popular.

Dentre as inúmeras naturezas-mortas deixadas pelo artista, destaca-se um conjunto de três melancias; três abertas e duas tendo a função, ao que parece, de compor uma inusitada e harmoniosa temática com um fruto de uma mesma espécie, sendo o lugar no qual as frutas estão postas, ao fundo, e riscando um contorno, divisamos um negro retinto.

Com efeito, essa tisna negra não somente parece funcionar como uma sorte de moldura não muito comum, na medida de não ser corrente o monocromatismo como fundo, - e ademais o fato dessa cor preta em uma tela cuja figuração engendrou uma obra tendo tão-somente a cor verde, o branco e o vermelho, cores da fruta melancia, - que aqui estão ressaltadas, ao que tudo indica, com o objetivo de fazer sobressair as cinco frutas quedadas sobre um suporte que parece ser uma mesa. Quero dizer do não memorar frequentemente no universo das artes, sobretudo nas indigitadas telas conhecidas como naturezas-mortas, que tratamos aqui. Ainda mais quando se trata de uma fruta pouco comum.

3. Poucos chegaram ao patamar de Varela, em Mossoró, no trabalho do entalhe em cimento fresco, desenhando figuras em alto-relevo, riscando sua arte nos muros, igrejas, jardins e praças públicas os belos painéis. Visivelmente influenciado pelo antológico Manxa (cuja obra-prima é o painel do prédio da reitoria da UFRN). Sendo assim, Varela, com propriedade, imprime uma solução de continuidade ao nosso grande artífice em entalhes de madeira vazada ou cimento sem a mistura de tintas. Tornando os painéis de uma grande elegância, mostrando seu parentesco com as obras de cimento armado do modernismo. Evoco aqui Oscar Niemeyer, em estruturas maiores, tais como grandes edificações, ou

Lina Bo Bardi, em obras com estruturas menores, como os suportes de cimento e vidro para expor as telas do MASP.

Quando o artista compromete sua arte por meio de determinados artifícios que nos fazem reconhecer eventos, passagens ou fatos históricos sucedidos na *polis*, tais elementos nos conduzem naturalmente a compreender que alguns mitos estão sendo retomados e ritualizados de maneira explícita ou sutil. Essa evocação de certos acontecimentos confere um valor da arte com uma dimensão de engajada, no sentido de que para além do valor estético, vigora um discurso concedendo um encerramento extraído do cotidiano. Relembrando à posteridade pontos importantes de uma trajetória coletiva.

Contudo, há de ter uma medida dos mitos reelaborados em todas as formas da arte na cidade, senão adentra pelo lugar-comum e pela banalização, lançando imagens beirando a caricatura e a tediosa mesmice, como se não tivesse outra coisa para a criação artística.

Esses eventos históricos estão arraigados para sempre, já que não apenas riscam suas narrativas na História, detendo um *ethos* mitológico na sua necessidade de ser ritualizado nos eventos cívicos. Mesmo assim, há de recompor de maneira vívida, não em uma composição tibia. Um dos mais importantes painéis de Varela é o que se encontra na Travessa Martins de Vasconcelos. Aqui, encontramos fatos concernentes a uma espécie de superfície no qual repousam três eventos históricos: Professora Celina Guimarães, em 5 de abril de 1928; Lampião, 13 de junho de 1883; 30 de setembro de 1883, Libertação dos escravos, cinco anos antes da Lei Áurea.

Para que não sejam essas datas absorvidas pelo assomar dos bafejos acres de Cronos, devorador de tudo o que é vivo, pulsando látegos nos quais nem consultados fomos para receber e outorgar uma eventual solução. Apenas evocamos às forças que gerem os céus e as estrelas para que nos imprimam no espírito o dom da fortaleza, cujo perímetro alcança o que diz respeito à comarca das datas da cabeça e sua sempre presente somatização, nos fazendo suportar com resignação as tantas vicissitudes.

4. Há uma outra faceta de Varela. Quero falar da sua intervenção em espaços vinculados ao coletivo, sobretudo aquilo que vai valer pela contemplação do todo, de partes interdependentes, ou seja, não é uma tela que vai valer por si, mas por relação ao todo seu redor, portanto vigora a necessidade de observar o cenário como junção de elementos, deixando-se possuir pelo ambiente, perfumes e gentes muitas de todas as qualidades, para,

enfim, extrair uma beleza que só esse momento pode proporcionar.

Estou me referindo à arte de decorar eventos ou datas comemorativas, ornamentando bailes de Carnaval (como se sabe, outrora acontecia nos grandes clubes da cidade, além dos pequenos cortejos nas ruas). Também era contratado para ornamentar casamentos ou eventos de 15 anos, fazendo valer seu domínio de conceber um conjunto de formas e cores com um só mesmo tema. Seríamos injustos se não citássemos o nome do seu amigo Boulier. Ao que parece, Varela teria recebido influência do também amigo e discípulo de Marieta Lima.

Por muito tempo, Joseph Boulier foi um insuperável artista no ornamentar ambientes para sediar bailes de carnaval. Até hoje se fala do seu talento e maestria quando convidado para delinear texturas e cores de determinados Bailes de Máscaras, dominando com destreza, e ficando conhecido por deter uma grande rapidez em ornamentar um ambiente a partir de uma ideia primeva, para a consecução das ornamentações que sediariam essas aglomerações em homenagem ao deus Dionísio. Era como se fosse o cenário de uma ópera viva, na qual os foliões eram os personagens de uma noite de gala. Como observamos ao longo deste escrito, há de reconhecer no artista Varela inúmeras capacidades de lidar com diversos materiais, configurando um talento artístico inquieto ao dar forma ao que lateja em seu íntimo. Em síntese, eis o óleo sobre tela, do figurativo ao abstrato, mas também busca sair de casa em uma procura de partes outras

para, em uma tentativa, assim como todo vivente.

5. Se for para escolher o melhor trabalho, o **Magnum opus**, desse exíguo corpus de trabalhos de Varela, a que tive acesso para elaborar este ensaio, ficaria com a imponente tela que representa uma salina, paisagem bastante comum nas terras do entorno da cidade de Mossoró, tais como Areia Branca, Macau e Grossos. Quando se desloca para essas cidades, é mister caminhar devagar, para não perder o espetáculo das brancas salinas ladeando os dois lados por onde avança o automóvel, esplendendo sob um transparente sol.

Por isso nos deteremos com mais vagar sobre a tela que representa uma salina, e reputamos como a mais bem acabada, por um feitio possibilitador de revelar o domínio do desenho, da forma, dos traços e ângulos; enfim, da perspectiva, da cor e seu manuseio, obtendo pleno conhecimento profundo e seguro da luz e sua transparência, permitindo que os espaços

internos sobressaíam seus ângulos em 90°. Ademais, a preferência por cores esmaecidas, predominando o azul, tanto no firmamento quanto nas águas represadas, para evaporar e mais tarde terem o sal.

É bom repetir o fato de podermos observar o que chamamos pleno domínio do desenho, como se trata de uma justaposição de quadrados (tanques), quase que esses meios empregados necessitam da perspectiva para assentar as partes em uma totalidade. Com efeito, houve uma deliberação de justapor elementos para organizar os espaços do quadro. Do lado direito, há um grande catavento, estrutura para trazer água do lençol freático. Do lado esquerdo, há uma casa, opondo-se ao cata-vento. No centro, temos muitos tanques de águas represadas, homens trabalhando e grandes rumas de sal em formas quadráticas, preparadas para serem levados aos armazéns nos quais serão processados para a comercialização.

Difícil é a maestria de pintar uma tela conseguindo apreender um sol tão transparente quanto o que foi assentado nessa composição. Consabido é, também admirado pelos visitantes que aqui chegam, o salientar desse sol muito claro e capaz de fazer com que os contempladores observem que cada cor se defina e apareça em plenitude, que se faça presente na sua diferença, que albergue contrastes com outras cores ou matizes. Por fim, outorgue a essa tela o valor de *chef-d'oeuvre* da obra múltipla do pintor Varela.



Foto 1



Foto 2



Foto 3



Foto 4



Foto 5



Foto 6

## A propósito da arte maior de Vicente Vitoriano

Márcio de Lima Dantas

*Na multidão de palavras não falta transgressão, mas o que modera os seus lábios é prudente.*

Provérbios, 10:18-19

### 1.

Saibam quantos este público ensaio virem, que tudo aqui que vai escrito, compete à minha responsabilidade, em gênero e número, como o próprio nome já informa, trata-se de um ensaio (Adorno, *O ensaio como forma*). Muito bem, vamos. Creio que o arquiteto, professor e artista plástico Vicente Vitoriano (Mossoró, 1954) destaca-se, se não como o nosso maior artista visual vivo, contudo não podemos deixar de proclamá-lo como um dos mais abalizados, considerando não apenas uma observação superficial. Há que dar uma olhada, tanto no que concerne à quantidade quanto na insigne qualidade, visto que sua assinatura circunscreve o fato de ter palmilhado outras sendas do amplo perímetro que a arte risca na história da nossa civilização.

O professor do Departamento de Artes da UFRN, cantor de uma banda com excelente repertório e grande magnificência de ajuntar música e teatro (*Gato lúdico*), poeta de um lirismo bastante singular, o artista conseguiu mais do que parecer, ser de um modo que deixou a banda numa espécie de solidão, no que diz respeito a não fundar um mito em pósteros grupos, dando outra solução a uma linha de continuidade fundada pela banda.

Tenho plena convicção disso. Detendo uma vasta história no mundo das artes, adentrou e foi capaz de manusear com maestria todos os estilos com os quais trabalhou. Iniciou suas atividades no ateliê do saudoso Joseph Boulier, frequentado por artistas e intelectuais, inclusive o pintor Varela. Também andava na casa da grande pintora Marieta Lima, pessoa generosa acolhedora dos jovens artistas.

Cedo o talento revelou-se. Não havia outro caminho. Fora escolhido e sagrado pelas Musas para dar contorno às formas que revolviam-se no precoce rapaz, bulindo na sua alma desassossegada uma energia outra que só alguns trazem consigo e não sossegam enquanto não depositar nas aras de Érato (poesia lírica), Calíope (poesia narrativa, retórica e eloquência) e Euterpe (música). Ao que parece, as Musas ficaram felizes com a escolha do jovem aprendiz, pois fizeram crescer o talento e a capacidade de dominar a Arte em seus tantos meandros, carrascos e claros lagos.

Tanto é que formou-se arquiteto, vindo a ser professor de Artes na Universidade Federal do Rio Grande

do Norte. Reconhecido por seu grande conhecimento da História das Artes, consegue unir teoria e prática num só amálgama. Tendo plena consciência do que elabora e compreendendo em que lugar se insere aquilo que produz, fenômeno bastante complexo, pois, via de regra, nem sempre os artistas detêm a consciência das tradições às quais se vinculam, estilo histórico no qual se inserem ou domínio consciente e os efeitos causados pelas técnicas manuseadas. Porém, ele não é uma exceção.

Com efeito, quase sempre são autodidatas, intuitivos, ou não se importam muito com a dimensão mais teórica ou analítica do que produzem. Não quero dizer que isso seja imprescindível em arte, mas a consciência lúcida e a teoria do desenho e da pintura do fazer artístico valoriza mais o produto advindo das mãos do artista.

Longe de suceder tal alheamento em Vicente Vitoriano. Sabe o exato motivo de efeitos causados por pinceladas, texturas, cores, sombreamento e planos. Revelando uma arte com uma grande dimensão cerebral, sem perder a enorme sensibilidade que possui. O artista iniciou seus trabalhos com movimentos advindos do Modernismo, tais como a colagem cubista, a vanguarda russa e o Dadaísmo, tendo elaborado preciosos trabalhos com influências dessas correntes. Depois viria a trabalhar com a *pop arte* e a *optical arte*.

Bastante curioso é observar a evolução interna das formas na sua obra. Partindo de algo mais sofisticado, as vanguardas modernistas, hoje sua obra é eivada pelo traço simples e elegante. Num despojamento estilístico minimalista que causa um apascentamento do olhar do espectador. Permitam-me, aqui, estabelecer uma conexão com uma poeta portuguesa, Fiama Hasse Pais Brandão (1938-2007). Seu primeiro livro reveste-se de um breve hermetismo (*Morfismos*, in Poesia 61). Logo em seguida, opta por uma poesia metalinguística, deixando de manusear o único procedimento poético que restara quando dos movimentos de vanguarda do início do século: o ritmo. Considerando assim, aproximou a poesia da prosa, como João Cabral de Melo Neto o fez, ao usar o metro octossilábico de tradição espanhola e a rima toante. Fiama prefere os cortes abruptos e naturais da frase musical vinculadas à fala (*Cenas vivas*). Quiçá seja Fiama Hasse Pais Brandão a maior escritora (poesia, romance, teatro, novela) portuguesa depois de Fernando Pessoa. Alguém duvida?

## 2.

É capaz de dominar uma multiplicidade de técnicas, que o permitem se lançar em experimentos vários, indo do figurativo ao abstrato. Senhor dominante dos seus meios de expressão, valida de forma consciente o que deseja retratar. Nas últimas séries, o artista consegue atingir uma coisa que é bastante difícil em arte: referir uma mensagem (ao que parece, apelando à imagem para sua dimensão de significante), – pictural por meio de um minimalismo que se compraz em apresentar e não conduzir a uma qualquer interpretação ou configurando uma metáfora com os elementos contidos no suporte.

Há uma simplicidade e um frescor natural de quem faz a pintura voltar-se sobre possibilidades de não mais querer buscar retratar a realidade e seu entorno de informações. Queda-se de portas abertas sobre o manuseio de formas observadas no seu entorno, pode ser que haja uma ou outra estilização, mas, por exemplo, a série de pessoas flanando nos jardins ou folhas palmadas, tendo todos os folíolos surgindo de um mesmo pecíolo, com cinco limbos, parece ser a série que mais logrou êxito, nesse intuito de um trabalho de arte visual voltar-se sobre o conjunto de procedimentos manuseados para conseguir dizer, se me permitem assim falar, de uma metáfora desprovida da sua dimensão de significado, mas compraz-se com o significante. Há nessa série, bem como em outras, o predomínio da linha curva inspirado na natureza/botânica, haja vista as linhas curvas

irregulares e sem simetria.

Eterno experimentalista, seus trabalhos não deixam a entender que é fruto de uma “inspiração”, mas de um caráter deliberado que o faz edificar aquilo que busca conscientemente fazer, ou seja, o efeito pictórico que de caso pensado habitou primeiro o nível de consciência cerebral, de refletir, de mensurar, de imaginar o efeito das cores ou do desenho que, por fim, será plasmado no suporte.

Sua arte é extremamente sofisticada, sendo mais um artista voltado para os que entendem de arte ou trabalham com ela, visto deter dicções em algumas séries feitas com esmero e extrema diligência, de uma espécie de pessoa caprichosa, no bom sentido, apreciando a si próprio. Talvez seja esse o motivo pelo qual há sempre um silêncio e uma espécie de estaticidade nos seus trabalhos. Silêncio que sugere ser o do próprio artista que se compraz com seu fazer, num saudável narcisismo de quem apreciou o que edificou. Como quem escreve um poema e sente aquela espécie de orgulho de ter expressado algo que jazia no seu íntimo.

A ausência de uma dicção que contorne seu trabalho numa assinatura facilmente identificável como da sua autoria, ou seja, “um estilo Vicente Vitoriano”, enriquece o conjunto da sua obra numa variedade de formas e cromatismos diversos, permitindo uma liberdade de expressão que o faz desenhar requintados perfis de “Núbios” ou espécies de formas de tentar, à guisa de geometrismos com linhas curvas, evocando formas da natureza.

Essa variedade de formas e cores parece querer dizer de um espírito inquieto, que não se entusiasma muito com as formas existentes no mundo, que quer incorporar realidades outras, a partir do que existe no seu íntimo, e como que se obriga a repensar o entorno que contempla. Como se fosse obrigação face a si de modelar por meio de materiais vários o que pulsa informe no espírito. Há de admitir que seus trabalhos tornam o mundo mais belo. Sobretudo as séries nas quais revela seu domínio da cor e dos eventuais contrastes provocados, causando o triunfo da cor sobre o desenho. Mesmo sabendo que em outros trabalhos o desenho vem a sobressair. Essa maestria permite, como já disse, imprimir a seu trabalho múltiplas formas de pensar a arte, tornando-a mais uma forma de conhecer a realidade, quer seja exterior ou interior. Dessa forma, seu trabalho se reveste de um caráter metalinguístico muito próprio, pois a Arte tem consciência de si, fala de si mesma, não procurando copiar o mundo.

Mas sempre me passa a impressão, sua obra, de uma espécie de solidão que faz saber de uma alma madura e rica de reflexões acerca da existência. Reitera a solidão humana por meio de personagens circunspectos ou eivados de um hieratismo que fixa planos nos quais a palavra como que perdeu seu poder de comunicar. O que o silêncio quer falar compete ao espectador inferir ou imaginar por meio da sintaxe dos seus olhos que contemplam.

### 3.

Evocarei aqui algumas de suas séries para demonstrar o que discorri teoricamente acima.

O tríptico “Sobre arte moderna – Baudelaire, Greenberg e Danto” (2008), homenageia três grandes artistas por meio do uso de dois códigos: o retrato e a palavra. Conseguiu um belo efeito de evidenciar o rosto dos três artistas com o fundo de textos. A economia de meios, numa grande simplicidade, enfatiza o semblante das personagens, chamando atenção para olhares que compreenderam o mundo por outro viés,

como Baudelaire, considerado por muitos como vate do que viria com as levas de vanguardas do Modernismo.

A série “artisticidade” (2009) é um dos mais bem-acabados e belos trabalhos que o artista já produziu. Por meio da mescla de vários materiais pictóricos, e de uma perspectiva bastante clássica, conseguiu um colorido muito peculiar, no qual parece que a cor quer suplantar o desenho, sobretudo nos arranjos florais, com exuberantes planos verdes de robustas árvores. Retorno ao silêncio. Criaturas ao lado das outras, mas separadas por um silêncio que não parece deter uma eloquência implícita, mas deixa os seres como que quedados em suas próprias quietudes, num suave descanso de quem sabe uma indiferença por algo que passou.

Os “Novos florais” (2016) são de uma composição bastante inusitada. Figuras solitárias em puro negro, com rostos brancos sem contornos, aproximam-se do espectador, mormente pelo fato de estarem sobre um vermelho puro de tanta luz, circundadas por círculos coloridos. Reaparece o ser sozinho na paisagem. Sem face e revestida de um luto que não se parece com o sofrimento, mas se assemelha ao preto como cor.

O díptico “Arlequins” (2017) expressa uma sobriedade facial que vai ao encontro do geometrismo do plano alaranjado e do verde e azul das vestimentas do mesmo. O artista apropriou-se da tradicional roupa do arlequim e criativamente compôs as telas. O geometrismo dos ângulos retos ousou fazer uma bela composição com as linhas curvas dos perfis dos Arlequins.

A exposição “Os fins da linha” procura justapor uma série de quadrados que são originados a partir da intersecção de linhas cruzando a horizontalidade e a verticalidade, conseguindo um admirável efeito plástico através de uma simplicidade de figuras geométricas e cores várias. Aqui não existe a presença da figura humana, busca tão-somente o manuseio de planos, cuja virtuosidade sobressai

A série de pessoas em jardins, a passear tranquilamente, ou sentadas em espaços arrodoados de uma natureza exuberante, com canteiros de flores, mas procurando ressaltar que é fruto de uma determinação humana, também renova a presença de um persistente silêncio por meio de como os corpos estão dispostos, óculos escuros ou ausentes de olhos. Até parece que as figuras estão quedadas ali em busca de um *locus amenus*, sendo que não conseguiram deixar lá de onde vieram em busca de um plácido lugar onde pudessem sossegar seus espíritos. Quero dizer de um silêncio que mais incomoda do que redime, o que chamam de “solidão a dois”.

Enfim, podemos pensar numa invariante estrutural na vasta e múltipla obra de Vicente Vitoriano: a solidão e suas diversas nuances de silêncios que habitam seus trabalhos. Não são seres errantes, claro, mas criaturas quedadas numa silente dignidade e compostura, que faz saber da necessidade de uma resiliência face às vicissitudes do destino ou uma necessidade ontológica para se recompor dos embates com a qual as Parcas imprimem a labuta de existir?

#### 4.

Na verdade, o que perpassa essas séries dos últimos tempos do artista, é uma opção sem nenhum pudor da dimensão forma que sempre se pronunciou como o cerne e a identidade da obra de arte. Assim, podemos pensar que as séries são exercícios de um artista demonstrando sua habilidade e virtuosismo por ser senhor das diversas técnicas que domina. Em síntese, há uma naturalidade no que faz, como se fossem ensaios e não obras de arte premeditadas em esboços vários. O ensaio é como se fosse algo que se compraz em apenas apresentar

um ponto de vista, não querendo ser a palavra última acerca de uma obra literária ou artística (*Adorno: o ensaio como forma*). As bailarinas ensaiam horas e horas, para se apresentarem em um espetáculo.

Ah, deixe eu dizer outra coisa! O ensaio, como o fez Walter Benjamim (*Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*), não faz uso de cacoetes tediosos da academia, cavalga permitindo-se uma liberdade como dantes não havia, de extensas citações ou vastas bibliografias. Apresenta um ângulo ou recortes do objeto que vem a tratar. Não espanta o fato de muito do que escreveu não ter grande extensão, regendo-se por meio de paráfrases ou conhecimentos difusos do corpus. Repito: não há citações, como se fora uma ânsia de provar para o leitor o que discorre sobre isso ou aquilo. O implícito diz ao leitor do imprescindível de colaborar com conhecimentos da área na qual se encontra o ensaio.

Dessarte, o ensaio conforma-se como Hermenêutica, interpretando e explicando semióticas, seja qual for o jeito como está disposta. A grande diferença com relação aos chamados textos acadêmicos (falo das universidades) é oferecer ao leitor uma aragem cuja leveza redundando em um grande prazer de um aprendizado novo ou, quem sabe, ele já fazia ideia ou aquilo de se trata já tinha causado estranhamento. Eis o quanto é bom ter a humildade de aprender e ensinar.

Sem nenhum pudor, refrata o conteúdo, a dimensão e significado, detendo-se sobre a forma pela forma, buscando alcançar as inúmeras possibilidades de se compor ou engendrar certos elementos que na realidade não passam de puro pretexto para se discorrer acerca de outra coisa. Como podemos ver, essa é uma definição de uma metáfora.

## 5.

A série de rostos de homens em idade jovem expressa um domínio da técnica da aquarela capaz de circundar semblantes eivados de beleza e sensualidade, imperando um frescor *em la flor de la vida*, sem anúncios e preocupações da inexorável certeza inerente à condição humana. Porque o tempo passa, e tudo que fora edificado, seja de argamassa e tijolos ou o ataviar-se de corpos e modos de fala e sedução, sucumbe sem ouvir os prantos de alguns e a resignação de outros.

Esse conluio de Cronos com as Parcas é uma boda tão certa quanto o nascer do sol em determinadas regiões do globo, por isso de usufruir enquanto os ventos do charme, da beleza, do estilo, encontram-se em harmonia, perfazendo um conjunto no qual o corpo lança suas cartas nos jogos dos relacionamentos interpessoais. Se o indivíduo detém uma presença regida pelo *it*, algo que assoma de dentro para fora, em um feitio cujas partes não usurpam o belo, mas é todo, a partir de uma reunião de elementos, deixando os próximos intrigados por um desenho que nada tem de tívio, mas faz uso do todo para aportar uma beleza não estereotipada ou aquela imposta pelas classes dominantes.

De fato, é o que sucede com os torsos pintados com aquarela por Vicente Vitoriano. Os vários rostos, com suas ímpares expressões nos conduzem a compreender o belo por meio de outro ponto de vista, por meio de um outro paradigma que se encontra mesclado aos aglomerados de jovens. Ao que parece, para que não existam dúvidas, o domínio da aquarela pelo artista se comprova no majestoso Bagoas (foi um eunuco persa que viveu no séc. IV a.C., cortesão de Dario III e depois de Alexandre, o Grande), tendo sido apreendido, aqui no referido desenho, de corpo inteiro, diferente dos outros jovens no qual aparecem apenas os torsos.

Só queria proclamar uma coisa a respeito da idade, já que falamos tanto de juventude, um dos segmentos da cronologia do humano, e ninguém pode ter a ousadia de querer retardar, pois quando isso acontece, por meio de mecanismos artificiais, torna-se engraçado ou ridículo. Há de compreender, há de refletir, há de sobretudo aceitar sem pejo ou travos amaros nos olhos ou na boca. O que chamamos idade só aparentemente é um instrumento que se faz administrar de maneira aritmética (1,2,3, 4...). Ocorre na verdade uma matemática geométrica (2,4,6,8...).

Ora, isso acaba por nos obrigar a aceitar a passagem do tempo no corpo como uma espécie de atualização, e nunca fazer aniversário todos os anos. Em suma, temos 40 anos, daqui a pouco chega os 60 (não me lembro direito quando tinha 50 anos), com mudanças no metabolismo ou algumas enfermidades. Apenas alguns poucos, cujo charme já veio consigo, permanecem intactos, no físico ou o talento não esgota, insiste em se expressar.

Caso a idade impeça determinado movimento ou a memória fadiga, doando tão-somente circunscrições onde se pode atuar, as ordens interiores conclamam o chamamento de manifestar-se mesmo com as limitações outorgadas pelo tempo e sua busca de a tudo devorar. Dessarte, alguns são teimosos e anseiam pelo dom da fortaleza de espírito, evocando determinadas musas responsáveis consoante o que ainda lateja, como se fora espécie de maldição (Baudelaire). Tratando disso, acabei por lembrar esta citação de uma nossa escritora: “Dedico-me à cor rubra muito escarlate como o meu sangue de homem em plena idade e, portanto, dedico-me a meu sangue”. Dedicatória do autor (na verdade, Clarice Lispector, In: *A hora da estrela*).

## 6.

Enfim, Vicente Vitoriano parece ter manuseado a técnica da aquarela como promessa, dúvida, certeza ou exame ao se apalpar, culminando numa prova dos nove de que estava muito além das suas capacidades, pois não se restringiu a um significado, mas adentrou por tantas e muitas significâncias. E o que aparenta serem exercícios circunstanciais, na verdade, é muito mais um virtuoso satisfeito consigo mesmo.

Basta ver os rostos de homens mirando firme para quem retrata, sóbrios, comedidos, anchos de uma presença no mundo. Também sai para espaços abertos, como as ruas com prédios e automóveis e transeuntes, captando a dinâmica de um naco de uma cidade. E há a beleza de delicadas flores em sutis transparências, algumas lançando tons e formas, beirando o abstracionismo. Naturezas mortas em vasos de uma transparência difícil de lograr êxito com aquarela, uma técnica baseada em pigmentos diluídos em água sobre papel com elevada gramagem, exigindo do artista determinação e rapidez no traço. O que quero dizer é dos apartados de indulgências ou possibilidade de corrigir ou improvisar quando ocorre algo que não estava previsto.

Revela-se um apreço por elementos da natureza, cuja compleição funda-se por meio das curvas, haja vista a profusão de trabalhos na qual constata-se galhos com delicadas folhas e frutos. Muitas vezes podemos observar uma estilização do mundo natural, apenas lembrando isso ou aquilo: uma flor? Uma planta? Um fruto? O que importa é a mestria do autor, alçando brios no figurativo ou o abstrato.

As cenas rurais, quiçá, junto com os vasos com buquês de flores, vêm a ser as aquarelas de melhor feitio. A perspectiva foi alcançada por meio de tons em verde, expondo rios e vegetação ciliar suntuosa, de rios que serpenteiam em busca de destinos. Outras cenas rurais mostram homens pescando em pequenos barcos ou homens conduzindo uma carroça puxada por um boi. Por vezes, as águas estão paradas, refletindo a luxuriante

mata emoldurando a paisagem. As marinhas são pintadas em delicados tons de azul. Ainda lembrar que o artista manuseia outras técnicas, fazendo uso do grafite, nanquim, guache e marcadores.

## 7.

Edifica o significante como um lugar no qual as séries organizam-se tendo em vista deterem os mesmos paradigmas, e em um lance de consciência, ou não, configuram sintagmas, justapondo o conjunto em uma mesma metáfora (Ferdinand de Saussure, paráfrases). Assim como se fosse uma coisa no lugar da outra. Qual a definição de uma metáfora que não aproximar duas coisas ou campos semânticos, sendo que os dois elementos trazidos para a comparação apresentam-se como emanados do arbítrio de uma subjetividade?

Para exemplificar, podemos citar o pintor Salvador Dalí como um artista que talvez tenha ousado achegar a uma (im)possível metáfora pura, embora saibamos da não existência de metáforas que não sejam também metonímicas, ou seja, não há pureza nas duas formas de funcionamento da linguagem: Metáfora e Metonímia, ambas contêm um tanto da outra. Bem claro, não são simplesmente figuras de linguagem, como nos fazem crer os livros do ensino médio, mas estruturas do pensamento (Roman Jakobson), como se fossem estelas fincadas na mente do *Homo Sapiens*, e nunca rígidas, mas detentoras de uma maleabilidade que proporciona um vocabulário que nos é oferecido em salvas, contudo, há de compreender que existem locas e lados para ordenar o que existe nas bandejas do destino, vindo determinados indivíduos destoarem da maioria: são os cientistas, artistas, filósofos, poetas.

## 8.

O certo é que o nosso artista visual Vicente Vitoriano, legítimo proponente a ocupar as paragens cujos domínios pertenceram a Dorian Gray ou Newton Navarro, numa justa medida de quem foi farto, tanto no ecletismo quanto em quantidade e qualidade, se faz mister reconhecer tal premência diante dos conjuntos e subconjuntos estéticos no estado do Rio Grande do Norte. Faz-se mister asseverar sua ampla e diversa contribuição às nossas artes, sendo o conjunto da sua obra de muitas facetas uma farta seara plena de espigas maduras, competindo aos pósteros segar e elaborar soluções de continuidade.

Creio que poucos foram tão profícuos, como já disse, em quantidade e qualidade estética. A História das Artes, no futuro, há de soprar seu nome como um dos mais importantes produtores de arte. Podemos encerrar nosso ensaio com uma citação oriunda da Bíblia, que fala de um Deus arrependido de ter criado o mundo. Com certeza, não se refere a Vicente Vitoriano. “E disse o Senhor: Destruirei, de sobre a face da terra, o homem que criei, desde o homem até o animal, até ao réptil e até as aves dos céus; porque me arrependo de os haver criado” (Gênesis, 6:7)



# Fábulas

## O SACI-PERERÊ E SUAS TRAVESSURAS

Alexandre dos Santos<sup>1</sup>

No coração de uma pequena e pacata vila rural, cercada por vastas matas e cachoeiras cristalinas, vive uma figura lendária que há muito povoa as imaginações das crianças e adultos: o Saci-Pererê. Este personagem travesso, conhecido por suas brincadeiras e artimanhas, é um símbolo do folclore brasileiro. Munido de um gorro vermelho e de uma perna só, ele se locomove com agilidade e é quase impossível de ser visto ou capturado. Conta-se que, durante as noites de lua cheia, o Saci-Pererê se diverte ao fazer tranças nas crinas e rabos dos cavalos, escondendo os objetos das casas e pregando peças nos moradores da vila.

Dona Maria, uma senhora idosa e sábia, sempre avisava os netos para terem cuidado com o Saci.

— Ele é esperto e adora uma boa diversão às custas dos outros — Dizia ela com um sorriso maroto. Os meninos, porém, fascinados pelas histórias da avó, desejavam encontrar o Saci e ver suas travessuras de perto. As noites na vila eram tranquilas, mas bastava um descuido para que o Saci deixasse sua marca. Quem sabia que uma simples noite de aventuras os levaria a um encontro inesperado com este misterioso ser?

Numa noite estrelada, João e Pedro, netos de Dona Maria, decidiram investigar se as histórias do Saci eram verdadeiras. Armados com lanternas e muita coragem, saíram sorrateiramente pela porta dos fundos e seguiram em direção à floresta. Ouvira-se falar que o Saci aparecia perto do riacho, onde os cavalos da vila costumavam beber água.

— Vamos encontrá-lo e mostrar para a vovó que não temos medo! — disse João, tentando disfarçar o nervosismo.

Ao chegarem ao riacho, notaram algo estranho: os cavalos estavam inquietos, como se pressentissem a presença de algo ou alguém. Os meninos ficaram em silêncio, observando atentamente. De repente, ouviram uma risada travessa vinda de trás de uma árvore. Era o Saci! Com seu gorro vermelho brilhando à luz da lua, ele pulava de um lado para o outro, trançando os rabos dos cavalos com uma rapidez impressionante.

— Olha ali! É ele! — sussurrou Pedro, apontando. João acenou, os olhos arregalados de espanto. Decidiram se aproximar devagar, tentando não assustar o Saci. No entanto, antes que pudessem dar mais um passo, o Saci parou o que estava fazendo e olhou diretamente para eles. Com um sorriso travesso, ele desapareceu num redemoinho de vento, deixando para trás apenas o som de sua risada ecoando pela floresta.

Os meninos, determinados a não deixar o Saci escapar, seguiram o som da risada até uma clareira iluminada pela lua. Lá, encontraram um pequeno redemoinho, e no meio dele, o gorro vermelho do Saci.

— Temos que pegá-lo! — exclamou João, avançando corajosamente. Mas, ao tentar agarrar o gorro, uma rajada de vento o lançou para trás. O Saci surgiu novamente, rindo e pulando em círculos ao redor deles.

— Vocês realmente acham que podem me pegar? — zombou o Saci, fazendo piruetas. Pedro,

com um brilho de determinação nos olhos, lembrou-se de uma história que a avó contara sobre como capturar o Saci: usando uma peneira para cobrir o redemoinho.

— João, pegue a peneira! — gritou Pedro. João rapidamente pegou a peneira que havia levado na mochila e, com um movimento rápido e preciso, cobriu o redemoinho. O Saci ficou preso!

Surpreso, o Saci parou de rir e olhou para os meninos com admiração.

— Vocês me pegaram, parabéns! Mas o que vão fazer agora? — perguntou ele. João e Pedro trocaram olhares, sem saber exatamente o que fazer a seguir. Eles nunca imaginaram que realmente conseguiriam capturar o Saci.

Com o Saci preso sob a peneira, os meninos finalmente tiveram a chance de conversar com ele.

— Não queremos machucar você. Só queríamos ver se você realmente existia — explicou João. O Saci, percebendo a sinceridade dos garotos, relaxou.

— Muito bem, meninos. Eu vou fazer um trato com vocês. Se me libertarem, prometo que não farei mais travessuras com os animais da vila — propôs o Saci.

Os garotos concordaram e levantaram a peneira. O Saci, livre novamente, fez uma reverência.

— Vocês são diferentes, não querem apenas me pegar por diversão. Vou cumprir minha promessa — disse ele antes de desaparecer num redemoinho, desta vez sem risadas zombeteiras.

No dia seguinte, ao contarem a aventura para a avó, Dona Maria sorriu e disse:

— Vocês mostraram coragem e respeito, e isso é o mais importante.

E assim, as noites na vila voltaram a ser tranquilas, com os cavalos dormindo em paz e os objetos permanecendo em seus lugares. João e Pedro nunca mais viram o Saci, mas sabiam que ele estava por perto, observando e cumprindo sua promessa. E assim, o Saci-Pererê continuou sendo uma lenda viva, lembrada com carinho e respeito por todos na vila.

(Endnotes)

1 Pós-Graduado em Psicopedagogia e Educação pela FAVENI Graduado em Letras Português/ Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com.

## A CASA ASSOMBRADA NA COLINA

**Alexandre dos Santos**

No pacato vilarejo de Santo Amaro, havia uma velha casa abandonada no topo de uma colina, conhecida como a Casa Assombrada. As crianças do vilarejo sempre ouviam histórias assustadoras sobre o lugar. Diziam que fantasmas e espíritos malignos habitavam a casa, e ninguém ousava chegar perto após o pôr do sol.

Entre as crianças do vilarejo, havia um grupo de amigos inseparáveis: João, Maria, Pedro e Ana. Eles eram conhecidos por sua coragem e curiosidade. Um dia, enquanto brincavam perto da colina, Pedro sugeriu algo que fez todos tremerem.

— Que tal explorarmos a Casa Assombrada? — perguntou Pedro, com um sorriso desafiador.

— Você está maluco? — respondeu Ana, arregalando os olhos. — Todos dizem que a casa é cheia de fantasmas!

— Isso é só história para nos assustar — disse João, tentando parecer corajoso. — Vamos descobrir a verdade!

Maria, a mais cautelosa do grupo, hesitou, mas não queria parecer medrosa.

— Tudo bem, mas vamos juntos e saímos antes do escurecer — concordou ela.

Com uma mistura de medo e excitação, os quatro amigos começaram a subir a colina em direção à casa.

Ao chegarem à casa, o sol começava a se pôr, lançando sombras longas e assustadoras sobre o lugar. A casa estava em ruínas, com janelas quebradas e portas rangendo ao vento.

— Vamos entrar rápido e sair rápido — disse Ana, abraçando-se.

Eles abriram a porta com um rangido alto e entraram na escuridão. A casa estava cheia de teias de aranha, e o ar era pesado e úmido. A cada passo, o chão de madeira rangia sob seus pés.

— Olha só, ali está a escada para o andar de cima — disse João, apontando para uma escada velha e empoeirada.

— Vamos ver o que tem lá — concordou Pedro, já subindo os degraus.

No andar de cima, encontraram um longo corredor com várias portas. Cada porta levava a um quarto escuro e cheio de móveis antigos cobertos por lençóis brancos.

— Parece que ninguém vem aqui há anos — disse Maria, olhando ao redor.

De repente, ouviram um barulho vindo de um dos quartos. Um som de algo arranhando a parede.

— O que foi isso? — sussurrou Ana, tremendo de medo.

— Vamos descobrir — respondeu João, tentando manter a calma. Eles abriram a porta devagar e viram uma figura sombria no canto do quarto.

A figura levantou-se lentamente, revelando ser uma velha senhora de cabelos desgrenhados e olhos brilhantes.

— Quem ousa perturbar meu descanso? — perguntou a velha com uma voz arrastada e assustadora.

As crianças congelaram de medo, mas João reuniu coragem para responder.

— Nós... nós somos só crianças do vilarejo. Viemos explorar a casa — disse ele, gaguejando.

— Explorar? Esta casa é minha! Vocês não têm direito de estar aqui! — exclamou a velha, aproximando-se lentamente.

Pedro, tremendo, levantou a lanterna que trouxera e apontou para a velha. A luz revelou que ela era translúcida, um verdadeiro fantasma.

— Vamos sair daqui! — gritou Maria, puxando os amigos.

Eles correram para a porta, mas antes de sair, a velha fantasma falou mais uma vez.

— Esperem! Não tenho intenção de machucar vocês. Estou aqui há anos, presa por um feitiço. Só quero que alguém ouça minha história.

As crianças pararam e voltaram-se lentamente para a velha.

— O que aconteceu com você? — perguntou Ana, com a voz trêmula.

A velha fantasma suspirou e começou a contar sua história.

— Fui amaldiçoada há muitos anos e presa nesta casa. Preciso de ajuda para quebrar o feitiço. Se puderem trazer um objeto especial do sótão, poderei descansar em paz.

As crianças, apesar do medo, decidiram ajudar. Subiram ao sótão e encontraram uma caixa antiga e empoeirada. Dentro, havia um medalhão brilhante.

— Acho que é isso — disse João, segurando o medalhão.

Eles desceram e entregaram o medalhão à velha fantasma. Assim que ela o tocou, uma luz intensa preencheu o quarto, e a velha começou a desaparecer.

— Obrigada, crianças. Agora, finalmente, estou livre — disse ela, sorrindo antes de desaparecer completamente.

As crianças saíram da casa correndo, mas com um sentimento de realização. Haviam ajudado um espírito a encontrar paz.

De volta ao vilarejo, contaram a todos sobre sua aventura. A Casa Assombrada na Colina deixou de ser um lugar de medo e se tornou uma lenda de coragem e bondade. As crianças foram celebradas como heróis e aprenderam que, às vezes, o verdadeiro terror pode ser enfrentado com um coração valente e amigos leais.

## A SOMBRA NA MONTANHA

Alexandre dos Santos<sup>1</sup>

Na pequena vila de Elmsford, situada no sopé de uma montanha coberta de névoa, vivia um jovem chamado Lucas. Era um lugar pacato, onde todos se conheciam e os dias passavam devagar. Lucas, com seus 18 anos, sonhava em explorar além dos limites de sua aldeia, especialmente a misteriosa montanha que parecia sempre envolta em segredos. Os mais velhos da vila contavam histórias sobre uma sombra que habitava no alto, mas Lucas nunca acreditou em superstições.

Os habitantes diziam que, à noite, uma figura escura podia ser vista vagando pelas encostas, emitindo sussurros que ecoavam pelo vale. Alguns afirmavam que a sombra era um espírito guardião, outros diziam que era uma maldição. Lucas, sempre cético, via essas histórias como simples lendas para assustar as crianças. Ele sentia uma mistura de fascinação e descrença, o que só aumentava seu desejo de explorar a montanha e descobrir a verdade por si mesmo.

Numa manhã fria de inverno, Lucas decidiu que era o dia de escalar a montanha e desvendar os mistérios que ela guardava. Com uma mochila cheia de provisões e coragem, ele começou sua jornada. À medida que subia, a névoa se tornava mais densa e o silêncio mais profundo. Após horas de caminhada, ele encontrou uma caverna. Sentindo-se atraído por uma curiosidade irresistível, Lucas entrou.

Dentro da caverna, o ar era gelado e úmido. Ele avançava lentamente, quando de repente ouviu um sussurro. Virando-se, viu uma figura encapuzada, cuja face era apenas uma sombra. Lucas congelou de medo, mas a figura, com uma voz suave, disse:

— Não temas, jovem. Há muito tempo espero por alguém como você.

Lucas hesitou por um momento, mas a curiosidade venceu o medo.

— Quem é você? E por que eu? perguntou, tentando manter a voz firme. A figura moveu-se ligeiramente, a sombra oscilando como uma chama ao vento.

— Sou a guardiã desta montanha, aprisionada por uma maldição antiga. Somente alguém de coração puro pode me libertar, explicou. Você possui essa pureza, Lucas. Pode quebrar a maldição e trazer a luz de volta a este lugar.

A figura revelou ser uma antiga guardiã da montanha, amaldiçoada a viver ali por séculos. Explicou que apenas alguém com um coração puro poderia quebrar a maldição. Lucas, cético, perguntou como poderia ajudar. A guardiã instruiu-o a encontrar uma pedra encantada, escondida nas profundezas da caverna, e trazê-la à luz do dia.

Determinando-se a ajudar, Lucas aventurou-se mais fundo na caverna, enfrentando obstáculos e labirintos. Ele atravessou passagens estreitas, escalou rochedos escorregadios e enfrentou ventos gelados que pareciam sussurrar segredos antigos. Finalmente, encontrou a pedra, brilhando com uma luz própria. Segurando-a firmemente, ele voltou à entrada da caverna, onde a guardiã esperava ansiosamente.

Ao segurar a pedra em suas mãos, Lucas sentiu um calor reconfortante irradiar dela.

Enquanto avançava de volta pelo caminho tortuoso, enfrentou visões do passado da guardiã: uma época de paz na montanha antes da maldição. Esses vislumbres fortaleceram sua determinação. Ele sabia que a pedra era a chave para restaurar esse equilíbrio perdido.

Quando Lucas finalmente emergiu da caverna, a luz do dia envolveu a pedra, e a sombra que cobria a guardiã começou a dissipar-se. Aos poucos, a figura encapuzada transformou-se numa bela mulher, livre da maldição.

— Obrigado, Lucas, ela disse com gratidão. Você libertou não apenas a mim, mas a todos que estavam presos neste lugar.

De volta à vila, Lucas foi recebido como herói. Ele havia provado que as histórias antigas tinham um fundo de verdade e que a coragem e a bondade podiam mudar destinos. A montanha, antes envolta em névoa e mistério, agora era um símbolo de renovação e esperança. E Lucas, com seu espírito aventureiro, sabia que aquela era apenas a primeira de muitas jornadas que enfrentaria.

De volta à vila, Lucas foi recebido como herói. Ele havia provado que as histórias antigas tinham um fundo de verdade e que a coragem e a bondade podiam mudar destinos. A montanha, antes envolta em névoa e mistério, agora era um símbolo de renovação e esperança. E Lucas, com seu espírito aventureiro, sabia que aquela era apenas a primeira de muitas jornadas que enfrentaria.

A notícia da libertação da montanha espalhou-se rapidamente, trazendo curiosidade e admiração de vilarejos vizinhos. Elmsford prosperou com o aumento de visitantes que vinham ver a agora famosa montanha e ouvir as histórias sobre a coragem de Lucas. Ele tornou-se uma figura respeitada e um símbolo de bravura para os jovens da vila.

A guardiã, agora livre, tornou-se uma amiga e mentora para Lucas. Ela compartilhou conhecimentos antigos e sabedorias esquecidas, ajudando-o a preparar-se para futuras aventuras. Juntos, eles exploraram outros mistérios e resolveram enigmas que pareciam impossíveis.

A cada novo desafio, Lucas sentia que estava apenas começando sua jornada pelo mundo. Sua determinação e pureza de coração abriram portas para experiências e descobertas além de sua imaginação.

Durante anos, Lucas continuou sua vida de explorador, viajando para terras distantes e desvendando os segredos mais profundos do mundo. Sua fama se espalhou para além das fronteiras de Elmsford, e ele se tornou um símbolo de coragem e curiosidade para muitos. No entanto, nunca esqueceu a experiência que teve naquela montanha e a amizade que cultivou com a guardiã.

Com o passar do tempo, Lucas se tornou não apenas um explorador, mas também um defensor da natureza e das tradições antigas. Ele trabalhou para preservar não apenas as terras selvagens que explorava, mas também as histórias e culturas das comunidades que encontrava em suas jornadas.

De volta a Elmsford, a montanha tornou-se um local sagrado, onde as pessoas vinham buscar orientação espiritual e inspiração. Lucas fundou uma escola de exploração, onde jovens de todo o mundo vinham aprender sobre os princípios da aventura e da preservação ambiental.

Enquanto envelhecia, Lucas se tornou uma lenda viva, lembrada não apenas por suas façanhas incríveis, mas também por sua compaixão e sabedoria. Ele deixou um legado duradouro, inspirando gerações futuras a seguirem seus sonhos e a explorarem o mundo com

coragem e curiosidade.

E assim, a história de Lucas e da sombra na montanha viveu para sempre nos corações daqueles que ouviram falar dela, um lembrete eterno do poder da bondade e da determinação humana.

1 Pós-Graduado em Psicopedagogia e Educação pela FAVENI Graduado em Letras Português/ Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: [ale.hyan@hotmail.com](mailto:ale.hyan@hotmail.com).

## O ESCORPIÃO E O SAPO

Alexandre dos Santos<sup>1</sup>

Era uma vez, numa floresta encantada, um sapo alegre chamado Sapeca. Sapeca vivia às margens de um rio cristalino, saltitando de pedra em pedra, sempre em busca de aventuras emocionantes. Ele era conhecido por sua generosidade e bondade para com todos os animais da floresta.

Um dia, enquanto Sapeca saltava pelas margens do rio, ele viu um pequeno escorpião lutando para atravessar as águas turbulentas. O escorpião parecia aflito e cansado, pois não sabia nadar. Sem hesitar, Sapeca pulou na água e ofereceu ajuda ao escorpião.

Suba nas minhas costas, amigo Escorpião, disse Sapeca com um sorriso gentil. Eu o levarei para o outro lado do rio em segurança.

O escorpião olhou para Sapeca com gratidão, mas também com um brilho estranho nos olhos. Você faria isso por mim? Mesmo sabendo que sou um escorpião e que meu instinto é picar?

Sapeca, confiante em sua própria bondade e na capacidade de mudança dos outros, respondeu: Sim, meu amigo. Eu acredito que todos merecem uma segunda chance. Suba nas minhas costas e não se preocupe.

O escorpião, ainda um pouco relutante, subiu nas costas do sapo. Juntos, começaram a atravessar o rio. A água corria rápida e furiosa, mas Sapeca nadava com habilidade, mantendo-os seguros.

No meio do rio, o escorpião, sucumbindo ao seu instinto, picou Sapeca com seu ferrão venenoso. O sapo sentiu uma dor aguda e parou por um momento, chocado com a traição do escorpião.

Por que você fez isso? Perguntou Sapeca, sua voz carregada de tristeza e dor.

O escorpião, envergonhado e arrependido, respondeu com lágrimas nos olhos: Eu não sei. É da minha natureza picar. Eu sinto muito, Sapeca. Eu te traí.

Sapeca sentiu o veneno se espalhar por seu corpo, enfraquecendo-o lentamente. Mesmo assim, ele olhou para o escorpião com compaixão. Eu entendo, amigo. Às vezes, somos vítimas de nossos próprios instintos. Mas lembre-se, a confiança é um presente precioso. Prometa-me que usará essa lição para ser melhor.

O escorpião, com lágrimas nos olhos, prometeu mudar. Ele ajudou Sapeca a chegar à margem do rio e ficou ao seu lado enquanto o sapo lutava contra o veneno.

Com o tempo, Sapeca se recuperou, graças à sua resistência e à ajuda dos outros animais da floresta. E o escorpião, cumprindo sua promessa, dedicou-se a ser um amigo leal e confiável para todos ao seu redor.

E assim, apesar do sofrimento e da traição, uma valiosa lição foi aprendida naquela floresta encantada: a confiança pode ser frágil, mas o perdão e a mudança podem curar até mesmo as feridas mais profundas.

<sup>1</sup> Pós-Graduado em Psicopedagogia e Educação pela FAVENI Graduado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com.

## O NARIZ DE PEDRINHO

Alexandre dos Santos<sup>1</sup>

Na pequena cidade de Vila Alegre, havia uma escola muito especial chamada Escola da Amizade. Pedrinho, um menino esperto e cheio de energia, era aluno dessa escola. Ele adorava brincar e se divertir, mas tinha um problema: Pedrinho não conseguia parar de mentir. Sempre que fazia alguma travessura, inventava histórias mirabolantes para se livrar das broncas dos professores.

— Pedrinho, você não fez a lição de casa de novo? — perguntou a professora Ana, franzindo a testa.

— Fiz sim, professora, mas meu cachorro comeu meu caderno! — respondeu Pedrinho, com a cara mais inocente do mundo.

Os colegas de classe começaram a notar algo estranho. Toda vez que Pedrinho mentia, seu nariz crescia um pouquinho. No início, ninguém deu muita atenção, mas com o passar do tempo, o nariz de Pedrinho ficou tão grande que começou a causar problemas.

Um dia, durante a aula de artes, a professora pediu para cada aluno desenhar um autorretrato. Pedrinho, ao se olhar no espelho, percebeu o quanto seu nariz havia crescido. Ele tentou desenhar seu rosto, mas o nariz não cabia na folha de papel.

— Ei, Pedrinho, seu desenho parece um elefante! — brincou João, um dos colegas.

— Não é um elefante, é o Pedrinho mesmo! — riu Ana, outra colega.

Pedrinho ficou envergonhado e resolveu conversar com seu melhor amigo, Lucas, durante o recreio.

— Lucas, meu nariz está enorme. O que eu faço? — perguntou Pedrinho, preocupado.

— Talvez você deva parar de mentir — sugeriu Lucas. — Todo mundo sabe que seu nariz cresce quando você inventa histórias.

Pedrinho pensou na sugestão de Lucas, mas não sabia como parar de mentir. Ele estava tão acostumado a inventar histórias que a verdade parecia muito difícil de dizer.

— Vou tentar, Lucas. Mas e se ninguém acreditar em mim? — perguntou Pedrinho, apreensivo.

— Eu vou te ajudar — disse Lucas, com um sorriso. — Vamos juntos falar a verdade.

No dia seguinte, durante a aula de ciências, a professora Ana perguntou se alguém sabia como resolver um problema de matemática. Pedrinho, tentando ser honesto, levantou a mão e disse:

— Professora, eu não sei a resposta.

A professora Ana olhou surpresa, mas sorriu.

— Muito bem, Pedrinho. Não tem problema não saber. O importante é tentar aprender — disse ela.

Pedrinho sentiu uma sensação boa ao dizer a verdade. Mais tarde, no recreio, ele estava jogando bola com os amigos quando acidentalmente chutou a bola para fora do campo, quebrando uma

janela da escola.

Todos olharam para Pedrinho, esperando que ele inventasse uma desculpa. Mas desta vez, ele respirou fundo e disse:

— Fui eu. Eu quebrei a janela sem querer. Sinto muito.

Os colegas ficaram em silêncio por um momento, depois começaram a aplaudir.

— Boa, Pedrinho! — disse João. — Finalmente disse a verdade!

Lucas se aproximou e deu um tapinha nas costas de Pedrinho.

— Viu só? Falar a verdade é bem melhor — disse Lucas, sorrindo.

De repente, algo mágico aconteceu. O nariz de Pedrinho começou a encolher. Aos poucos, voltou ao tamanho normal.

— Olha, Lucas! Meu nariz voltou ao normal! — exclamou Pedrinho, feliz.

### Epílogo

Desde aquele dia, Pedrinho se esforçou para sempre dizer a verdade. Ele percebeu que, embora fosse mais difícil no começo, a honestidade trazia uma sensação de paz e confiança.

A escola também notou a mudança em Pedrinho. Os professores elogiaram sua sinceridade e seus amigos passaram a confiar mais nele. Pedrinho se tornou um exemplo para a turma, mostrando que é possível mudar e que a verdade é sempre a melhor escolha.

Num dia ensolarado, enquanto brincava com seus amigos no parque, Pedrinho sorriu, lembrando-se de tudo que havia aprendido. Ele sabia que seu nariz nunca mais cresceria, desde que continuasse a ser honesto.

E assim, na pequena cidade de Vila Alegre, Pedrinho viveu feliz, compartilhando suas histórias e aventuras verdadeiras com todos ao seu redor. A lição de honestidade ficou marcada em seu coração, e ele nunca mais precisou inventar histórias para se sentir bem.

1 Pós-Graduado em Psicopedagogia e Educação pela FAVENI Graduado em Letras Português/ Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Tutor no Centro de Educação Superior a distância CESAD/ UFS. E-mail: ale.hyan@hotmail.com.



# Poemas

Nosso Rancho no Sertão

Poeta Adailton

Assim como o João-de barro

Vou fazendo a nossa casinha

Teto de palha

Chão de barro batido

Sem ferrolho na porta

Nada disso para nós importa

Eu não sou engenheiro

Sou um vaqueiro

Tenho muito amor no coração

Eu não tenho carro

Com as mãos cheia de barro vou construindo nosso torrão

Assim como o João-de- barro

De raminho em raminho vou fazendo nosso ranchinho

Fogão a lenha

Panela de barro no fogão

Muito amor no coração

Eu não sou engenheiro

Sou um vaqueiro

Tenho muito amor no coração

Eu não tenho carro

Com as mãos cheia de barro vou construindo nosso torrão

Assim como o João-de- barro

De raminho em raminho vou fazendo nosso ranchinho

Água do pote

Copo de alumínio

Tudo bem limpinho

Eu não sou engenheiro

Sou um vaqueiro

Tenho muito amor no coração

Eu não tenho carro

Com as mãos cheia de barro vou construindo nosso torrão

## **Domingo Inovidable**

Adriana Benigno dos Santos

Por todo cuando me baje de esse Uber  
Em esa inolvidable tarde de Domingo  
Cuando te veo venir hacia mi  
Ojos brilhante y uma sonrisa hemosa y llamativa

Tus buenas tardes prácticamente cambiaram mi vida  
Alli empezo mi inovidable noche de domingo  
Tenerte trabajando codo a codo conmigo fue mágico.  
Fue prácticamente inovidable e increíble.

Mientras pasaba esa hemosa mañana  
Cada vez más mis ojos buscaban los tuyos.  
Esse momento em que nos detuvimos frente a frente.  
Que puedo mirarte a los ojos.

En ese preciso momento, descubriendo que serias parte de mi vida.  
Esa hemosa luna brilhante en el cielo fue nuestro testigo.  
De aquella inovidable e increíble noche de Domingo.  
Como tu! Inolvidable! por los siglos de los siglos.

## **Domingo Inesquecível**

Adriana Benigno dos Santos

Para tudo, quando eu descí daquele Uber.  
Naquela tarde de Domingo Inesquecível.

Ao avista você vindo na minha direção.  
Olhos brilhantes e sorriso lindo e marcante.

Sua boa tarde, praticamente mudou minha vida.  
Começou ali minha noite de Domingo inesquecível.  
Ter você trabalhando lado a lado comigo foi mágico.  
Foi praticamente inesquecível e Inacreditável.

Ao passar daquela linda madrugada.  
Cada vez mais meus olhos procuravam os teus.  
Naquele momento que paramos frente a frente.  
Que eu conseguir olhar em teus olhos.

Naquele exato momento, descobrir que você faria parte da minha vida.  
Aquele linda Lua brilhante no céu foi a nossa testemunha.  
Daquela noite inesquecível e Inacreditável de Domingo.  
E de como você também é inesquecível para todo o sempre.

## UTOPIA

Em meio ao véu cinzento da cidade,  
Onde o sol se esconde atrás das sombras frias,  
Ecoam sussurros de uma triste verdade,  
Teias de decepção tecidas em sombrias vias.

Os sonhos são moldados em promessas vãs,  
Políticas públicas, castelos de areia,  
Enquanto a fome e a miséria apertam as mãos,  
No banquete amargo da desigual quimera.

Oh, ilusões de justiça, tão distantes,  
Vozes caladas na penumbra da opressão,  
Renda mal distribuída, realidades dissonantes,  
Um grito mudo em cada coração.

Mas no peito que sofre, arde uma chama,  
O desejo de transformação, faísca persistente,  
Em cada rosto, uma história, um drama,  
E uma esperança latente, flamejante, ardente.

Levanta-se o clamor das ruas esquecidas,  
Um hino de mudança, de renovação,  
Para que as lágrimas não sejam repetidas,  
E a justiça brilhe em cada nação.

Queremos mais que palavras ao vento,  
Sonhamos com um futuro de equidade,  
Onde cada gesto seja um alento,  
E cada alma encontre dignidade.

Rompamos as correntes da indiferença fria,  
Ergamos pontes de solidariedade,  
Que da decepção nasça a utopia,  
E da desigualdade, floresça a liberdade.

Assim, no abraço de um novo amanhecer,  
Resplandece a vontade de um mundo igual,

Onde o amor e a justiça possam prevalecer,  
E cada vida seja, enfim, triunfal.

(Alexandre dos Santos)

## CARAMELO

Nas águas fundas do Rio Grande do Sul,  
Histórias emergem num sussurro de luz,  
Cidades adormecidas sob o véu de prata,  
Num cenário onde a dor se traduz.

Telhados viram pontes para o além,  
Onde um cavalo solitário relincha ao luar,  
Testemunha das águas que abraçam a terra,  
Numa dança de saudade, num eterno vagar.

Mas no coração deste povo sofrido,  
Brilha uma luz de esperança, um clarão,  
Artistas, vozes de todos os cantos do país,  
Unem-se num canto, numa só canção.

Do norte ao sul, do leste ao oeste,  
Mãos se estendem, abraços se entrelaçam,  
Levando calor, amor, vida,  
Numa dança de solidariedade que não se embaraça.

Pois mesmo que o rio seja agora mar,  
E a terra se vista de azul,  
A falta de água potável é um grito,  
Que clama por justiça, por um mundo mais azul.

No telhado, o cavalo relincha,  
Seu galope ecoa como um lamento,  
Mas também como um convite à esperança,  
Num rito de renascimento, num acalento.

Rio Grande do Sul, terra de luta e fé,  
Em tuas águas repousam sonhos e mágoas,  
Mas também a promessa de um novo dia,  
Onde o sol há de brilhar sobre as águas.

Que o cavalo no telhado seja símbolo,  
De força, de coragem, de união,  
E que sob o canto das águas bravias,  
Ergamos juntos o Rio Grande do Sul, em uma só canção.

(Alexandre dos Santos)

## DESENCANTO

No peito, chamas ardem,  
Decepção, dor, amargura,  
Sensações que consomem,  
A alma em desventura.

Promessas quebradas, vãs,  
O coração em pedaços,  
A ilusão se desfaz,  
Restando apenas embaraços.

Na noite, solidão ecoa,  
Suspiros de tristeza,  
Em lágrimas que rolam,  
Num mar de incerteza.

Memórias, como espinhos,  
Ferem o peito aflito,  
Em versos de desencanto,  
O amor se torna mito.

Cada lembrança, um espinho,  
Que fere a alma, a mente,  
Em um eterno labirinto,  
De dor incessante.

No peito, um vazio imenso,  
Onde antes pulava a vida,  
Agora só restam silêncio,  
Na alma entristecida.

Mas quem sabe, no amanhã,  
Entre lágrimas e sonhos,  
Renasça uma nova manhã,  
E se apague esse medonho.

E assim, entre a dor e a esperança,  
Segue o poeta em sua jornada,  
Em busca de uma nova dança,  
Em meio à madrugada.

(Alexandre dos Santos)

## DORES

Nos campos vastos do Agreste sereno,  
Ergue-se Dores, porta do Sertão ameno.  
Guardiã das tradições, onde o tempo é eterno,  
Cidade que floresce, tesouro interno.

Pelos caminhos da simplicidade traçados,  
Dores se destaca, sorriso verdadeiro, não forçado.  
Porta do Agreste, na essência da hospitalidade,  
Abre-se ao mundo, com alma de pura brasilidade.

Nas veredas do passado, onde a história se tece,  
Dores se torna épica, na saga do Agreste que enobrece.  
Pelos campos dourados, pela vida que se acende,  
Cidade hospitaleira, encanto que não se rende.

Oh, Dores, entre serras e rios que entrelaçam,  
És a porta que se abre ao coração que abraça.  
Cidade amiga, onde abraços e histórias se misturam,  
Tua epopeia é cantada em verso e se murmura.

Nas praças acolhedoras, sob o céu estrelado,  
Dores, és a epopeia de um povo encantado.  
Porta do Agreste, com o coração sempre alargado,  
Teu épico se escreve em cada olhar partilhado.

Assim, Dores, és a porta que acolhe o viajante,  
Epopeia viva, entre sorrisos e abraços constantes.  
Porta do Agreste de Sergipe, do povo amante,  
Tua história é o épico de ser tão brasileiro, vibrante.

(Alexandre dos Santos)

## SINFONIA

Nas margens do rio, as árvores sussurram,  
Seus galhos estendidos como mãos que clamam.  
O vento, com voz de poeta, conta segredos antigos,  
Enquanto as flores, em silêncio, ouvem seus abrigos.

As estrelas no céu, com olhos de diamante,  
Observam a terra como guardiãs vigilantes.  
A lua, com seu sorriso enigmático, guia os sonhos,  
Enquanto as nuvens, como bailarinas, dançam em seus prantos.

O sol, com seu semblante radiante, ilumina os dias,  
Trazendo vida à natureza com suas melodias.  
Os rios, com suas vozes límpidas, narram histórias,  
Enquanto as pedras, em silêncio, testemunham memórias.

Os pássaros, com suas asas de seda, cortam o ar,  
Como mensageiros divinos, a todos anunciar.  
A terra, com seu manto fértil, nutre a vida em seu seio,  
Enquanto as estrelas, como guias, mostram o rumo alheio.

Na natureza, a vida ganha voz,  
Numa dança de personagens, onde cada ser é algoz.  
E assim, a terra, como um palco, acolhe essa história eloquente.

(Alexandre dos Santos)

## Um doce coração (português)

Ela tem olhos castanhos  
Sorriso que encanta  
Cabelos escuros e um  
Belo coração  
Brincava de amar e perdoar  
Até eu chegar e a magoar  
Nunca teve um amor assim.  
Era lamentável o meu jeito  
Mas, com todas minhas falhas  
Mesmo assim, ela me aceitava  
Eu era o cara confuso  
Não sabia ama-la  
Gostava de coisas fúteis  
Baladas, bebidas...  
Não dava-a ela o seu devido  
Valor, como minha dama.  
Já havia se passado muitos meses  
Até que ela se cansou.  
Um certo dia, ela estava sentada  
A frente da lareira, em prantos a  
Soluçar de tanta dor, se perguntava  
O que havia de errado, o porque não  
Era o suficiente, sentei ao seu lado  
E a abracei, senti-a distante, meu  
Coração se angustiou e meus olhos  
Se encheram de lágrimas.  
De tão amargurada de todo o caos

Ela se despediu me dizendo:  
“Se vá! Já não tenho mais forças  
Para te amar, por favor, se vá!”.

### **Un dulce corazon (espanhol)**

Ella tiene ojos marrones  
Uma sonrisa que encanta  
Cabello oscuro y un bello corazon  
Jugué a amar y perdonar  
Hasta que llegue y la lastime  
Nunca tuve um amor como este.  
Mi camino fue lamentable  
Pero com todos mis defectos  
Aún así ella me aceptó.  
Yo era el chico confundido  
No supe amarla  
Me gustaban las cosas inútiles  
Discotecas, copas...  
Ella no le dio lo que le correspondía  
Valor, como mi señora.  
Habían pasado muchos meses  
Hasta que se cansó.  
Un día ella estaba sentada  
Frente a la chimenea, llorando  
Sollozando de tanto dolor se preguntó  
¿Qué estuvo mal? ¿Por qué no?  
Fue suficiente, me senté a tu lado  
Y la abracé, la sentí lejos, mi

El corazón se angustió y mis ojos

Estaban llenos de lágrimas.

Tan amargo por todo el caos

Se despidió diciéndome:

“¡Irse! Ya no tengo fuerzas p

ara amarte, ¡por favor vete!”

*Alice Christine Santos Silva, nascida no dia 06 de setembro de 2004, em Porto Velho, Rondônia. Formada no ensino médio na escola Iee Carmela Dutra, atualmente estudante de espanhol no Instituto Estadual De Desenvolvimento Da Educação Profissional (IDEP).*

## **O dançar natural do coração**

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

Havia dias que não sentia com clareza  
Era o momento de descansar o corpo e o coração  
Entendia que a natureza era viva  
Não cabia desafiá-la com agonia.

Esperou o momento oportuno  
Para que seu coração pudesse curar  
Na simbiose entre o corpo e natureza  
Ambos criaram uma perfeita harmonia.

Se a natureza permitia o coração sorria  
Se o coração sorria, a alma estava em folia  
Na dança inseparável, ambos eram harmonia  
Continuaram a vida sem nenhuma agonia.

## **A vida em cores - cintilavam**

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

O coração sentia o que a alma exalava

Era o amor em forma de liberdade

As mãos se encaixavam

Levava os corações em alegria.

A sintonia era uma orquestra perfeita

Que tocava aqueles belos apaixonados

Ele sentia cada som que exalava

De seu interior apaixonado.

Cada dia eles eram mais abençoados

Pela cumplicidade de suas almas

Caminhavam em conformidade

Com a beleza do viver!

## Pai é Presença

Não venha me falar de pai, se ele não estiver presente,  
Pois pai não é viver ausente.

Um pai faz de tudo por um filho,  
Quer sempre ver o brilho.

Pai ajuda a mãe,  
Brinca com os nossos cães.

Ajuda nas tarefas escolares,  
Estar em todos os patamares.

Pai ensina a andar de bicicleta,  
Pai também faz careta.

Um pai para um filho é tudo,  
Embora seja cabeludo.

Ter um pai por perto é sempre bom,  
Assim como chupar bombom.

Pai compra um montão de besteira  
E bota tudo na geladeira.

Com ele aprendemos muito e damos várias risadas,  
Embora seja tudo marmelada.

Um dia vou lembrar do meu pai e todas as suas perfeições,  
E também de suas ações.

Ele é muito engraçado,  
Porém nada de cansado.

Papai,  
Pai,

Da maneira que eu chamar,  
Vai sempre me olhar, como também me amar.

**Biografia:**

Auricélia Melo Feijão.

Residente em Crato-CE.

Idealizadora e Coordenadora do Projeto Leitura na Praça.

Ens. Superior: Universidade Regional do Cariri - URCA.

@psicopedagoga\_auricelia\_melo / @auriceliamelofeijao

## O farelo virou fubá e ganhou o mundo

Bernardo Santos

O baile na cidade da poesia  
não poderia ser melhor,  
transformou o choro em alegria  
sem ao menos sentir dó.

O choro aqui é musical  
composto por Zequinha de Abreu,  
Carmem Miranda o consagrou  
e o cinema o enalteceu.

Passa Quatro, passa cinco, passa seis;  
em Hollywood popularizou-se de vez.  
Mundial de esportes para não ficar atrás  
fez Barcelona e Rio de Janeiro aumentarem seu cartaz.

Na bagunça, o farelo virou fubá e o tico-tico se alimentou,  
cresceu forte, bateu as asas e logo voou.  
*“Tico-tico no Fubá”* ganhou o mundo  
e a canção se eternizou.

*“E o tico-tico, tico-tico, tá outra vez aqui  
O tico-tico tá comendo o meu fubá”*

(de novo).

Bernardo Santos, 60, aposentado, natural de Cristais – MG, residente em São Caetano do Sul – SP. Tem publicações em antologias, revistas literárias impressas e digitais. Seu trabalho mais recente é o romance histórico *O aluno do Passado* (Ebook Amazon, 2022). Vem colaborando assiduamente com a Barbante.

[www.bernardosantos.com.br](http://www.bernardosantos.com.br)

## TRANSCENDÊNCIA

seres transcendententes  
não aceitamos estagnar  
buscamos sempre as alturas  
como águias a voar

nosso lema é liberdade  
direito à existência  
à justiça, à diversidade  
minimizando a diferença

viajar, saltar muros  
derrubar cercas obstaculares  
singrar mares noturnos  
alcançar ideais milenares

destruir regras que nos oprimem  
julgamentos que nos definem  
sermos autenticamente nós  
sem o determinismo atroz

o céu é o limite pra se chegar  
transcendência no viver  
podermos o amor esparramar  
na festa do sol, ao nascer

cartas brancas, singulares  
no jogo: ganhar ou perder  
consciências perdurares  
irmos livres pro renascer

Beth Iacomini

ALEPON

almas poéticas...

moram no poente  
hora do Céu  
em matizes  
quando o dia  
se despede no  
pico da montanha  
e vai sumindo...  
marés baixam  
para recebê-las  
visitam jardins  
de bromélias  
vestem-se  
de carmim  
adentram na ária  
da Dama da Noite  
participam das  
serestas honestas  
aconchegadas  
às estrelas cadentes  
entram nos bares  
nos lares  
atraídas pelos versos  
entornados nos umbrais  
cansadas, apagam  
castiçais de turmalina  
trocam as vestes  
por mantos-rosa  
sempre primaveras  
vão dormir  
no colo cálido  
daquelas  
que oferecem os  
seios de amor ardente  
e nascem apoteóticas  
em berço de poesia

Beth Iacomini

## O Lado Brilhante

Na dança da vida, um convite para ver,  
Além das sombras que às vezes nos cercam,  
Procurar o melhor lado é saber entender,  
Que a beleza no caminho sempre se revela.

Quando as nuvens obscurecem o céu azul,  
E as dificuldades parecem não ter fim,  
É no simples gesto, no amor mais sutil,  
Que encontramos o brilho, o sol que está em mim.

Cada desafio é um campo de flores escondidas,  
Cada tristeza, uma chance para crescer.  
O melhor lado da vida são as lições aprendidas,  
Nos momentos pequenos que nos fazem ver.

Olhar o lado brilhante é ver o ouro na rotina,  
É encontrar o valor nas coisas simples do dia.  
É ver que a vida, em sua jornada divina,  
Tem cores que só brilham quando há a luz da alegria.

Nos sorrisos inesperados, no calor de um abraço,  
No som da risada, na paz do crepúsculo sereno,  
O melhor da vida está no amor e no afeto,  
E em buscar, dia a dia, o lado mais pleno.

## El lado brillante

En la danza de la vida, una invitación a ver,  
Más allá de las sombras que a veces nos rodean,  
Buscar el mejor lado es saber comprender,  
Esa belleza siempre se revela en el camino.

Cuando las nubes oscurecen el cielo azul,  
Y las dificultades parecen no tener fin,  
Está en el simple gesto, en el amor más sutil,  
Que encontramos el brillo, el sol que está en mí.

Cada desafío es un campo de flores escondidas,  
Cada tristeza, una oportunidad de crecer.  
El mejor lado de la vida son las lecciones aprendidas,  
En los pequeños momentos que nos hacen ver.

Mirar el lado brillante es ver el oro de la rutina,  
Es encontrar el valor de las cosas simples del día.  
Es ver que la vida, en su camino divino,  
Hay colores que sólo brillan cuando hay la luz de la alegría.

En sonrisas inesperadas, en la calidez de un abrazo,  
En el sonido de la risa, en la paz del sereno crepúsculo,  
Lo mejor de la vida está en el amor y el cariño,  
Y en buscar, día a día, el lado más pleno.

Bruna Schroeder da Costa, nascida em Porto Velho – Rondônia no dia 13 de Janeiro de 1991. Formada no Ensino Médio no colégio Major Guapindaia. Atualmente estudante de Espanhol do Instituto Estadual de Desenvolvimento da Educação Profissional de Rondônia (IDEP)

## Natureza

Sem ar puro se padece,  
em meio a cimento e dor,  
sem a sombra e sem a flor  
a vida vai-se, esmaece

Na atividade concentro  
cuidados, sem distinção.  
Seja no morro ou no centro  
ainda há tempo de ação.

Há muitos indiferentes  
**à Terra, às coisas** do mar  
**à luz do sol, sombra e ar**

Mas, chegada a consciência,  
a mãe-natureza volta  
Volta a vida, com certeza

---

Nome – Carolina Araújo Rodrigues Funayama

Rua Álvares de Azevedo 1486

14050-090 Ribeirão Preto SP

[carfunay@fmrp.usp.br](mailto:carfunay@fmrp.usp.br)

cel (16) 99962-6922

Carolina Funayama nasceu em 1952 em Ribeirão Preto, onde vive. É docente aposentada da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP na área de Neuropediatria, tendo sido responsável pelo Serviço de Neuropediatria do HC de Ribeirão Preto. Publicou em 2023 dois livros para o público infantil e infanto-juvenil, pela Ed. Telha “Natuza e os Animais” e “Triversos”.

## A Menina do Guarda-Chuva Mágico

Catarina Dinis Pinto

Uma menina tinha em sua mão,  
um guarda chuva que gira sem parar,  
nos seus olhos a imensidão,  
de na simples felicidade encontrar.

Conhecida pelo seu grande coração,  
no seu quotidiano nada a faz travar,  
Juliana tem uma grande imaginação,  
até nas nuvens consegue caminhar.

Escreve poemas com emoção,  
nas suas histórias é uma heroína de encantar,  
onde a sua amiga coruja é a inspiração,  
para mais uma melodia singular.

Debaixo do guarda chuva com gratidão,  
abriga para atenuar,  
do frio e da neve com devoção,  
a sua mãe sem medo de hesitar.

Na sua nave espacial faz uma excursão.  
deixando muitos a pensar,  
como é necessária tanta determinação,

para pela selva viajar.

As cores do guarda chuva parecem um clarão,  
nos dias de inverno podemos observar,  
que são mais do que um milhão,  
fazendo todos no seu encanto pensar.

Com um ritmo de diversão,  
o guarda chuva magico gira sem cessar,  
tal como uma bela canção,  
que todos vamos entoar.

O seu guarda chuva mágico é cá uma sensação,  
Juliana levamos a explorar,  
sonhos e emoção,  
conhecer novos trilhos sem nada a temer.

## Viajar em versos

Claudio Trindade

Tropeço em palavras

Mergulho em versos

Navego em versos

Distribuo pontes

Ligo costumes

Abraço culturas

Frases não calam

Me perco em ouvidos

Além das vozes

Sussurros de almas

Na construção poética

Poemas nascem

Todos sentidos

Um só corpo

No calor das mãos

Passeiam canetas

A viagem do poeta

Autoria Claudio Trindade

(Direitos reservados e garantidos. Lei Autoral 9.610/1998)

Quando o H **chega** sem avisar

Claudio Trindade

**cega** de susto

faz **chorar**...

**cora** a face

**cheia** de saúde

na **ceia** alternativa  
de **cachos** de uva, um bom vinho  
**cacos** de saudade  
**chama** vividas  
na **cama**... desalinho  
alma de **bicho**  
escrito a **bico** de pena  
**fichas** com dados secretos  
**fica** guardado a chaves  
ou escondido em **rochas**  
se enrola no fiar das **rocas**  
o rolo da linha ao **chão**  
**cão** em diversão  
num **choque** de liberdade  
o **coque** em combustão  
aquece o **lanche**  
num **lance** de tempo  
ferve o melado no **tacho**  
mexido com **taco**  
respingos na lâmina **chata**  
**cata** ventos a girar

Autoria Claudio Trindade

(Direitos reservados e garantidos. Lei Autoral 9.610/1998)

## **O que dizer...**

Claudio Trindade

Ser mágico no olhar da criança...

Tudo parece perfeito

Ídolo...

mundo dobra a esquina

perfeições passadas a limpo

virou a mesa

comeu de outra maçã

perdeu o brilho

cacos colados

marcam as perdas

encanto voou...

só os cristais que fazia, brilhavam

peças moldadas no ar

sem moldes

no fogo do maçarico

sua imaginação voava

um criador de sonhos

vivia nas nuvens

hoje uma estrela

perdida no firmamento

saudade do seu briho

ofuscado da face

pai, brilho estelar...

Autoria Claudio Trindade

(Direitos reservados e garantidos. Lei Autoral 9.610/1998)

Para que falar de amor

Para que querer falar de amor  
Se você não sabe que é amar  
Quando não se sabe dá valor  
E nem ao menos sabe confiar

Não me venha querer dá lição  
Porque o amor tem sua razão  
Não deixe a maldade domine  
Quero que sinta toda emoção

Eu tentei de todas as formas  
Uma maneira de fazer você  
Compreender que nesta vida  
Não deve ser apenas sofrer

Mas para que falar de amor  
Quando a vida é grande dor  
E o amor cedeu ao desamor  
Que perdeu o respeito e valor

Daniel Bezerra

## A vida é um ciclo

Nas manhãs ao amanhecer  
Acordo com a luminosidade  
Do sol radiante, anunciando  
Que mais uma noite acabou

Mais um dia terei para viver  
Levanto e vou normalmente  
Trabalhar e ganhar meu pão  
Para a fome eu poder saciar

Temos a nossa inteligência  
Alguns agem com demência  
E na ganância, burlam a lei  
É vergonha pra a sociedade

A vida é só um ciclo diário  
Que a cada dia se renova  
A renovação é necessária  
Pra se alcançar felicidade.

Daniel Bezerra

Ouço bater a porta

Eu ouço bater levemente  
na minha porta da frente  
e eu corro feliz para abrir.  
Mas a vida não tem porta!

Será que é na janela torta  
que ontem ficou aberta e  
não consegui consertá-la  
ou será em outra porta?

Muito insistentemente  
escuto bater novamente.  
Procuro com ansiedade  
motivo deste embaraço.

Eu ouço bater novamente.  
Tudo que vejo é um traço  
de quem passou por mim  
e deixou pegada na areia.

Não ouço novas batidas  
nem procuro mais ouvir,  
e entendi que nessa vida  
nem tudo é bom se sentir.

Daniel Bezerra

## A essência da Arte

O espaço cultural Sapiência é um projeto social que beneficia a comunidade poçoense, fica localizado na Avenida Boa Nova - bairro Bela Vista. Um espaço cultural que busca resgatar cultura, educação, criatividade e brincadeiras por meio da arte.

Projetos sociais como este beneficiam comunidades ao melhorar a qualidade de vida, reduzir sofrimento em grupos vulneráveis e promover democracia. E a arte é uma expressão fundamental para a humanidade, refletindo necessidades, crenças, desejos e sonhos individuais ou coletivos.

Projetos artísticos podem ter um impacto significativo nas comunidades, inspirando pessoas, estimulando a criatividade e fortalecendo os laços comunitários. Além disso, a arte pode promover a inclusão social, valorizar a diversidade cultural e impulsionar o desenvolvimento econômico do setor cultural. Ela auxilia as pessoas a expressarem-se, a desenvolverem habilidades criativas e a encontrarem o seu lugar no mundo, aumentando a autoestima e a confiança, especialmente em comunidades periféricas e minorias.

A arte é um veículo de inclusão, transformando mentalidades e promovendo a aceitação da diferença. Muitos artistas contemporâneos abordam questões sociais importantes, como racismo, discriminação de gênero, exclusão social e desigualdades econômicas, por meio de suas criações. A arte permite uma visão mais crítica da sociedade, capacitando as comunidades a se tornarem protagonistas em diversos aspectos sociais. Um exemplo disso é o grafite.

## UM ESPAÇO CULTURAL

Sapiência é a virtude de quem é sábio.

Sábio é a qualidade ou estado de ser sábio.

Vou começar!

Estive em um recanto

E lá pude encontrar,

Conhecimento e sabedoria em um único lugar.

Conhecimento é a luz que ilumina,  
É a chave que abre portas fechadas.

A sabedoria, porém, é rara,

Não se encontra em qualquer lugar ou cara.

É fruto do tempo, da vida vivida,

Das lições absorvidas e da ancestralidade.

Um lugar de encanto

Cheio de cores e crianças,  
Onde a imaginação e o talento são visíveis.  
Um espaço dedicado a cultura  
E a arte visual.  
Muito mais que isso, pude observar.  
Em poucos minutos percebi  
Que nesse lugar o amor está.  
Está nos riscos dos desenhos  
E no jeito de ensinar.

Seu nome é SAPIÊNCIA  
Um espaço cultural,  
Fica em Poções e é sensacional.  
Um projeto de muito valor!  
Um reino de amigos, revelações,  
De arte, cultura e amor.

Damille Dias de Oliveira

Deisiane Oliveira nascida em 13 de agosto de 1996 em Belo Horizonte, residente de Betim MG tem 27 anos de idade, desde os cinco anos já conseguia compreender cartas de bancos e lia aquele livro de Wikipedia, mãe do Miguel um bebê de dois anos e sete meses , meu primeiro livro publicado foi Carmelia e o navegante com a editora Bibliomundi, depois vem o Palavreiras lançado na Flip e bienal em 2018 com a editora Autografia, lançou outros na Amazon no qual teve quase mil novos leitores só nesses três primeiros meses. Também pública no meu lado poético e recanto das letras onde tem vários outros trabalhos.

Poema:Carinhoso

Ele é o homem mais feroz que existe

Gosta de se cuidar

Gosta de respeitar as mulheres

Um homem muito bom

Eu o admiro por ser tão carinhoso.

Estou muito feliz com ele

Sinto que essa é a pessoa certa

Nunca me senti tão amada por alguém

Ele foi o cara que me apoiou

Me tocou não fisicamente

Mas no coração.

Me aceitou do jeito que sou

Tendo minhas dobrinhas

Tenho um filho

Que ele ama

Por isso o quero fielmente!

## A CONSTITUIÇÃO E A ESCOLA

Edson Amaro de Souza

Língua Portuguesa ensino

Numa escola popular –

Pública como se diz

Em oficial falar

E o desafio maior

‘Inda é alfabetizar.

Quase todo brasileiro

A Belém pode chegar.

Basta que suba num ônibus

Já sabendo soletrar

A palavra que bem alto

O letreiro faz brilhar.

Mas palavras em fileira

Já fica mais complicado

Pois a maioria do povo

É mal alfabetizado

E de um texto mais complexo

Não compreende o recado.

Um diploma o brasileiro

Acaba por receber

Ao final do Ensino Médio

Mesmo mal sabendo ler.

Poucos são os que conseguem

Duas páginas entender.

Sem nunca ter lido um livro

Inteirinho em toda a vida  
Pensa o pobre brasileiro  
Que a missão está cumprida  
E a ideia da leitura  
É por ele repelida.

Uma escola faz de conta  
Só diplomas reproduz:  
Reles tintas em papéis  
Que jamais emitem luz.  
Tal desgraça se repete  
De São Paulo a Bom Jesus.

Só importam estatísticas  
Aos péssimos governantes:  
Quantos diplomas impressos?  
Perguntará alguém se antes  
Leram sobre evolução  
Ou são pobres decorantes?

Caso o povo brasileiro  
Entendesse evolução  
Em caso de epidemia  
Para evitar mutação  
De qualquer vírus mortal  
Bem buscava precaução.

Na minha escola não há  
Biblioteca de verdade:  
São livros amontoados –  
No meio deles quem há-de  
Encontrar Darwin, Homero

Ou contos de Sherazade?

Ninguém os catalogou:

Filósofos, romancistas,

Geógrafos, dramaturgos,

Poetas, economistas

Lá se encontram por acaso:

Nas estantes não há pistas.

Não se vê nos bairros pobres

Um incentivo à leitura. –

Que diferença haverá

Seja livre ou ditadura

Num país onde os mais pobres

Não têm acesso à cultura?

Já filhos, sobrinhos, netos

Dos perversos governantes

Leem Darwin em Inglês,

São de Homero navegantes

E nas férias vão pro Egito

Das pirâmides gigantes.

Se um texto não entendem

Jovens da periferia

Como então exercerão

Essa tal cidadania,

Essa palavra bonita

Que nos livros jaz vazia?

Duzentos e cinco o artigo

De nossa Constituição –

Livro tão misterioso  
Pra pobre população –  
Que diz que a escola deve  
Preparar o cidadão

Para ter emprego digno  
(Como assim sem saber ler?),  
Também pra a cidadania  
Responsável exercer.  
(Como assim se por escrito  
Se expressar não vai saber?)

É por ser esse tal livro  
Só por poucos conhecido  
Que mentiras numerosas  
Todos nós temos ouvido,  
Criando muitos fantasmas  
Que os pobres têm temido!

É comum os fariseus  
Enganarem seu rebanho  
Mentindo que um candidato  
Na direita dando um banho  
Fechará dez mil igrejas.  
Sordidez tal não estranho.

Se nosso povo soubesse  
O que é democracia  
Na cara dos fariseus  
Duro dedo apontaria  
Destruindo dos canalhas  
Essa velha hipocrisia.

A Constituição garante  
A todos a liberdade  
De consciência e de crença  
E nenhum governante há-de  
(Está no artigo quinto)  
Fazer arbitrariedade.

O poder de um governante  
A Constituição limita,  
Direitos nos assegura  
(Isso os tiranos irrita)  
E os deveres lá prescreve,  
Como em pedra lei escrita.

Mas da escola falávamos –  
A tal tema voltaremos.  
Como age a nossa escola  
Ante os ditames supremos  
Da Constituição rainha?  
Isso nós discutiremos.

Objetivos da República  
Reza o artigo terceiro:  
Combater os preconceitos  
Neste solo brasileiro  
E as desigualdades todas  
Nos unindo por inteiro.

Se a República quer ver  
Humildes se levantando  
Cá nos resta perguntar:

Em um livro escolar quando  
Você viu representado  
Um negro em lugar de mando?

É tão fácil encontrar  
Aquarelas de Debret  
Mostrando negros no tronco  
Mas eu pergunto: Cadê  
Kofi Annan engravatado  
Na ONU? Você tal vê?

De Milton Santos o rosto  
No livro de Geografia?  
Os versos de Elisa Lucinda  
Encontraram moradia  
Na aula de Literatura?  
Em Inglês, a cantoria

Tropical do velho Marley  
Em coral será cantada?  
A pacífica lição  
De São King será lembrada?  
A vereda para Obama  
Foi por ele desbravada.

Quem nos livros escolares  
Faz também notável falta  
São mulheres de coragem  
Com a cabeça brava e alta,  
Superando o vil machismo,  
Erguendo-se sobre a malta.

Santa Florence criou  
A profissão da Enfermagem.  
Malala não é exemplo  
Pras meninas que bem agem?  
Voz erguida no Senado,  
Dilma contra a sacanagem!

Já Júlia Lopes de Almeida  
Produzia literatura  
Lá no séc'lo dezenove  
Exibindo assinatura  
Bem na capa dos seus livros –  
Na Inglaterra então figura

Numa capa uma mulher?  
O próprio nome não viu  
Mary Shelley em livro seu  
Pois não vivia no Brasil.  
De Jane Austen o bom nome  
No túmulo reluziu.

As escritoras inglesas  
Na verdade se escondiam  
Publicando só anônimas  
Ou que eram homens fingiam.  
No reinado de Vitória  
Tais derrotas se imprimiam.

Júlia Lopes rejeitada  
Na nascente Academia  
Se calou para o marido  
Receber tal honraria:

Menos lido que ela própria  
Desses louros dependia.

Maria Firmina dos Reis,  
Maranhense, educadora,  
Que nasceu escravizada;  
Nossa primeira escritora  
Da geral abolição  
Militou qual defensora.

No final do Ensino Médio,  
É que vemos escritoras –  
Tão só do século vinte  
Surgem como narradoras:  
Cecília, Clarice, Lygia  
E Rachel qual vingadoras!

Os tais Direitos Humanos  
O povo pobre abomina  
Pois quem paga o jornalismo  
Desonesto o mal ensina  
E não sabe quanto bem  
Essa Carta legitima.

Ao longo de artigos muitos,  
A Carta está inserida  
E por isso a Educação  
A todos é garantida  
Tal como o fundamental  
Direito a viver a vida.

Se todos podem aqui

Em qualquer nome votar,  
Sem antes a própria renda  
E posses muitas mostrar,  
Como no tempo do Império,  
Eis a Carta a funcionar.

Ninguém poderá ser preso  
Sem formal acusação  
Tal como Graciliano  
Já puseram na prisão.  
E para a ampla defesa  
Que se crie a condição!

E quando o processo findo  
Tiver sido condenado  
O réu cumprirá a pena  
Sem poder ser torturado.  
Isso não suporta quem  
Tem a Carta difamado.

Gente escrota sempre surge  
Quando época de eleição,  
Prometendo força, açoite,  
Guilhotina e castração  
Pra eleitores enganar  
Que não sabem tal lição.

A propriedade existe  
Qual direito garantido  
Mas tê-la sem produzir  
Não fará qualquer sentido.  
A Carta Magna já tem

Para isso definido

Que o imóvel seja urbano

Ou até seja rural

Algum uso deve ter:

Eis a função social.

Caso não, desapropriar-se

Para reverter o mal.

Terra para quem trabalha

Bem queria João Goulart.

Mais empregos para os pobres,

Casa certa onde morar

Para quem planta ou na cidade

Busca filhos sustentar.

Quem entre os estados anda

Muito mato vê crescendo

Em inúteis latifúndios,

Enquanto o povo sofrendo

Passa fome e a cada dia

Do progresso vai descrendo.

Nas escolas, deveríamos

Às crianças ensinar

Muito mais que a tabuada

Mas com hai-cai soletrar

E assim a natureza

Santamente apreciar.

E após a poesia

Já nas trovas entender,

A bela Constituição  
Discutir e defender.  
Só assim a juventude  
O Brasil pode mover.

## Arte

Arte,  
de teu seio  
de liberdade...  
Tu almejas  
apenas,  
que tua imensidão  
se propague.

Pobre de mim,  
oh! Meu Deus!  
Sou artista  
dos palcos  
da eternidade.

Só me resta  
o que presta,  
representar  
minhas saudades.

Oh, Arte!  
Nunca se vá.  
Não me abandone  
pelo mundo  
sombrio e escuro.  
Onde apenas,  
o meu encontro seria  
um desencontro.  
Simples.  
Uno.  
E,  
Mortal.

**Fábio Aiolfi**

Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN ( Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano , atualmente como mediadora de leitura na biblioteca . É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, Essência de Nós e do Fanzine Asas de Mãe .Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza.

## CAMINHANDO

Fátima N. Leite

Vou...

Eu vou sim...

Caminhando por entre pedras,

Assim como o grande Esdras.

Dominando a dificuldades,

Galgando esferas, pois,

A minha descendência gigante

Grita atrás de mim: Avante!

Sou...

Sim, eu sou..

Aquela que tem a responsabilidade,

De continuar minha raízes,

Com ombridade.

Adiante!

Transito entre as luas  
Do amanhecer ao luar...  
De fada madrinha  
À bruxa lunar.  
Em meio as folhagens,  
Me sinto sonhar,  
Assim como também,  
Forças prateadas  
Me fazem flutuar.  
Sou loba, felina,  
Garras prontas a alcançar,  
Defendo territórios,  
Essências intrínsecas.  
Sou águia sob o sol  
Asas livres a voar...  
Força astuta ao arrebol!  
Posso voar sobre imensos jardins,  
Colhendo o néctar das flores.  
Subo na luz das estrelas  
Dançando entre seus esplendores.  
Sou duo, mas sou plena.  
Dividida, porém, serena.  
Minhas almas, são uma de cada.  
Meu coração, meu farol.  
Sou bruxa sou fada,  
Sou Lua! Sou Sol!

## O sol

Oh sol, que resplandece o dia. O sol chega com a energia da manhã. O sol vem com a luz acender a alegria no coração. Oh sol, que me encontra na janela do quarto. O sol que toca a mão da amante. O sol que adentra o quarto, com seus raios irradia o espaço. Oh sol carregado de calor. O sol que desperta amor por sua natureza. O sol que incandesce a visão. Oh sol, que traz o encanto do verão. Oh sol, que vitaliza. O sol que fornece vitamina ao corpo. Oh sol, dourado! O sol que encandeia o olhar que flerta a sua beleza. O sol que no entardecer anuncia a chegada da noite. Oh sol escondido, com a paixão da noite, para renascer de novo.

(Francineide Araújo de Medeiros)

## Admiração no sentir

Um olhar para o horizonte dessa imensa natureza. Essas nuvens carregadas de mudanças, levadas pelo vento na direção do tempo. Esse olhar que captura no movimento da natureza, a beleza que vitaliza esse ser de olhar contemplativo. O calor é transformado pelo ar livre da natureza. Essa brisa que mexe os cabelos, e desperta inspiração no sentir. Esse ar que a vida respira, essa respiração que ativa o corpo, essa atração que faz harmonia. Esse vento suave na sua força que afaga na delicadeza o rosto. Esse pensamento que busca, esse pensamento que sabe e sente. O pensamento segue a liberdade no querer da aventura. Essa liberdade que sente a natureza da vida.

(Francineide Araújo de Medeiros)

## Você e a natureza

Você admira a natureza, porque sabe que também é natureza. Você contempla a beleza de si mesma, diante do nascer do sol. Você vive o dia com o entusiasmo de conhecer. Você no pôr do sol fica refletindo a vida na experiência de viver. Você na janela do quarto, olha a lua cheia e sente a energia da lua na alma. Essa alma grandiosa e sensível que reflete no olhar o tesouro da bondade na alegria que contagia. Você é perfeição, sente a natureza no coração. Você na estação das flores, sente o cheiro que lhe inspira com delicadeza, e a suavidade da flor na pele, e o canto dos pássaros que lhe encantam com a magia da melodia na natureza. Você enxerga na família o amor que lhe fortalece. Você é mãe maravilhosa e filha amada. Você mulher de vontade, apaixonada pelo mar, aprecia as ondas com a vibração no coração. Você mulher da existência, vê o sol nascer com a esperança da vida, e vê o entardecer do dia com a sabedoria de amar.

(Francineide Araújo de Medeiros)

## RECEITA DE AMIZADE EM VERSOS DE CORDEL

Quando a gente é criança  
Faz amigos nessa fase  
Há quem conosco cresça  
Fortalecendo a base  
Fica jovem e adulto,  
Foi vogal, hoje é frase.

Família não se escolhe  
É algo determinado  
Mas o amigo ou amiga  
Não é fato combinado  
Nós podemos escolher  
Quem vai ser o premiado

Ter amigo é muito bom,  
Vale mais do que dinheiro,  
Que aplicação no banco,  
De janeiro a janeiro.  
Eu não troco meus amigos  
Por cuscuz com carneiro

Para se ter um amigo  
É preciso paciência,  
Perdoá-lo e amá-lo,  
Sentir dele a essência.  
Ele é fonte do consolo  
Nesta vida de carência

Amizade verdadeira  
Germina no coração  
Passam dias, passam anos  
É mais forte a emoção  
De ter precioso ouro,  
O amigo, mas que irmão.

A corrente da amizade  
Tem seus elos bem forjados  
Na alegria ou na dor  
São sempre fortificados  
Ser amigo é ser leal,  
Baixo, em cima, dos dois lados.

O amigo ou amiga  
Faz parte da sua alma.  
Aquele que for primeiro  
Nos fará viver o trauma,  
Do elo que foi rompido  
Afetando nossa calma

Nos ensina Aristóteles:  
Impossível é viver  
Em cima deste chão velho  
Sem um amigo se ter.  
Todo ouro do planeta  
Não paga este prazer.

O relógio da existência  
Num bom papo com amigo

Faz o tempo ser eterno  
Acredite no que eu digo  
A ele dizemos tudo  
Sem ter medo do perigo

Pois o amigo verdadeiro  
É um cofre bem seguro  
Guarda tudo em segredo  
Ontem, hoje e futuro.  
Nada abre a fechadura  
Não se apraz com dedo-duro

Amizade é coisa séria  
Precisa de adubação.  
O seu campo primoroso  
Na terra do coração  
É regado com o suor  
Desta forte união.

Neste mundo digital  
Pelas redes sociais  
Encontramos demasia  
Como letras de jornais  
Muitos seguem o perfil  
Mas longe estão demais.

É preciso cativar  
Pra amizade ser concreta  
Não esqueça a lição  
Da raposa que é esperta

Com o pequenino príncipe

Na conversa bem aberta

De Oswaldo Montenegro

Vem tarefa pra fazer

A lista de grandes amigos

Que a muitos não se ver

Onde eles estarão?

O que podemos saber?

Um amigo pode ter

Natureza diferente

Pode ser um cão, um gato,

Até mesmo uma semente.

Importa dele cuidar

Não esquecê-lo na mente.

Sendo cão vai ser fiel,

O gato irá rosnar.

A semente será árvore,

Fruto e sombra vai lhe dar.

Colega não é amigo

A vida vai lhe mostrar.

Na jornada desta vida

Sou poeta sessentão

Tenho os pés empoeirados

Vivi seca e aluvião

Em assunto de amizade

Já tive decepção

Muito cedo aprendi  
Discernir a falsidade  
Ouvindo o pulsar da vida  
Optei pela verdade  
Quando vou colher amigos  
Levo a serenidade

Jesus Cristo também foi  
Machucado na amizade  
12 homens escolhidos  
Todos de maior idade  
Fraquejaram no apoio  
Na grande adversidade

O Judas Iscariotes  
Virou rei da traição  
Todos sabem da história  
Nos passos da perdição  
Pedro também negou  
O Autor da Salvação.

Mas o amigo que nos ama  
Não deixa mal triunfar.  
Para, pensa, chora, volta,  
Vai o ferido buscar  
E lhe diz arrependido:  
“Errei, queira-me perdoar”

Se você casado for

Preste muita atenção:  
A pessoa do seu lado,  
Que acelera o coração,  
Deve ter sua amizade  
Em toda ocasião.

Seja homem ou mulher  
Olhe com sinceridade  
Dê a ela a certeza  
Da sua prioridade  
Pois dentro do casamento  
Amizade é santidade.

Meu amigo, minha amiga  
Receba desse poeta  
O diploma da amizade  
Com moldura bem discreta  
Ostente na sua casa  
Na parede predileta.

Mané Beradeiro  
22 de agosto de 2024

## Garras do tempo

Fujo das garras do tempo  
O silêncio cadencia a noite  
Acalma os ânimos do corpo  
Sulcado pelas crinas do poente

Ouso falar do que ressentido  
O luar alumia a terra  
Tateia mudo estepe d'alma  
Acesa no breu da toca

Vaga só estranha criatura  
Perfaz com os olhos espessos  
O caminho da desventura  
Num tão sonhado novo jardim

Guardado além dos confins  
Beleza nua e extenuante  
Da futura desordem o arrepio  
Da noite mais delirante

Sonhos que se repetem  
Despertam a tenra infância  
O que soluça sem hora  
Torna súbita a lembrança.

(Gerson Nagel)

Morada

Ali morava

no íngreme daquela rua

tinha larga sacada

verde em frente aquela praça

Onde passarela não dava

carros de passagem

ventavam e com as imagens

árvores tombavam

Ali estudava

junto as três figueiras

majestosa casa

mais agradável era da via

Onde ali brincava

com a garotada aprendia

o que fora da asa

era verdade ou consequência

Depois ralava

onde a senhora das lixas

sentava o banquinho

retumbando as tardes do prédio

Onde cinema repousava noite

vivia aquele parque

adornado por palmeiras

aos olhos brilhantes cartazes

A lembrança passada  
de pais para filho não tarda  
acomete uma tarde  
não morre, agora mora em mim.

(Gerson Nagel)

\*

Mar é nosso

Mar,  
Que carrega o teu nome  
Essa força  
Uma potência  
Como uma onda que nos abraça.

Mar,  
Da progenitora  
Deste a vida ininterrupta  
Uma riqueza infinda  
Como os laços dessa família.

Mar,  
Que nos ata à coragem  
De mergulhar  
Como uma artista  
Em cada dia que se principia.

Mar,  
De profundezas  
Nomeia a mãe Iemanjá  
Como divindade  
É soberana contracorrente.

Mar,  
Aprendi com você a recitar:  
“Na natureza  
nada se cria, nada se perde  
tudo se transforma.”

Mar,  
De delicadezas  
Tens natureza pura e afetuosa  
Que nos transborda  
E hoje, entre nós, és só felicidade.

Mar,  
De possibilidades  
Borbulhantes sobre as águas  
Como espumante  
Aqui brindamos a sua presença.

(Gerson Nagel)

\*

Na estética do frio

a descoberta passeia  
de mangas curtas

Visto meias de lã  
para encobrir  
as frias imagens

(Gerson Nagel)

\*

Miragem

um monte  
no horizonte  
vive  
espetado  
no agreste  
    cipreste  
    seu esquema  
árido  
poema  
se dispersa  
    em concreta  
miragem

(Gerson Nagel)

Gerson Nagel é pisciano, radicado em Porto Alegre/RS. Produz a Revista Escriba digital a partir do selo literário do qual é fundador, a TDL editora. Autor de dois livros de poesia, Prometo não invejar as gargalhadas (TDL, 2017) e, O Que Ficar Desperta (Bestiário, 2022). Premiado em concursos literários, integrou inúmeras antologias e sites literários. Menção honrosa no Prêmio Lila Ripoll (2016 e 2018). Como produtor e agitador cultural, em 2021

recebeu o Prêmio Trajetória Criativa pelo Plano Municipal do Livro e da Leitura (PMLL) e, em 2023, pela TDL editora, Prêmio Multilinguagens pela Lei Paulo Gustavo (LPG), ambos concedidos pela prefeitura de Porto Alegre/RS. Desenvolve projetos na área cultural e promove a leitura. Contatos: [instagram.com/gerson\\_ngl](https://www.instagram.com/gerson_ngl) & [instagram.com/revistaescriba](https://www.instagram.com/revistaescriba)

## Amor entre estudantes

Ao vê-la entrar pela porta  
meu coração palpita  
seu brilho me encanta  
chego a desconcentrar-me.

Ela é muito linda,  
seu olhar radioso me fascina  
sua voz suave,  
ao ouvi-la no corredor  
fiquei deslumbrado.

Sua voz radiante  
seu aroma revigorante  
cabelos brilhantes  
não consigo esquecer-la.

Sempre que a vejo  
meu coração dispara  
olhos castanhos, lindos como o sol  
sorriso inesquecível  
és como diamante.

Jaíne Cristine Ferreira Belarmino, 26 anos, casada há 4 anos, filha de Luciane Ferreira Belarmino, tecnóloga em Radiologia e pós graduada em Radioterapia e Medicina Nuclear. Atualmente estudante de Espanhol do Instituto Estadual de Desenvolvimento da Educação Profissional de Rondônia (IDEP).

## **Amor entre estudiantes**

Cuando la veo entrar por la puerta  
mi corazón palpita,  
su brillo me encanta  
Empiezo a perder el foco.

ella es muy hermosa,  
su mirada radiante me fascina  
su voz suave,  
cuando la escucho en el pasillo,  
Estaba impresionante.

Su voz radiante,  
su aroma vigorizante,  
cabello brillante,  
No puedo olvidarla.

Cada vez que la veo  
mi corazón se acelera  
ojos marrones, hermosos como el sol  
sonrisa inolvidable  
Eres como un diamante.

Jaíne Cristine Ferreira Belarmino, 26 años, casada hace 4 años, hija de Luciane Ferreira Belarmino, tecnóloga en Radiología y posgrado en Radioterapia y Medicina Nuclear. Actualmente estudiando español en el Instituto Estatal de Desarrollo de la Educación Profesional de Rondônia (IDEP).

## Maria, Maria, Maria

Maria, vai lavar a roupa!

Maria, faz o jantar do marido, ele chega logo

Maria, tem que dar banho nos menino

Maria é a última a ir pra cama, ela tem que deixar tudo limpo

Maria, abre as pernas, você já sabe como funciona.

Maria, tira a roupa!

Maria, leva o whiskey dele

Maria, engole a(s) pílula(s)

Maria é a primeira a ir à cama, ela tem que mostrar que quer

Maria, abre as pernas, você já sabe como funciona.

...

Maria, se ajeite, o “homi” tá chegando!

Maria, bote o vestido branco, você é pura.

Maria, nem pra isso você serve! Já é moça, tem que arrumar alguém para cuidar de você.

Maria, não tem mais comida

Maria, você é tão bonita

Maria, beba isso, vai ajudar

Maria, esse é o nome que você quer? Não importa. Maria está morta, você é agora Jezebel.

...

Prazer, Maria José

ela serve a mesa com a cerveja e aperitivos para os homens assistirem

Com licença

Prazer Jezebel

ela se serve a mesa sem roupas para os homens assistirem

Com licença

...

Jezebel encontra Maria, em um mercado chulo de São Paulo, ela vê Maria com duas crianças em suas mãos e uma no ventre, tentando alcançar a garrafa de leite, enquanto a própria segurava duas da vodka mais barata. Com os olhos fixados na barriga de Maria, sabendo quantas vezes se recusou a chegar neste nível. Ela sabe a receita certa para fazer uma gravidez ir embora

Me chamo Jezebel, deixe que te ajudo!

Obrigada, me chamo Maria José, não sabia que as prateleiras aqui eram tão altas - ela ri - sou do interior de Sergipe, estou visitando a família do meu marido.

Jezebel treme ao ouvir o nome “Maria,” mas não se deixa transparecer, teve que aprender isso no Leão.

Obrigada, você é uma bela jovem, se permita viver uma longa vida... longa e feliz - Maria fala ao olhar para seus filhos, com tristeza - foi um prazer te conhecer, Maria.

...

“Aqui descansa Maria, mãe de 5, esposa exemplar e amada deveras”

O laudo mostrava ao contrário, pois na 6 gravidez, apanhou até a morte pelo seu amado marido, o bom moço de São Paulo, de família boa que iria a proteger.

“Aqui descansa Maria, ótima irmã e amiga, para sempre será fruto de saudade e alegria.”

Maria não tinha mais amigos, eles não queriam ver ela se matar aos poucos então as deixaram, seu irmão foi levado quando o serviço social soube do trabalho dela. Tudo que restou foram homens nojentos, bebidas e o saber de quantas a tirariam deste mundo.

...

Uma vez Maria, sempre Maria

A não ser que o mundo lhe arranque isso.

O nome santo, que nunca mais será.

Jéssica Ellen de Lemos Santos.

email: [jessicaellendelemossantos@gmail.com](mailto:jessicaellendelemossantos@gmail.com)

## **Apenas um Negro**

Não escolhi minha cor

Mas carrego a dor

De muitas vezes não ser aceito

E de muitas não me encaixar como um “preto”.

A Luta existe e é clara

Ou escura como minha pele

Mas a Luta que eu espero

E para que a cor seja apenas algo na pele.

A discriminação que existe

E que deveria ser combatida

Muitas vezes é motivo de chacota

Pela “lacrção” que afeta a Mídia.

Não quero ser tratado diferente

Nem para o bem e muito menos para o mal

Ainda não entenderam que no Brasil

O Negro quer apenas ser igual.

Quero que nossa história seja respeitada

E descrita como realmente foi

Que nada seja apagado

Por motivos torpes ou favores.

Que sejamos livres

Mais do que a Lei Auréa nos fez

Que sejamos apenas iguais

Como ainda não conseguimos, como ainda não se fez.

John Silva

### ***O melhor café do mundo<sup>1</sup>***

O melhor café do mundo.  
Em cada hoje,  
Gosto de saudade  
Adocicado com carinho  
E o cuidado que desperta em mim  
Sensações que nunca tive e por  
Isso nem sei descrever.  
O coração aquece, de leve,  
E por um momento os infernos  
Por onde trilhei se atenuam  
Na lembrança como um lugar  
Distante, longínquo,  
Além do tempo e que apesar das cicatrizes  
No corpo e na alma,  
Me fazem ser grato por terem  
Me guiado até aqui.  
O melhor café do mundo  
Tem gosto de quero mais,  
A promessa de um depois  
E a certeza de que na infinitude  
E pequenez que sou  
Algo muito grandioso e bom  
Olha e se importa,  
Me fazendo ter esperança.

### ***Queria encontrar alguém***

Queria encontrar alguém

Que conseguisse entender

1 *José Domingos Angelo Santos é graduado em Letras Português pela UFS e mestre em Letras pela mesma universidade, sendo professor da rede pública estadual de ensino. De quando em quando rascunha pensamentos soltos, aos quais aqui e acolá possuem traços de poesia, escrevendo sobre temas que vão desde o ser ao vazio. E-mail: [josevernaculo@gmail.com](mailto:josevernaculo@gmail.com).*

O oco que pode habitar num ser  
Que consiga mensurar o quanto  
É imensurável os abismos que podem  
Ser criado em dois corpos que  
Se tangencial  
Que consiga entender a importância  
De não se apegar a convenções e nomenclaturas  
Mas que veja os riscos que é a indefinição  
E das complicações que deixar  
Pra depois pode trazer.  
Que entenda que não importa onde  
Tudo tem uma finitude e que só  
As ideias e utopias se mantêm  
Que a vida é efêmera e sem sentido  
E é nisso que reside sua beleza.

***Escrever é sentir como quem morre***

Escrever é sentir como quem morre;  
É deixar as palavras fluírem como  
Água de cascata  
Às vezes profunda, silenciosa.  
Escrever é sentir como quem morre  
Pois quando escrevo por um instante  
Lugares e pessoas se realizam  
De formas que sejam impossíveis aos olhos  
Humanos.

## O Peso dos “E Se(s)”

O que fazer quando se está confuso? Às vezes penso que a vida adulta é um grande “e se”. Então como não pensar tanto neles?

Relacionamentos são difíceis; a confusão aparece e logo em seguida os “e se”.

Saudades eu tenho dos tempos em que a minha maior preocupação era o horário para brincar na rua ou assistir desenhos pela manhã.

Crescemos sem nos dar conta e o que resta são saudades e confusão, sempre acompanhadas por eles: os “e se(s)”

## El peso de los “Y si”

¿Qué hacer cuando uno está confundido? A veces pienso que la vida adulta es una gran ‘¿y si?’. Entonces, ¿cómo dejar de pensar tanto en ellos?.

Las relaciones son difíciles; la confusión aparece y, justo después, los ‘¿y si?’.

Extraño los tiempos en que mi mayor preocupación era la hora de salir a jugar en la calle o ver dibujos animados por la mañana.

Crecemos sin darnos cuenta y lo que queda son nostalgias y la confusión, siempre acompañada por ellos: los ‘¿y si(s)?’

Júlya Tavares, tenho 20 anos e sou apaixonada por leitura. Nunca imaginei que enviaria um texto para uma revista, mas aqui estou, compartilhando um reflexivo sobre os “e se’s”. Esses questionamentos são pessoais e aposto que muitos por aí vão se identificar, acho que é a famosa “crises dos 20”.

## **OH, FLOR!**

Oh, flor...

Cante e dance, pequenina

Ame sem medidas

E, liberte-se!

Oh, flor...

O jardim é todo seu

Não tenha medo do breu

Pois, o amanhã é renovador!

Oh, flor...

Espalhe as suas cores pela brisa

Independente e solta pela vida

Presenteie o seu coração!

Seja flor, oh flor...

Lance as suas “falas”

Pois, por onde for

A sua luz irradiará sem temor!

**Karen Dias Oliveira**

**Nova Friburgo/ Rio de Janeiro**

## AMOR QUE DESTRÓI

Lembro-me de quando te encontrei  
Olhei em seus olhos e me apaixonei  
Ao seu lado eu queria estar  
Sabendo que não podia ficar

Feliz fiquei em saber que você era meu  
Meu coração sempre buscou o seu,  
Contento-me em te amar  
Não importo-me de sangrar

Achei que eu merecia estar  
Mas contigo não era o meu lugar  
Você queria voar,  
E eu cansei de te puxar.

Ainda te espero, e  
Não importa aonde eu vá  
Vivo na espera do dia  
Que eu vou te reencontrar.

## AMOR QUE DESTRUYE

Recuerdo cuando te encuentre,  
Le miré a los ojos y me enamoré.  
A tu lado quería estar,  
Sabiendo que no podía quedarme.

Me alegró saber que eras mío,  
Mi corazón siempre ha buscado el suyo,  
Me conformo con amarte,  
No me importa sangrar.

Pensé que merecía estar,  
Pero contigo no era mi lugar,  
Querías volar,  
Y me cansé de empujarte.  
Todavía te espero y

No importa a dond e vaya,  
Vivo esperando el día  
Que te voy a reecontrar.

Khyara Hadassa Gomes Brasil, nascida em 9 de agosto de 2008, no município de Porto Velho, capital do estado de Rondônia. Amante de esportes e música. Formada em libras, e filha única de Graciele Cristina Walthman Gomes Brasil, mulher que admiro e dedico meu desempenho neste poema.

## Biografia

Larissa Leal nasceu em 2003 em Pindamonhangaba, interior de São Paulo. Desde a infância, sempre demonstrou grande criatividade e aptidão para as artes. Aos oito anos, publicou uma coletânea de poemas no jornal da escola com o apoio de um de seus professores. Conforme crescia, seu fascínio pela escrita se intensificou e, durante o ensino médio, Larissa iniciou diversos projetos literários, embora nunca os tenha concluído. Sua adolescência foi um período um tanto conturbado. Aos 15 anos, foi internada numa clínica psiquiátrica em Itapeverica da Serra, devido a uma tentativa de suicídio. O episódio gerou um grande trauma em sua vida e, pouco depois, a jovem se viu estagnada num terrível bloqueio criativo que a impediu de escrever por anos. A obra apresentada marca seu singelo retorno ao mundo da escrita.

## Nuvens de Fumaça

Fumo, fumou,

Fumava, clamou

Por chuvas e tempos

Molhados, amados,

Deixados para trás.

Fumo, fumou

Belas nuvens carregadas

De água, vivaz.

Fumante, amante

De neblinas geladas

E tempo sagaz.

## **O azul do mar**

Como é belo o azul do mar  
Suas águas límpidas  
Que refletem o azul do céu.  
São tão translúcidas  
Que tocamos o fundo do mar.

Sua beleza nos encanta  
E os momentos vividos  
Perante a ti.  
Ficam marcados na memória  
E guardados em nosso coração.

Você testemunha a alegria  
das crianças, dos casais e  
das famílias.

Suas águas limpam a alma  
e renovam as energias.  
Como é bom às águas do mar  
Como é bom em suas águas acalmar.

## **El azul del mar**

Qué hermoso es el mar azul  
Sus aguas claras

Que reflejan el azul del cielo  
Tan translúcidas  
Que tocamos el fondo

Su belleza nos encanta  
Y los momentos vividos  
Frente a ti

Quedan impresos en nuestra memoria  
Y guardados en nuestros corazones.

Eres testigo de la alegría  
De niños, de las parejas y de  
las familias.

Tus aguas limpian el alma  
Y renuevan la energía.  
Qué buenas son las aguas del mar  
Qué bueno es  
Calmarse.

Lauciréia Silva Palácio, nasci no dia 19 de março de 1985 no Maranhão. Sou filha de Laurinda Silva do Nascimento e de Francisco Alves Palácio. Tenho quatro irmãos e dois filhos Anna Sophia Palácio dos Santos e Levi Matheus Palácio. Estudante do Curso de Espanhol do Instituto Estadual do Desenvolvimento da Educação Profissional.

## O Vigarista

Por conta de uns trocados quaisquer, ele estaria disposto a deixar sua antiga vida.

Permitiria que seus irmãos sucumbissem à fome, se isso lhe trouxesse ambição.

Até diriam que entrou nos eixos no momento que subisse ao altar com uma bela moça. No instante seguinte, a tragédia seria alarmada entre a vizinhança, justificada por uma traição não-consumada.

Ele continua a perambular pelos corredores da realeza, por seu alto escalão.

Seu brasão enferrujado e banhado no vermelho escarlate de sangue inocente.

Este seria o homem que carregaria todo o fim de uma nação, se os deuses lhe dessem um mísero ato de atenção.

Seria coroado dentro de algumas semanas, e todos já pareciam tecer um clima fúnebre entre as escrituras.

As virgens planejavam algo infalível, para o qual nunca se esqueceria.

Concubinas se fariam de desentendidas no momento em que suas dúvidas soassem preocupantes.

Seu cadáver amanhece nas correntezas frias de um rio desconhecido e distante.

Todos fariam questão de violentar seu corpo para que se tornasse desprezível e não fosse lembrado.

Porque sua influência já estaria derramada sobre o povo de uma terra esquecida.

A fúria e antipatia se tornam epidemia, condenando toda aquela nação.

As trapaças se alastram entre jogos de azar e na política do pão e circo.

O fraudulento teria cumprido com seu combinado, mesmo depois de executado.

Os tribunais da moral e da boa justiça fecham suas portas, porque já não têm mais valor.

O jargão (dele) proclamado ao som de um coro, na lembrança de um falso herói que teria libertado os seus.

Para sempre, os historiadores buscariam provas de um efeito tão eficaz quanto o deste infrator.

De fato, os maus rapazes carregam as lembranças de tempos de glórias que são deixados para trás.

Leonardo T. Domingues (@leotomaisofc) é um escritor nascido em Piracicaba, São Paulo, conhecido por sua paixão pela escrita, vinho e música. Com três livros autorais publicados e várias participações em antologias, sua jornada como escritor começou influenciada por amigos e pela observação da vida cotidiana. Inspirado por obras que marcaram sua adolescência, busca proporcionar identificação aos leitores em seus textos. Durante o isolamento, decidiu publicar seus próprios livros, incluindo "Te Li Nas Estrelas" e "Doce Heresia", ambos bem recebidos. Em 2023, seu livro "Insensata Frenesia", publicado pela Editora A Arte da Palavra, marcou um novo momento em sua carreira, convidando os leitores a explorar e racionalizar seus sentimentos sem restrições. No ano seguinte, a republicação do livro numa edição especial ganhou espaço, dando início a uma nova trajetória profissional para o escritor.

## **Vida adulta**

A vida adulta

não é fácil.

É preciso saber

viver.

Nada é fácil

nessa vida.

É preciso sabedoria

para entender.

O Processo não

é fácil suportar.

Temos muitas lutas.

É preciso fé e confiança.

Seu momento vai chegar.

O sol brilhará.

O seu sorriso voltará.

As lutas vão passar.

Sua alegria vai chegar.

Os seus sonhos vão

no tempo certo acontecer.

A vida adulta é difícil de viver.

## **Aí, é difícil entender a vida**

Entre altos e baixos

a vida me assusta.

Temos perdas incontroláveis  
difícil de entender.

Quero uma perfeita  
vida viver, sonhar sem temer.  
A vida é complicada de viver.  
Imagina a dois o tumulto que deve ser.

Vida difícil de seguir.  
Vida difícil de viver.  
Às vezes penso até em desistir.  
Para assim não sentir o desgosto dessa vida.

Vida difícil de entender.  
Fácil não é viver.  
Vida complicada de viver.  
Quão difícil é a vida.

**Biografia:**

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa brasileira. Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE) patronesse Ruth Guimaraes cadeira 39. Participa de diversos concursos literários.  
Instagram: @liecifranborgesmartins

## NATUREZA: A LONGA TRAVESSIA

Graça *Venâncio*

Fui uma criança e adolescente feliz  
Conheci o milagre dos peixes  
E as delícias do sertão dos meus avós  
Sei da importância de ficar em silêncio para rezar  
Com a vida fui descobrindo verdades e mentiras  
Fiquei mulher e mãe de uma filha  
Sigo com um companheiro, respeitando as opções feitas por ele  
Como professora fiz e faço o que posso  
Hoje posso dizer com convicção que  
Para que todos possamos sobreviver  
É preciso preservar o Planeta Terra  
Animais, homens e florestas precisam de respeito para viverem  
Haver um pacto entre várias culturas, religiões e nações  
Convergindo para fé e esperança  
A mundialização do capitalismo permitiu o respeito a diversidade  
E o compromisso entre nações, países e cidades em torno de uma missão comum  
As culturas são diferentes, as religiões também, mas todas convergem para a fé e a esperança

Maria das Graças de Menezes Venâncio

Crônicas e poesias publicadas nos livros: “Tanto Canto em versos, artes e prosas”, “A mulher em estações” e “Bendita a mulher e sua literatura – Coletânea”, publicações da Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguares – ALAMP. Outras crônicas publicadas na imprensa de Natal Rio Grande do Norte onde nasceu e mora. Pintora de aquarelas e artesã de colares.

Por quê?

Por que tanto espinho na dor,  
Por que tantas pétalas machucadas  
Na flor? Porque o espinho retirado passa a dor.  
Por que a pétala machucada também  
Tem cheiro de flor.

Por que uma lágrima que o orvalho  
Deixou de lembrança na flor?  
Por que a lágrima do orvalho  
Também lembra o beijo na flor

Por que o cheiro de dor na noite que passou?  
Por que o cheiro da dor também é feito de esperança  
No raiar de um novo dia que desperta para um sonhador

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

Silencias

Silencias, diante de tanto barulho  
Pois o silencio ajuda a te entender.  
Silencias, para escutar o que buscas  
Silencias, para que possas ouvir a palavra certa  
Silencias, para encharcar. Nas águas puras,  
Que só tu contemplas...  
Silencias para falar com o teu interior.  
Silencias, para entender os por quês.  
Das tuas perguntas.  
Silencias, Silencias e entenderas o teu silencio.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

Vida

Vida, expressão de cada ser.

Seja alegre

Seja triste

Seja sofrido

Seja sonhador.

Vida essência de um ser

Essência pura

Essência leve

Essência suave

Essência rustica

Essência de valores

Vida é luz

Luz que ilumina

Luz que irradia

Luz que na penumbra da alma

Contagia o íntimo ser

Vida é vida

Acompanhadas de tantas vidas

Que provoca outras vidas

Na fecundidade

Maria de Fatima Canindé Silva da Fonsêca

Ar

Ar, importante a vida,

sopro de saúde.

Ar puro, essência transformadora.

Ar poluído que contamina ambientes.

E o meio ambiente.

Ar que necessitamos para manter a vida

Ar que transformamos quando conscientizo

Que somos responsáveis pelo habitar

E que a vida merece cuidado

E só nós somos capazes de zelar.

Ar fragrância que absorvida inala o suave cheiro de terra molhada

Da poeira da terra, do vento leva o convite para longe

Além das montanhas, montes, arvores, rios, riachos, mares..

Ar prioridades do ser vida.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

Família

Família é o mais sublime aconchego.

Aconchego fertilizante.

Aconchego de lembranças.

Aconchego de saudades.

Família sinônimo de alegria

Elo forte, secreto, partilha.

Família unida, desnuda, conflitante

Família profunda raiz

Marco genético, biológico.

Família do coração

Família esteio da humanidade.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

O que é a cor?

Sou negro

Sou gente

Sou humano

Sou inteligente

Sou como você

Sou branco

Sou pardo

Sou caboclo, índio

Sou negro

Sou gente

Sou humano

Minha pele é escura

Meu sangue é vermelho

Como todo ser humano

Sou gente

Sou humano

Eu penso

Eu sinto

Eu sofro

Sou gente

Sou humano

Clamo por meus direitos,

Luto por meu existir,

Brigo por meus sonhos

Sonho de liberdade Sonho de igualdade, sonho de ser feliz.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

O tempo Certo

O tempo dirá o que esperar

O tempo ensina a viver

O tempo coopera com o aprender

O tempo constrói cotidianamente.

Mas é preciso esperar o tempo certo

Certo de plantar e colher,

de chorar e de sorrir,

De adoecer e de sarar.

Só o tempo dirá: quanto tempo para esperar

Ele também nos ensina

que o tempo nos mostrará

que quem espera o tempo certo este conquistará

Portanto, não atrole o tempo

Pois, o tempo ensinará que ele é

Tão importante que vale apenas esperar.

Maria de Fátima Canindê Silva da Fonsêca

Quem eu sou?

Sou um pedaço,

Um pouquinho,

Um tiquinho,

Eu sou início,

Eu sou laço,

Eu sou poço,

Eu sou água, luz, terra, sol,

Eu sou força, sou paz, sou esperança.

Eu sou o grito escondido  
Eu sou o eco desse grito  
Eu sou revolução, reflexão,  
Eu sou gente, sou emoção,  
Eu sou energia, trabalho,  
Eu sou abrigo, sou casa,  
Eu sou apoio, sou caminho,  
Eu sou tua direção, teu guia.  
Eu sou teu Deus.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

A sede

Sede é algo singular.

Sede de água,

Sede de paz,

Sede de diálogo,

Sede de pão.

Sede de casa,

Sede de família e saúde,

Sede de trabalho, justiça e cidadania

Sede de respeito, compromisso e educação.

Sede de Políticas Públicas e valorização,

Sede de um meio ambiente bem cuidado.

Sede de um mundo organizado,

De pessoas com um olhar que falam as mesmas conquistas de unidades.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

## O OUTRO LUGAR DO AMOR

**Maria Errico – Italia**

Não verei, amanhã,  
Sua cara na teia de aranha  
Sem forma da memória...  
Eu não vou te procurar, desesperado,  
Em Outro Lugar do Tempo Perdido,  
Eu moro com você, agora já,  
No outro lugar do espaço-tempo  
De um universo paralelo,  
Do que apenas físicos teóricos  
Podem imaginar...  
Floresce, naquele outro lugar,  
Nosso amor atormentado,  
Como um jardim floresce à noite  
Que, pela manhã, desvenda  
O segredo das rosas invioladas.

Tradução Márcia Batista Ramos

## MÃE ETERNA!

Um amor para abraçar na solidão, e acalmar o meu coração, cresci vendo minha mãe superar qualquer obstáculo, apesar das preocupações e dos problemas, ela se levantava todos os dias com um sorriso e fazia tudo para manter a família unida, choro pelas ruas para ninguém ver, sem ninguém a confiar e seu ombro para desabafar.

Mãe, meus olhos não conseguirão mais enxergar você, meus ouvidos não mais escutarão sua voz, mais meu coração baterá de saudade. Você não está mais entre nós, lembrarei com carinho todos os lindos momentos. Você partiu e deixou um vazio no meu coração, a saudade é grande, mas sempre lembrarei de sua força, determinação, coragem e principalmente do amor, você ficará eternamente em meu coração.

Mãe você foi um anjo ao longo de toda minha vida e agora continua sendo um anjo no céu, minha mãe uma grande mulher, a melhor mãe que poderia ter, as minhas lágrimas são de saudade pela minha mãe que tanto amo, mas já não tenho ao meu lado.

Obrigada por tudo, te amo para sempre.

## POESÍA

### MADRE ETERNA

Un amor para abrazar en soledad, y calmar mi corazón, crecí viendo a mi madre superar cualquier obstáculo, a pesar de las preocupaciones y problemas, ella se levantaba todos los días con una sonrisa e hacia todo lo posible para mantener unida la familia, lloro en las calles sin nadie a quien ver, nadie en quien confiar y nadie a quien apoyar para desahogarse.

Madre, mis ojos ya no padrán verte, mis oídos ya no escucharán tu voz, pero mi corazón palpitará de anhelo de que ya no estás entre nosotros, recordaré con cariño todos los lindos momentos. Te fuistes y dejastes un vacío en mi corazón, te extraño mucho, pero siempre recordaré tu fuerza, determinación, coraje y sobre todo tu amor, permanecerás en mi corazón por siempre.

Mamá fuistes un ángel durante toda mi vida y ahora sigues siendo un ángel en el cielo, mi madre es una gran mujer, la mejor madre que pude tener, mis lágrimas son de añoranza por mi

madre a quien amo tanto, pero ya no tengo a mi lado.

Gracias por todo, te amo por siempre.

Maria de oliveira da silva, 49 anos, casada há 24 anos tenho um casal de filhos, sou natural de Codajás- Amazonas, moro em porto velho a 26 anos, graduada em administração, estudante do curso técnico em logística e cursando o curso de espanhol pelo Instituto Estadual de Desenvolvimento da Educação Profissional.

## Meus mortos, meus queridos mortos

Até quando eu verei seus rostos diante de mim, em desfile?

Até quando verei seus rostos, não de como vocês são genuinamente em minhas lembranças, nem de como vocês eram realmente em sua essência

Mas eu vejo os rostos de vocês como vocês estavam na minha lembrança, na lembrança de como vocês ficaram ao morrer

Meus mortos, meus queridos mortos

Meus mortos, eu os perco de novo quando os seus rostos me assombram nos meus sonhos/ pesadelos

Meus mortos, eu os perco novamente quando tento agarrá-los quando vocês vem me visitar em meus sonhos com seus rostos deformados

E vocês fogem de mim

Meus mortos, meus queridos mortos

Até qual momento, terei de jurar eu que não foi culpa minha?

Até qual momento, vocês serão meus juízes sem piedade?

Até qual momento, eu terei de suplicar eu para vocês?

Ah, meus queridos mortos, como gostaria eu de ter feito mais por vocês

Ah, meus queridos mortos, como eu gostaria de não ter interpretado os sinais de forma tão errada

Ah, meus queridos mortos, como eu gostaria de ter sido a mais delicada, a mais excelente dentre os excelentes, com a simplicidade ter sido a melhor

Ah, meus queridos mortos, meus queridos mortos

Eu vivo em uma geração má e perversa que não reverencia mais os seus falecidos e não atenta mais para o luto como coisa preciosa e reverente

Ah, meus mortos, meus queridos mortos

Eu juro que eu gostaria de ter feito mais por vocês

Se servido for

Se servido fosse, riso nenhum mais se acharia na minha boca, pelo resto dos meus dias

Se servido fosse, alegria nenhuma mais teria eu pelo resto dos meus dias

Se servido fosse, prazer nenhum mais teria eu, por causa de vocês meus queridos mortos

Ah, meus queridos mortos

Vocês são os meus mortos

Porque eu tinha afeição por vocês todos

E vocês, alguns de vocês morreram olhando para mim

Suas cabeças longe de estarem cobertas estavam olhando para mim

E cabeça com cabeça ficamos perto, no momento no qual vocês se tornaram meus mortos, meus queridos mortos

Milena Roberta

## Momentos de amor (Em português)

Belos momentos de amor,  
que passei.

Quando nos seus braços me  
entreguei.

Momentos esses, que só eu  
e você vivemos...

Na plenitude do ar te conquistei,  
E no ar declarei que em um momento  
De amor não te esquecerei.

Foi, você que conquistou, um coração,  
que se apaixonou,

Mesmo se os tempos mudarem  
Sempre terei para te oferecer,  
Belos momentos de amor.

## Momentos palabras del amor (Em espanhol)

Mira los momentos de amor  
Que pasé,  
Cuando me entregue en tus  
Brazos. Este es el. que  
Momento que solo,  
Vivimos tú y yo,  
en la plenitude del aire te conquiste

y declare que  
en um momento de amor  
no te olvidaré.  
Fuiste tú quien  
Conquistó un  
Corazón,  
Que se enamoró,  
Incluso si los tiempos  
Cambien.  
siempre tendré  
Para ofrecerte bellos  
Momentos de amor.

Osvaldina Duarte da Silva Luz, casada.

Sou mãe de dois filhos, uma menina e um menino, a alegria da minha vida.

Bacharel em Pedagogia, com graduação em Orientação.

Tec. Em Logística e estudante do curso de Língua espanhola no Instituto Estadual de Desenvolvimento- Idep.

## O ENCANTO DE VIVER

Ao acordar todos os dias,  
Recebemos a dádiva que é viver,  
O café exala energia e mútuas doses de alegria,  
Há sorrisos e cantorias em um novo dia que se inicia.

Os passos se apressam para as vivências do dia,  
As obrigações a fazer passam rápido como uma melodia,  
A tarde é mais tardia, os horários não passam como o ritmo do coração,  
Mas, nos geram muita gratidão pelo trabalhar e ter uma família para amar.

A noite chega,  
E com ela a alegria de compartilhar o aconchego do lar,  
A casa vai ganhando vida, sorrisos e passinhos apressados para brincar enquanto esperam o jantar.

Há beleza na simplicidade da vida,  
Há beleza no acordar, deitar e sonhar,  
Há beleza no viver e ser,  
Há beleza no amar.

## EL ENCANTO DE VIVIR

Cuando me despierto todos los días,  
Hemos recibido el don de vivir,  
El café rezuma energía y dosis mutuas de alegría,

Hay sonrisas y cantos en un nuevo día que comienza.

Los pasos se apresuran a las experiencias del día,

Las obligaciones a cumplir pasan rápidamente como una melodía,

La tarde es más tarde, los horarios no pasan como el ritmo del corazón,

Pero, generan mucha gratitud por trabajar y tener una familia a la que amar.

Llega la noche,

Y con ella la alegría de compartir el calor del hogar,

La casa cobra vida, sonrisas y pasos apresurados para jugar mientras se espera la cena.

Hay belleza en la sencillez de la vida,

Hay belleza en estar despierto, acostado y soñando,

Hay belleza en el vivir y en el ser,

Hay belleza en amar.

Patrícia Campos Cardoso, Nascida em Porto Velho-RO, Pedagoga Licenciada, estudante de língua espanhola no Instituto Estadual De Desenvolvimento Da Educação Profissional (IDEP)

## poetas

Poetas para mim são os médicos  
Onde os versos são cirúrgicos,  
Poetas para mim são pedreiros e arquitetos  
Onde a estrutura da estrofe vai do chão ao teto.

Poetas para mim são as crianças  
Onde brincam com as rimas como se fossem danças,  
A poetisa para mim é psicologia  
Onde os espaços brancos entre as estrofes remetem a uma mente vazia.

Os poetas para mim são advogados  
Onde os versos podem ser metrificados,  
Os poetas para mim são os hippies  
Onde os versos podem ser livres.

O Poema é como a sociedade  
Sem nenhuma dessas funções não existia,  
O poeta não tem noção de tamanha responsabilidade  
Que versos podem trazer imensa tristeza ou uma grande alegria.

Pedro Henrique de Oliveira

## O CALOR DO AFETO

Rafaell Vunggee

Em cada toque, um mundo se revela.  
Um gesto simples que acalenta e guia  
No afeto há uma chama singela  
Que aquece o coração dia após dias

E no abraço apertado, na mão estendida.  
Que o amoe se veste de serenidade  
No olhar gentil, a vida é sentida.  
Transbordando em ternura e verdade

O afeto não fala, mas sabe dizer.  
Nas entrelinhas, o que a alma deseja.  
Ele é o laço que insiste em viver,  
Mesmo quando a distância enfraqueja

E assim, no silêncio que o tempo entrelaça  
O afeto permanece firme e seguro  
É na beleza do que não se esquece  
Que o amor traça seu caminho puro

No acto eterno de dar e de receber  
O afeto floresce, sem pedir retorno.  
Ele é o chão onde a alma quer ser  
Raiz profunda em cada cont

## **Carta para minha eterna paixão**

Ocasionalmente suponho minha vida sem você,  
Se porventura naquela noite,  
Você não tivesse emergido,  
Com um olhar sereno que me acalentou,  
É um sorriso semelhante a uma doce melodia.  
Possivelmente meu céu ainda estaria sombrio,  
E meus dias descontentes.  
Você me trouxe fulgor e propósito,  
Transformando seus braços em meu Porto Seguro.  
Creio em predestinação,  
Mesmo antes de irmos ao mundo,  
Nossos destinos estavam traçados,  
Não sei até quando perdurará esse amor,  
Mas você será o meu para todo o sempre.

## **Carta para mi eterna pasión**

Ocasionalmente supongo mi vida sin ti,  
Si acaso esa noche,  
Tú no hubieras emergido,  
Con una mirada serena que me reconfortó,  
Es una sonrisa semejante a una dulce melodía,  
Posiblemente mi cielo aún estaría sombrío,  
Son mis días descontentos.  
Me trajiste fulgor y propósito,  
Transformando tús brazos en mi refugio seguro.  
Creo en la predestinación,

Incluso antes de venir al mundo,  
Nuestros destinos ya estaban trazados,  
No sí hasta cuándo perdurará este amor,  
Pero tú serás mío para siempre.

Regiane Araújo dos Santos, 28 anos, filha mais nova de duas irmãs e um irmão, estudante de enfermagem, estudante de espanhol no Instituto Estadual de Desenvolvimento da Educação profissional.

## O LUTO

Um dia iremos partir  
E o luto alguém irá sentir  
Isso não pode ser o fim  
Pois para quem amo sempre estará aqui.

O luto eu já senti  
Confesso, doeu até aceitar que isso  
Não é um adeus, e sim um  
Até breve.

Hoje eu sinto uma dor.  
Sempre que posso transformo em amor.  
Amor pelos meus, seus e nossos  
Amor pela vida e por tudo que sei que ainda posso.

Um dia o luto quase me acabou  
Levantei e mostrei que amor sempre  
Me levantou. Aprenda que luto não é o  
Fim, e sim um, até logo filha!

## EL LUTO

Un día nós iremos dejar  
Y en el dolor alguien se sentirá  
Eso no puede ser el final  
Porque para quien amo siempre estará aqui.

El dolor yo ya sinti  
Lo confesse, duele incluso aceptar eso  
No es un adios, e si un  
Hasta Luego.

Hoy siento um dolor,  
Siempre que puedo convertime en amor.  
Amor por los míos, los suyos y los nuestros  
Amor a la vida y todo que se que aún puedo.

Un día de dolor casi me há acabado  
Me levanté y mostré que el amor siempre  
Me levantó. Aprenda que el duelo no es el

Fin, sino un hasta luego, hija!

Regina Maria de Souza Santiago, nascida em 15 de abril de 1987, no município de Porto Velho – Rondônia, casada, mãe de 2 filhos, umbandista, dona de casa, ensino médio completo concluído em 2006, no momento estudando Espanhol no Instituto Estadual de Desenvolvimento da Educação Profissional de Rondônia (IDEP).

### **Flamengo (Portugues)**

Não precisa explicar,  
só precisa sentir,  
a cada vitória,  
meu amor pelo flamengo se renova e fortalece!  
O mundo se curva ao meu flamengo,  
a nação rubro negra é pura explosão.  
Viver sem flamengo  
é como um gol sem comemoração,  
não faz sentido!  
O DNA rubro negro corre em minhas veias,  
é a essência da minha paixão.  
Te amo flamengo pra sempre!

### **Flamengo (Español)**

No hace falta explicario,  
sólo necessitas sentir,  
com cada victoria,  
mi amor por el flamengo se renueva y se fortalece!  
El mundo se inclina delante mi flamengo  
la nación negra y vinotinto es pura explosión.  
Vivir sin flamengo  
es como um gol sin celebración,  
no hace sentido!  
El DNA vinotinto y negro corre a través de mis venas,  
es la esencia de mi pasión.  
¡Te amo flamengo por siempre!

Rodolfo Diogo.

Está Biografia é de um torcedor fanático do flamengo, gosta muito de futebol, nasceu em Porto-Velho RO, tem 33 anos, pai de 2 filhos, trabalha como auxiliar administrativo. amante de uma bela partida de futebol com os amigos nos finais de semanas.

## Lírios da paz

Rosângela Mariano

São Leopoldo - RS

Na brancura  
das cores,  
imaculada  
pureza,  
suaves  
perfumes,  
florescem  
lírios formosos...

- São lírios da paz!

Pétalas molhadas  
de orvalho...  
macias,  
suave mistério,  
tons de nostalgia,  
desabrocham  
e choram,  
imploram perdão,  
bendizem a paz...

*Instagram: marihanaescritora*

de mim o meio sol vermelho  
a caixa de batom  
a luva escondida no bolso  
o beijo  
teus lábios doces  
minha passagem sem horas  
tempo sem inversão  
vento ao correr dos olhos  
depois de tudo  
os lençóis, a cama vazia  
eu, você, nós  
dormimos nas nuvens  
em retalhos de pêssegos desenhados  
numa aquarela de parede

rosângela trajano

## **MEU PAI AMADO**

(Domingos João Fagundes)

Domingos era meu pai,  
sempre tão amoroso,  
meu amado papai,  
presente e atencioso!

Meu grande amigo,  
meu maior confidente,  
toda a vida comigo,  
era meu herói valente!

Aprendemos a sonhar,  
inventávamos histórias,  
felizes à caminhar,  
guardado em memórias!

**Roselena de Fátima Nunes Fagundes**  
**São Gabriel/RS/Camaçari/Bahia/Brasil**

## Amor Eros-Pragma

Sibelle Holanda

O amor precisa de uma pausa para ser refletido, entendido e vivido intensamente. Se no mundo as pessoas tivessem impregnado em sua alma o amor Eros, juntamente com o amor Pragma, não haveria tanta desilusão e decepção. Ambos, Eros e Pragma, devem "conviver" unidos, dentro e entre dois corpos que se amam. Naturalmente, entrelaçados em seus movimentos atitudinais; diariamente a cada dia e naqueles suspiros dados. Uma troca sem 'troca' entre os amantes; dentre a paixão e o romance, como compromisso e companheirismo. Nesta dinâmica, encontra-se a essência mais específica daquele amor tão esperado. Que amor é este que pode atingir a camada mais profunda da alma humana? Quando a sua potência e força é mais forte que a "Tsar Bomb"? É este amor eterno e tão conhecido, entrelaçante entre Eros e Psique; apesar das constantes lutas e escolhas do dia a dia. Fato do qual vemos na história grega a luta que travou Psique e Eros que não desistem do amor mútuo, apesar de todas as dificuldades. E não é assim o amor? Para se ganhá-lo devemos subir a mais alta montanha e fazer sacrifícios para provar o qual somos merecedores de recebê-lo. Mas nem todos querem lutar para conquistar, querem algo fácil e se enganam muitas vezes pensando ser o "Amor". Feliz daquele que encontrou este amor "Eros -Pragma"; Encontrando, por certo, um grande tesouro. O Tesouro é inestimável e incomensurável. Existe, também, aquele amor que é "Philautia", uma troca pela troca que é egocêntrico. E, este tipo de amor é o mais visto nos dias atuais. O amor "Ludus", por outro lado, é passageiro como um meteoro, uma simples aventura casual e sem "trocas". E, este é típico dos "dias de carnaval". Por fim, um brinde para aqueles que descobriram o verdadeiro amor, em sua essência mais profunda do amor Eros e amor Pragma. Quem o encontrou, é um bem-aventurado. Felizes aqueles que encontraram o amor e dele beberam seus frutos, és bendito e afortunado.

Os anjos aplaudem nos céus, beneplácito!

## A Lua

Na tela do céu, a noite se estira,  
Um manto profundo, onde a calma respira,  
Cintila a esperança em cada estrela,  
A luz que ilumina, suave e tão bela.

Oh, lua, rainha do meu coração,  
Teus raios me guiam, como uma canção,  
Te vejo dançando entre sombras e brisas,  
A cada instante, tuas formas se eternizam.

Em versos de amor, na brisa serena,  
Sussurros de sonhos, como a luz da acena,  
Teu brilho me abraça, me envolve em ternura,  
No encanto da noite, és pura loucura.

E assim, eu te amo, em cada estelar,  
Teus traços de prata, meu mundo a iluminar,  
Na melodia suave que o silêncio traz,  
A lua é o nosso amor, que nunca se faz capaz.

Contemplando o céu, em sua imensidão,  
Perco-me em teus olhos, uma doce prisão,  
Oh, lua, minha amada, eternamente em mim,  
Teu brilho é a vida, o início do fim.

## La Luna

En la pantalla del cielo la noche se extiende,  
Un manto profundo, donde se respira la calma,  
La esperanza brilla en cada estrella,  
La luz que ilumina, suave y tan hermosa.

Oh luna, reina de mi corazón,  
Tus rayos me guían, como una canción,  
Te veo bailando entre sombras y brisas,  
En cada momento, tus formas se vuelven eternas.

En versos de amor, en la brisa serena,  
Susurros de sueños, como la luz de una ola,  
Tu brillo me abraza, me envuelve en ternura,  
En el encanto de la noche, eres pura locura.

Y así te amo, en cada estrella,  
Tus huellas plateadas, mi mundo iluminando,  
En la suave melodía que trae el silencio,  
La luna es nuestro amor, que nunca es capaz.

Contemplando el cielo, en su inmensidad,  
Me pierdo en tus ojos, una dulce prisión,  
Oh luna, amada mía, eternamente en mí,  
Tu brillo es vida, el principio del fin.

Silma Leite Santos, nascida na cidade de Porto Velho/RO, graduada em Ciências Biológicas, estudante da língua espanhola no Instituto Estadual de Desenvolvimento da Educação Profissional.

## Los encantados

En el alba serena, nace el día,  
Donde el sol despreza su luz dorada,  
Y el canto de los pájaros es melodía,  
Que en el aire fresco, la vida es revelada.  
En el susurro del viento,  
Se esconde un secreto,  
Un suspiro eterno,  
Un amor sin lamento.  
Los campos se visten de verdes intenso,  
Mientras la brisa acaricia los  
Inmensos, espacios de paz, donde el tiempo es señor.  
Pero llega la tarde con su manto dorado,  
Y el cielo se tiñe de rojo y anaranjado,  
Los sueños se despiertan en el crepúsculo amado,  
Y la noche susurra en un abrazo encanto.  
Al final del día, bajo la luna serena,  
Se apagan los ruidos y la calma se adueña,  
Y en el silencio se escucha una pena,  
De un mundo que siempre en belleza se sueña.

## Os encantos

Na alvorada serena, nace o día,  
Onde o sol despreza sua luz dourada,  
Eo canto dos pássaros é melodía,  
Que no ar fresco, a vida é revelada.  
No susurro do vento,

Esconde-se um segredo,  
Um suspiro eterno,  
Um amor sem lamento.  
Os campos se vestem de verde intensos,  
Enquanto a brisa acaricia os imensos, espaço de paz, onde o tempo é senhor.  
Mas chega a tarde com seu manto dourado,  
E o céu se tinge de vermelho alaranjado,  
Os sonhos despertam no crepúsculo amado,  
E a noite susurra um abraço enquanto.  
Ao final do dia, sob a lua serena,  
Se apagam os ruídos e a calma se apossa,  
E no silêncio ouve-se uma pena,  
De um mundo que sempre em beleza se sonha.

Taislene Carvalho de Freitas, natural de Rondônia nascida em 12/03/1995 , divorciada, dois filhos. Amante da confeitaria, gosta de se aventura em novas experiências e conhecimento, assim como fazendo vários cursos para aperfeiçoamento, atualmente fazendo curso de espanhol no instituto estadual de desenvolvimento da educação profissional.

No meio da braquiara  
Das árvores tortas do belo cerrado  
Aprendi a discernir, o certo do errado

No belo dia ensolarado  
Correndo pelo capim queimado  
Lá estava eu, um jovem sonhador em e meio ao arado

Lindos canteiros de folhas verdes  
Contrastavam com os belos pés de manga  
E também com o belíssimo córrego de águas correntes

Crianças empinando pipas  
Contrastavam com os trabalhadores rurais  
E também, com os misteriosos lamaçais

Quão bela é a gente  
Que trabalha mesmo no Sol quente  
Para alimentar tanta gente  
Ainda que entre um gole e outro, de água ardente

Não há lugar melhor no mundo  
Que o jardim belo e profundo  
Que a memória nos leva ainda que por um segundo

Não há como impressionar sem ser impressionado  
Pela beleza do córrego amado  
Que corta o cerrado  
E garante, que o todo seja alimentado

Tcharles Biracy Gama de Sousa

Meu Pai...

Pai, meu querido,  
És meu herói.  
Com seu singelo  
Abraço, me alentou  
Com seu amor.

Pai, meu amigo,  
Com sua amizade,  
Me deu conselhos  
Com muita sabedoria  
E sensatez.

Pai, meu protetor,  
Com sua proteção  
Fez-me ter coragem  
E força para lutar  
E persistir.

Pai, com seu afeto  
E presença,  
Tornou-se meus  
Dias memoráveis  
E valiosos  
Por ter o senhor como pai.

Pai, obrigada  
Por tudo  
E por tanto  
Amor, carinho, proteção,  
Conforto e inspiração.  
Te amo, pai!

Biografia:

Thais Faustino Bezerra - Gosta de escrever e compartilhar girassóis em Escrita da Girassol (@escritadagirassol).

<https://www.instagram.com/escritadagirassol/>

Gratidão, Deus!!!!

## **Perdido**

Seus pensamentos, perdidos  
Em pedaços  
Se dispersos num tempo  
Que não se deixa apagar.

Pouco restou,  
Mas são preciosos  
Como relíquias do tempo  
Pedaços de um todo que não se vê

Algo se molda,  
Lento, como a maré esculpe  
Uma rocha, com o tempo  
Os fragmentos se unem  
Um novo sentido  
Reconstruído pela memória  
Jamais perdida.

## **Perdido**

Tus pensamientos, perdidos  
Deshecho  
Si se dispersa en el tiempo  
Eso no se puede borrar

Poco quedó,  
pero son preciosos  
Como reliquias del tiempo

Piezas de un todo que no se pueden ver

Algo toma forma

Lento, como la marea talla

Una roca, con el tiempo

Los fragmentos se unen

Un nuevo significado

Reconstruido por la memoria

Thomazia Giovana Cidade De Souza, 17 anos, estudante de espanhol no Instituto Estadual de Desenvolvimento da Educação Profissional

## Os morcegos ainda voam procurando sapotis maduros

*(para Gramiro de Matos)*

As luzes eram incandescentes

Depois vapor de mercúrio

Depois vapor de sódio ou led

Tentando tornar dia, a noite

Mas os morcegos ainda voam procurando sapotis maduros.

Havia árvores nas calçadas

Paralelepípedos de granito na via

Arrancaram todas as árvores

O asfalto engoliu o piso de pedra rajada

Mas os morcegos ainda voam procurando sapotis maduros.

Amigos paravam nas esquinas

Vozes mais altas que os autos

Ninguém mais para nas calçadas

Os ruídos dos autos calam as vozes

Mas os morcegos ainda voam procurando sapotis maduros.

Trocavam-se cumprimentos os passantes

Rostos eram conhecidos ou a conhecer

Olhos colados nos celulares

Impedem de ser visto ou ver

Mas os morcegos ainda voam procurando sapotis maduros.

Últimos ruídos em alta madrugada

Último farfalhar das asas quirópteras

Últimos guinchos das criaturas da noite

Últimos rumores de frutos arrebentando na calçada

Os morcegos ainda voam, mas não há mais sapotis maduros.

William S. M. Bittar

Arquiteto FAU-UFRJ, professor (aposentado) por quatro décadas em Faculdades de Arquitetura e Urbanismo. Autor e Co-autor de livros e artigos sobre Arquitetura no Brasil e Patrimônio Cultural. Colunista do Diário do Rio.

# Expediente

Revista Barbante  
Vol. XII - Nº 66 - 30 de agosto de 2024  
ISSN 2238-1414

## 12 anos da revista Barbante

Editores

*Rosângela Trajano da Silva*

*Samuel de Souza Mattos*

*Monalisa Carrilho de Macêdo*

Revisão  
*Dos autores*

Conselho editorial

*Maria Reilta Dantas Cirino*

*Shirlene Santos Mafra Medeiros*

*Beth Iacomini*

*Maria Emília Monteiro Porto*

Ilustrador desta edição  
Vicente Vitoriano

Webmaster/Webdesigner

Danda Trajano

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

\*\*\*\*\*

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

